

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CAMPUS SANTA MÔNICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

REGINA MARIA MARTINS COSTA

**MUSEUS DE CIÊNCIAS BRASILEIROS E SEUS
CONTRIBUTOS PARA UMA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS
ANTIRRACISTA**

UBERLÂNDIA

2023

REGINA MARIA MARTINS COSTA

**MUSEUS DE CIÊNCIAS BRASILEIROS E SEUS
CONTRIBUTOS PARA UMA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS
ANTIRRACISTA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva

UBERLÂNDIA

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C837 Costa, Regina Maria Martins, 1966-
2023 Os Museus de Ciências brasileiros e seus contributos
para uma educação (anti) racista. [recurso eletrônico] /
Regina Maria Martins Costa. - 2023.

Orientadora: Elenita Pinheiro de Queiroz Silva.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.677>

Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz ,
1965-, (Orient.). II. Universidade Federal de
Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

| | | | | | |
|------------------------------------|--|-----------------|-------|-----------------------|-------|
| Programa de Pós-Graduação em: | Educação | | | | |
| Defesa de: | Tese de Doutorado Acadêmico, 16/2023/359, PPGED | | | | |
| Data: | Vinte e oito de abril de dois mil e vinte e três | Hora de início: | 14:00 | Hora de encerramento: | 18:30 |
| Matrícula do Discente: | 11813EDU036 | | | | |
| Nome do Discente: | REGINA MARIA MARTINS COSTA | | | | |
| Título do Trabalho: | "MUSEUS DE CIÊNCIAS BRASILEIROS E SEUS CONTRIBUTOS PARA UMA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS ANTIRRACISTA" | | | | |
| Área de concentração: | Educação | | | | |
| Linha de pesquisa: | Educação em Ciências e Matemática | | | | |
| Projeto de Pesquisa de vinculação: | "Saberes sobre corpo, gênero e sexualidades em manuais escolares/livros didáticos de Biologia - Brasil/Portugal" | | | | |

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/bancas>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Rosângela Souza da Silva - UFRB; Talamira Taita Rodrigues Brito - UESB; Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior - UFU; Helder Eterno da Silveira - UFU e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Membro de Comissão**, em 28/04/2023, às 18:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Souza da Silva, Usuário Externo**, em 02/05/2023, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **TALAMIRA TAITA RODRIGUES BRITO, Usuário Externo**, em 02/05/2023, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 15/05/2023, às 10:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Helder Eterno da Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 12/06/2023, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4457087** e o código CRC **319A5CE7**.

REGINA MARIA MARTINS COSTA

**MUSEUS DE CIÊNCIAS BRASILEIROS E SEUS
CONTRIBUTOS PARA UMA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS
ANTIRRACISTA**

Prof^a Dra^a Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, UFU (MG)
(Orientadora)

Prof^a Dra^a Rosangela Silva Souza (UFRB – Amargosa-BA)
(Membro efetivo externo)

Prof.^a Dra. Talamira Taita Rodrigues Brito (UESB)
(Membro efetivo externo)

Prof. Dr. Helder Eterno Silveira, UFU(MG)
(Membro efetivo interno)

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior, UFU(MG)
(Membro efetivo interno)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e bênçãos recebidas e ainda por nunca largar a minha mão nos momentos em que eu mais precisei.

Aos meus filhos Lorena e Phelipe, minhas netas Yanna Vitória e Lara para que jamais confundam conhecimento com sabedoria, porque o primeiro, ajuda a ganhar a vida e o outro a construí-la.

Ao meu marido Edilson pela paciência.

A minha irmã Meire pela cumplicidade e apoio logístico.

Ao *Grupo de Pesquisa Corpo, Gênero, Sexualidade e Educação* (GPECS) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU), sou grata pela parceria e momentos ricos nos estudos.

Agradeço ao corpo técnico-administrativo, especialmente àqueles envolvidos com as atividades experimentais integrantes do curso, bem como àqueles responsáveis pela área acadêmica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) pelas possibilidades formativas a mim propiciadas durante o Mestrado em Educação realizado naquela instituição.

Agradeço, em especial, a todos os professores com os quais tive a oportunidade de cursar disciplinas: Décio Gatti Júnior, Fabiana Fiorezi de Marco Matos, Lucia de Fátima Valente, Marcelo Soares Pereira da Silva, Maria Simone Ferraz Pereira, Romana Isabel Brázio Valente Pinho, Sandro Rogério Vargas Ustra.

A minha orientadora, Professora Dra. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva só tenho a dizer que desenvolver este trabalho sob sua orientação foi muito agradável, principalmente pelo seu dom de transmitir confiança e imputar responsabilidades que só fazem aumentar o instinto investigativo que faz desabrochar o(a) pesquisador (a) acadêmico(a).

Às Profs. Dras. Rosangela Silva Souza, Talamira Taita Rodrigues Brito que tão pronta e gentilmente atenderam ao nosso convite para participação no exame geral de qualificação e defesa. Agradeço pelas valiosas contribuições!

Agradeço aos Profs. Drs. Helder Eterno Silveira e Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior pela presença na defesa pública da tese e pelo carinho e atenção com que fizeram suas considerações.

A todos (as) os leitores (as) desde já meu muito obrigada e, por fim...

Boa leitura!

RESUMO

O mundo vive momentos em que acontecem e se replicam situações de violência contra as pessoas negras. Por isso, a sociedade se manifesta e sente a urgência de ações e, ou leis que revertam essa realidade. Enfim, parece que os olhos de uma grande parte das pessoas está se abrindo para a situação de descontrole nas relações étnico raciais, sejam elas na esfera social ou econômica. Este estudo traz os Museus de Ciências para esse contexto, visto que são considerados artefatos culturais detentores de uma localização histórico temporal e propagadores de uma Ciência que pode ou não contribuir para a educação das pessoas, pois trata-se de um lugar de aprendizagens. Em termos metodológicos trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa, cujo objetivo geral foi analisar a contribuição de museus de Ciências para a divulgação de uma educação antirracista a partir das páginas eletrônicas, conteúdos e materiais de divulgação da Ciência. Os objetivos específicos foram: Identificar e caracterizar a autoria, o tipo de publicação e de materiais disponibilizados nas páginas eletrônicas dos museus atinentes a educação antirracistas, no período de 2019 a 2021; Selecionar enunciações, enunciados e silêncios sobre a relação ciência e racismo nas páginas eletrônicas de museus de ciências; Examinar os efeitos de sentido e os contextos de produção de enunciados e enunciações sobre educação antirracista em páginas eletrônicas dos museus de ciências; Apresentar os museus de ciências como espaços de produção de uma educação antirracista. O procedimento analítico ancorou-se em alguns aspectos da proposta de Análise de discurso em Michel Foucault. Por fim, concluímos que há preocupações explícitas para uma educação antirracista, particularmente em dois dos museus analisados. Em um deles (Museu da Vida) há, na estrutura institucional, um órgão especialmente criado para a discussão étnico-racial. Existem, portanto, museus de ciências que pautam suas ações na educação para as relações étnico raciais abrindo caminhos para uma compreensão da ciência, da sua divulgação em articulação às diferentes culturas e à contribuição de diferentes grupos étnico-raciais, em particular, negros e indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Museus de Ciências, Educação antirracista, Racismo.

ABSTRACT

The world lives moments when they happen and situations of violence against black people are replicated. Therefore, society manifests itself and feels the urgency of actions and, or laws that reverse this reality. Finally, it seems that the eyes of a large part of people are opening up to the situation of uncontrolin racial ethnic relations, whether in the social or economic sphere. This study brings the Science Museums to this context, since they are considered cultural artifacts that have a temporal historical location and propagators of a Science that may or may not contribute to people's education, because it is a place of learning. In methodological terms, this is a descriptive-interpretative research, whose general objective was to analyze the contribution of science museums to the dissemination of a (anti)racist education from the electronic pages, contents and materials of dissemination of science. The specific objectives were: To identify and characterize the authorship, the type of publication and materials available on the electronic pages of the museums related to (anti)racist education, in the period from 2019 to 2021; Select utterances, utterances and silences about the relationship between science and racism in the electronic pages of science museums; Examine the effects of meaning and the contexts of production of utterances and utterances about (anti)racist education on electronic pages of science museums; Present science museums as spaces for the production of a antiracist education. The analytical procedure was anchored in the approach proposed by Michel Foucault on Discourse Analysis (AD). Finally, we conclude that science that still predominates in the institutions surveyed is still far from reflecting the concept of decolonization, because most of the time it is still based on actions that do not favor or make room for the proposed discussion. However, there are already some museum institutions that guide their actions in education for ethnic racial relations, paving the way for the theme to cause reflection and anchor new procedures aimed at developing empathy and respect between different cultures and groups.

KEY WORDS: Science Museums, Education, Ethnic Racial Relations, Racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tela da página inicial do Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Figura 2: Gráfico dos domicílios que utilizam Internet

Figura 3: Gráfico dos domicílios que não utilizam Internet

Figura 4: Porcentagem por finalidade do acesso a Internet

Figura 5: Nuvem de palavras do MCT-PUCRS

Figura 6: Mapa do MCT-PUCRS

Figura 7: Página inicial do MCT-PUCRS, banner 1

Figura 8: Página inicial do MCT-PUCRS, banner 2

Figura 9: Página inicial do MCT-PUCRS, banner 3

Figura 10: Página inicial do MCT-PUCRS, banner 4

Figura 11: Nuvem de palavras do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 12: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 13: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 14: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 15: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 16: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 17: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 18: Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Figura 19: Nuvem de palavras do Museu do Amanhã

Figura 20: Página inicial do Museu do Amanhã

Figura 21: Página inicial do Museu do Amanhã

Figura 22: Página inicial do Museu do Amanhã

Figura 23: Página inicial do Museu do Amanhã

Figura 24: Página inicial do Museu do Amanhã

Figura 25: Página inicial do Museu do Amanhã

Figura 26: Nuvem de palavras da Casa da Ciência e Cultura - UFMS

Figura 27: Página inicial da Casa da Ciência e Cultura - UFMS

Figura 28: Página inicial da Casa da Ciência e Cultura - UFMS

Figura 29: Página inicial da Casa da Ciência e Cultura - UFMS

- Figura 30: Página inicial da Casa da Ciência e Cultura - UFMS
- Figura 31: Página inicial da Casa da Ciência e Cultura - UFMS
- Figura 32: Nuvem de palavras do Museu Paraense Emílio Goeldi
- Figura 33: Página inicial do Museu Paraense Emílio Goeldi
- Figura 34: Página inicial do Museu Paraense Emílio Goeldi
- Figura 35: Nuvem de palavras do Museu do Museu Espaço Ciências - PE
- Figura 36: Página inicial do Museu do Museu Espaço Ciências - PE
- Figura 37: Página inicial do Museu do Museu Espaço Ciências - PE
- Figura 38: Card da capa do E-book: Quando o museu vai a favela e a favela vai ao museu.
- Figura 39: Card do folder da peça teatral Cinderela do Museu da Vida.
- Capa do livro Políticas Educacionais do Museu da Vida.
- Figura 40: Card da capa do podcast Favela e Ciência no Museu da Vida.
- Caderno do Museu da Vida: O formal e o não formal na dimensão educativa do museu.
- Figura 41: Folder da live “Onde escondemos o racismo nos museus”.
- Figura 42: Folder da live: Racismo estrutural: o que os museus tem a ver com isso?”
- Figura 43: Resumo do que rolou no 4º Seminário de Pesquisa e prática nos museus
- Figura 44: Folder do “Projeto Geppeto”.
- Figura 45: Banner da exposição “Diáspora”
- Figura 46: Card das capas dos livros expostos no menu “publicações”

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|----------|---|
| UFTM | Universidade Federal do Triângulo Mineiro |
| UFU | Universidade Federal de Uberlândia |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| BDTD | Biblioteca Digital Brasileira de Teses |
| H1N1 | Vírus influenza H1N1, |
| COVID 19 | (co)rona (vi)rus (d)isease - número 19 está ligado a 2019 |
| TICs | Tecnologias da Informação e Comunicação |
| EUA | Estados Unidos da América |
| ICOM | Conselho Internacional de Museus |
| G1 | Portal de notícias da Rede Globo |
| MASP | Museu de Arte de São Paulo |
| SISEM SP | Sistema Estadual de Museus de São Paulo |
| MAB | Museu de Arte da Bahia |
| MON | Museu Oscar Niemeyer |
| IPCN | Instituto de Pesquisa das Culturas Negras |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| SIMAP | Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural |
| PUCRS | Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul |
| UFMS | Universidade Federal do Mato Grosso do Sul |
| AD | Análise do Discurso |
| MCT | Museu de Ciência e Tecnologia |
| NOZ | Amigos do Museu do Amanhã |
| TVC | Torneio Virtual de Ciência do Museu Espaço Ciência |
| SNCT PE | Semana Nacional de Ciência e Tecnologia |
| NP | Nuvem de Palavras |

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição das pesquisas por tipo, ano, concentração e presença dos termos museus, racismo no título

Quadro 2: Especificações sobre o objetivo 1 (Museu da Vida)

Quadro 3: Especificações sobre o objetivo 1 (Museu Espaço Ciência)

Quadro 4: Especificações sobre o objetivo 1 (Museu Paraense Emílio Goeldi)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de trabalhos por grau acadêmico

Tabela 2: Distribuição dos trabalhos por tipo de produção

Tabela A: Títulos dos livros disponíveis na página eletrônica do Museu da Vida / FioCruz

Tabela B: Lista de multimídias, sites e relatórios disponíveis na página eletrônica do Museu da Vida / FioCruz

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de visitantes de 1999 a 2012

Gráfico 2: Visitação no Museu nos últimos 05 anos

Gráfico 3: Público do MASP de 2012 a 2019

Gráfico 4: Perfil étnico-racial dos moradores da Maré

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1 AS EXPOSIÇÕES MUSEAIS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO.. | 10 |
| 1.1 O traçado da pesquisa: da escolha dos museus a escolha da Análise do Discurso (AD)..... | 10 |
| 1.2 Procedimentos Metodológicos..... | 19 |
| 1.1.2 Constituição do corpus..... | 19 |
| 2 CONTEXTUALIZANDO O TEMPO PRESENTE: OS MUSEUS E A PANDEMIA DA COVID 19 | 22 |
| 3 CORPO, CORPOS NEGROS, RAÇA E RACISMO | 31 |
| 3.1 Corpo: conceito e significações | 31 |
| 3.2 “Corpos Negros” | 36 |
| 3.3 O conceito de “Raça” enquanto tecnologia de dominação..... | 43 |
| 3.4 Racismo..... | 48 |
| 3.5. Os indígenas brasileiros: demandas e desafios no tempo histórico..... | 53 |
| 3.6. Museus: dos Gabinetes de Curiosidade à Contemporaneidade | 55 |
| 4 UM PASSEIO VIRTUAL PELOS MUSEUS..... | 74 |
| 4.1. O Museu de Ciências e Tecnologia - PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) | 74 |
| 4.1.3 Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)..... | 80 |
| 4.1.4. Museu do Amanhã (RJ) | 87 |
| 4.1.5. Casa da Ciência e Cultura – UFMS | 94 |
| 4.1.6. Museu Paraense Emílio Goeldi..... | 99 |
| 4.1.7 Espaço Ciência (PE) | 103 |
| 5 TRÊS MUSEUS: DIÁLOGOS, SIGNIFICADOS E SABERES (RE)PRODUZIDOS ... | 111 |
| 5.1- MUSEU DA VIDA DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ..... | 111 |
| 5.2- MUSEU ESPAÇO CIÊNCIA (PE) | 133 |
| 5.3- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI..... | 136 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 142 |
| REFERÊNCIAS | 149 |

INTRODUÇÃO

O interesse pela aprendizagem em espaços não formais de educação, notadamente, os Museus, marca a minha formação no Mestrado em Educação que realizei ao longo do período 2013 a 2015. Preocupava-me a maneira como grande parte dos/as estudantes e professores/as lidavam com as visitas realizadas a museus. Grande parte dos colegas professores/as e até a equipe diretiva das escolas apresentavam opiniões controversas sobre a saída de estudantes da escola com o objetivo de visitar lugares históricos, de visitar museus. Já ouvi depoimentos de colegas que consideravam estas saídas de campo como improdutivas e desnecessárias. Outros entendiam como passeios infrutíferos ou tempo perdido.

Muitas vezes o/a professor/a que propõe essas saídas de campo ou excursões é visto, por seus/as colegas, como aquele/a que gosta de passar menos tempo dentro da sala de aula ensinando como os/as demais profissionais. Dessa maneira, o/a professor/a que se dispunha a organizar tais visitas encontrava sempre empecilhos estruturais e o julgamento de sua proposta e intencionalidade pelo grupo de colegas de trabalho. A minha preocupação foi acentuada ao longo da minha prática pedagógica de quase duas décadas. Durante este período, constatei que as viagens realizadas a museus eram pouco exploradas pelos/as professores/as de História, mas eram marcantes na trajetória dos estudantes que delas participavam. Na escola professores/as próximos a mim relatavam os comentários dos alunos quanto aos “passeios” aos museus e tudo o que tinham visto. Mesmo desprovida de uma ferramenta de recolha de evidências de aprendizagens, havia nos relatos que eu ouvia um indicador de que os espaços museais eram sobremaneira nichos para o aprender e o ensinar. Na condição de educadora reconhecia nos museus potencialidades para aprendizagens, E, ao aprofundar a leitura sobre museus e educação também fui identificando o quanto a instituição museal também se voltava para práticas educativas.

Na maioria dos museus que visitei com meus alunos sempre havia um momento em que os monitores das visitas exibiam um vídeo educativo, explicativos para os/as adolescentes. No mestrado, direcionei a minha atenção para a investigação dos vídeos mencionados e para as exposições dos museus. Perguntei se neles os museus demarcavam a intenção de ensinar. A dissertação, defendida junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, foi intitulada “Dimensões do educativo no discurso museal em

vídeos-institucionais: ao se apresentarem para o público os museus prometem educar?”¹No mestrado entrei em contato com as produções do campo da educação em museus no Brasil e, contrariando ao que eu pensava, em um primeiro momento, não era tão exíguo.

Pierre Nora (1993, p. 35), os museus são “lugares de memória”. O lembrar e o esquecer dentro do espaço museal está alinhado às posturas e políticas ditadas pelos grupos sociais dominantes. Daí, acontecer o apagamento e silenciamento de algumas memórias e de outras não. A partir desse contexto de dominação social, cultural e política determinam-se as memórias a serem preservadas ou não pelos museus. Temos, assim, definida sua função social e política. Nesse sentido, podemos afirmar que a memória de muitos grupos sociais foi eliminada, ou, colocadas à margem do processo social, histórico e cultural, pelo fazer museológico quando este situou-se como mecanismo de recuperação e preservação da cultura erudita, por exemplo.

Outro autor, Mario Hagas (2005) afirma que os museus são lugares de poder. Assim, a possibilidade que se abre quando existe o acesso às informações, imagens, conhecimentos apresentados pelos museus poderiam (re) afirmar, desqualificar ou ainda consolidar atitudes ou comportamentos ditados por um grupo social dominante. Dessa maneira, o/a visitante tem a oportunidade de compreender e absorver as particularidades educativas e informativas da mensagem proposta pelo museu.

Por seu turno, Martha Marandino (2001), em sua tese doutorado apresenta o museu como lugar de divulgação e educação, e discutiu o modo como conhecimentos científicos são transpostos para a linguagem museal. Existe uma relação de poder nas interações dos diferentes discursos e saberes envolvidos nesses ambientes, assim a elaboração desses discursos são um processo histórico-social mesclado de embates, jogos de poder, legitimações e controvérsias. Sendo assim, alguns discursos e saberes se notabilizam e se legitimam, enquanto outros podem ser camuflados no discurso expositivo final.

Entende-se que os Museus de Ciência, são lugares de circulação de saberes, de conhecimento, de aprendizagens e de ensinamentos. Recorre-se a Michel Foucault (2013), para a apresentação da noção de saber, que defendemos nesta tese:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; (...) um saber é

¹ A banca de defesa do mestrado foi composta por: Profa. Dra. Ana Paula Bossler (Orientadora) Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Profa. Dra. Martha Maria Prata Linhares (Examinadora Interna) Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho (Examinadora Externa) Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; (...) finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 2013, p. 220).

Ao apresentar o conceito de saber, o autor chama a atenção para as possibilidades e intencionalidades que podem estar implícitas no discurso, isto porque, no espaço do saber os conceitos são definidos, aplicados e transformados de acordo com a posição que o sujeito produtor do saber ocupa na sociedade.

Para Foucault (1996), o discurso não é somente um jogo de palavras, de retórica ou aquilo que sai das expressões de um indivíduo. Ele constitui-se no interstício onde se consegue organizar aquilo que pode ser dito como uma verdade ou não, que pode ser validado ou falado em determinada situação por cada sujeito que participa do discurso. Isto pode ser entendido como um sistema, como uma estrutura regida por regras, que apresenta uma dispersão de enunciados que pode fornecer o (des) aparecimento de uns e outros.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si (FOUCAULT, 1996, p. 48-49).

O discurso é uma forma de impor a verdade aos que ouvem, ele é dialético, levando sempre em consideração o desejo e o poder (mas não só isso). Os sistemas de exclusão do discurso, suprimem tudo o que está fora do padrão. Isso pode acontecer de três formas: na interdição, não se pode falar tudo, deve-se ater apenas ao discurso; na separação é rejeitado aquilo que não condiz com o que está socialmente imposto, ou seja, só tem respaldo o aparato discursivo da normalidade; na oposição entre verdadeiro e falso o discurso que prevalece é aquele que as pessoas respeitam e temem, por ser justo e verdadeiro obediente a parâmetros socialmente impostos. (FOUCAULT, 2011).

Dentre os sentidos diversos que os museus pretendem deflagrar nos sujeitos através de suas exposições e ações educativas, está a vontade de visitar o espaço museal. O indivíduo deve ser seduzido a converter-se em visitante dos museus. As exposições são, portanto, instrumentos para tornar público o que os museus identificam como valor do ponto de vista da atração. Assim as exposições também são uma maneira de conhecermos o que o museu pensa sobre si mesmo, o que é para o museu digno de ser apresentado ao público. Considerando ainda que as exposições e ações educativas representam o discurso oficial elaborado pelo museu, buscamos

entender o espaço museal e o olhar que este espaço lança sobre os corpos negros, as relações étnico-raciais, os seus contributos para uma educação em Ciências antirracista.

Quando utilizamos o termo “olhar”, estamos usando a interpretação de Bell Hooks em seu livro “Olhares negros – Raça e representação. Já na introdução a autora afirma que:

A menos que transformemos as imagens da negritude, das pessoas negras, nossos modos de olhar e as formas como somos vistos, não poderemos fazer intervenções radicais fundamentais que alterem a nossa situação (HOOKS, p. 35, 2019).

Ao problematizarmos os museus e o olhar que este espaço lança sobre os corpos negros estamos mostrando uma preocupação que bell hooks alerta em seu texto. Ela se inquieta:

Se muitas das pessoas não negras que produzem imagens ou narrativas críticas a respeito da negritude e das pessoas negras não questionarem suas perspectivas, elas podem simplesmente recriar a perspectiva imperialista — o olhar que procura dominar, subjugar e colonizar. Isso em especial para pessoas brancas que observam e falam sobre negritude (HOOKS, p. 36 e 37, 2019).

De acordo com a autora, o olhar imperialista pode se manifestar na forma de estereótipo, julgamentos e desvalorização. Por isso, é importante que as pessoas não negras que produzem imagens e narrativas questionem suas perspectivas. E é fato que a grande maioria dos museus não é gerenciada por negros e tem na sua grade de exposições e atividades, temas relacionados a interesses de grupos hegemônicos.

Nosso estudo pretendeu, portanto, investigar os múltiplos sentidos que compõem a cena museal, nomeadamente a dimensão educativa/ científica, visando problematizar o modo como essa instituição participa de processos contributivos para a valorização dos corpos negros e para uma educação em Ciências antirracista em nosso país. Dessa forma, a questão norteadora da investigação é: considerando o caráter educativo das páginas eletrônicas de Museus de Ciências brasileiros e o importante papel que realizam na divulgação, formação de ideias e imagens sobre a Ciência, quais os contributos para uma educação antirracista eles apresentam?

Temos como objetivo geral analisar os contributos de seis Museus de Ciências brasileiros para uma educação em Ciências antirracista, presentes em suas páginas eletrônicas.

Temos como objetivo geral analisar a contribuição de museus de Ciências para a divulgação de uma educação antirracista a partir das páginas eletrônicas, conteúdos e materiais de divulgação da Ciência. Os objetivos específicos são:

- a) Identificar e caracterizar a autoria, o tipo de publicação e de materiais disponibilizados nas páginas eletrônicas dos museus atinentes a educação antirracistas, no período de 2019 a 2021;
- b) Selecionar enunciações, enunciados e silêncios sobre a relação Ciência e racismo nas páginas eletrônicas de museus de Ciências;
- c) Examinar os efeitos de sentido e os contextos de produção de enunciados e enunciações sobre educação antirracista em páginas eletrônicas dos museus de Ciências;
- d) Apresentar os museus de Ciências como espaços de produção de uma educação antirracista.

Quando buscamos em bases de dados informações sobre produções científicas envolvendo a temática museus, identificamos que a quantidade e diversidade, inclusive de formas de divulgação, ampliou muito nos primeiros 20 anos do século XXI, no Brasil. Estas produções encontram-se disponíveis em repositórios, plataformas *online*, com a montagem de bancos de dados abertos ao público. Em nosso país, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES² em seu portal disponibiliza o Catálogo de Teses e Dissertações. Além deste catálogo da CAPES, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) também disponibiliza dissertações e teses defendidas em instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Estes portais disponibilizam ferramentas de busca por termos específicos que permite a/ao usuário/a produzir mapeamentos dos trabalhos produzidos e publicados em diferentes programas de pós-graduação de todo território nacional. A imersão nestes repositórios nos permitiu levantar a produção sobre o tema museus e racismo, especificamente, aquelas relativas a população negra. A partir das considerações formuladas, e, com a intenção de verificarmos a relevância da nossa proposta e objeto de pesquisa, realizamos as ações de acesso e busca de teses e dissertações defendidas em nosso país, em programas de pós-graduação em Educação, no período de 2015 a 2019, e, disponibilizadas no repositório *online* do Catálogo da CAPES. Com os resultados obtidos procedemos a:

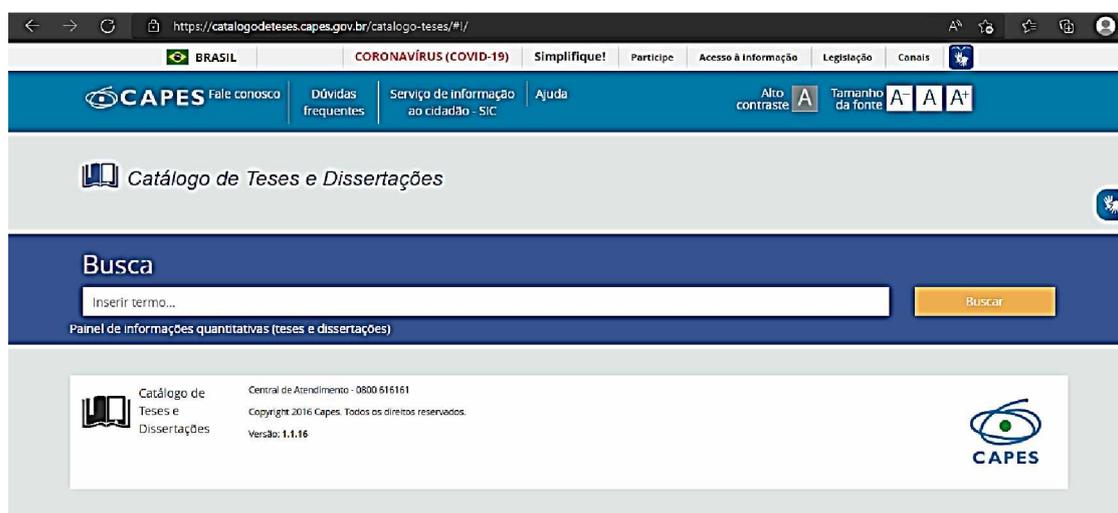
- 1- identificação das teses e dissertações sobre museus e racismo, defendidas até março de 2021;
- 2- sistematização e organização das informações por meio de produção de gráficos, tabelas, quadros;

² As informações são fornecidas diretamente à Capes pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. A ferramenta permite a pesquisa por autor, título e palavras-chave.

3- análise das principais tendências da produção acadêmica sobre museus de Ciências, racismo e educação para as relações étnico-raciais no país.

No Catálogo de Teses da Capes, encontra-se os resumos de dissertações e teses defendidas em instituições brasileiras que ofertam cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) recomendados pela Capes. Na página inicial do Catálogo (Figura 1), integram a ferramenta de busca os seguintes campos: termo de busca, sendo facultado a/ao usuário a possibilidade de refinamento dos resultados a partir da seleção de autor, nível do trabalho (mestrado ou doutorado), ano, área de concentração, entre outros.

Figura 1 – Tela da página inicial do Banco de teses e dissertações da CAPES



Fonte: [Catálogo de Teses e Dissertações/CAPES](https://catalogodeteses.capes.gov.br). Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso 08 de nov. de 2021

Após preencher os termos de busca e clicar no ícone “Buscar” é gerada uma listagem com os trabalhos publicados relacionados aos termos inseridos pelo/a usuário/a, e as opções de filtro, para refinamento da pesquisa, são disponibilizadas. Assim, para a constituição da pergunta e objetivos de pesquisa anteriormente apresentados nessa tese procedemos ao mapeamento de teses e dissertações cujas temáticas estivessem relacionadas a “Museus de Ciências e Racismo”. Lançamos mão de diversos termos de busca (descritores), e, obtivemos resultados diferentes, como descrevemos a seguir.

Com o termo de busca “Museus, racismo”, sem aspas e separadas por vírgula, obtivemos um resultado geral de 4.335 teses e dissertações produzidas em diversos Programas de Pós-

Graduação de instituições brasileiras. Quanto ao grau acadêmico³ os trabalhos estão assim distribuídos, segundo dados do catálogo (Tabela 1):

Tabela 1 – distribuição dos trabalhos por grau acadêmico

| Grau acadêmico | Número |
|-----------------------|--------|
| Mestrado Acadêmico | 3008 |
| Doutorado Acadêmico | 980 |
| Mestrado Profissional | 304 |
| Profissionalizante | 43 |

Fonte: Dados do Catálogo de teses e dissertações da CAPES. Elaborado pela autora.

Do total dos resultados levantados, 1972 trabalhos foram produzidos na grande Área das Ciências Humanas, e distribuídos conforme mostramos na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – distribuição dos trabalhos por tipo de produção

| Tipo | Número |
|---|--------|
| Teses de doutorado | 523 |
| Dissertações em mestrado acadêmico | 1302 |
| Dissertações em Mestrado Profissional | 130 |
| Dissertações em Mestrado Profissionalizante | 17 |

Fonte: Dados do Catálogo de teses e dissertações da CAPES. Elaborado pela autora.

Das teses e dissertações acima referidas, 170 teses e 511 dissertações foram defendidas em Programas da área da Educação entre 1993-2022. Destacamos que de 2016 a 2021, foram defendidas 75 teses e 248 dissertações nos programas e área referida, e sobre estas nos detivemos, conforme Quadro 1 que segue.

³ A terminologia Acadêmico, Profissional e Profissionalizante é utilizada pela CAPES.

Quadro 1 – Distribuição das pesquisas por tipo, área de concentração e presença dos termos museus e racismo no título

| Tipo | Área de Concentração | Termos de busca no título | | | | | Total |
|-------------|-------------------------------------|---------------------------|----------------------|---|----------------------------------|-------------------|-------|
| | | Museu(s) - explicitamente | Museus indiretamente | Racismo e/ou relações étnico-raciais - explicitamente | Museu e Racismo - explicitamente | Nenhum dos termos | |
| Dissertação | Eduação | 12 | 1 | 22 | 0 | 14 | 5 |
| | Ensino de Ciências (variadas áreas) | 11 | 8 | 2 | 0 | 8 | 2 |
| Tese | Eduação | 28 | 0 | 22 | 0 | 35 | 7 |

Fonte: Catálogo de teses de dissertações CAPES. Elaborado pela autora.

Cumprir dizer que, também consideramos as dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação das variadas áreas de ensino cujo número é: 9 - área Ensino de Ciências e Matemática; 4 - área de Ensino de Ciências, 4 - área de Ensino de Ciências (áreas de concentração: ensino de Física, ensino de Química e ensino de Biologia); 3- na área de Ensino e História das Ciências e da Matemática, e, 1 Ensino de Biologia. Todas essas foram publicadas entre 2013 e 2021, num total de 21 Dissertações. Destas, consideramos as 16 defendidas no período delimitado para nossa pesquisa - 2016 a 2021.

De acordo com os resultados obtidos por meio da pesquisa no banco de dados da CAPES que disponibiliza as informações sobre produções científicas envolvendo a temática museus, identificamos que a quantidade e diversidade, ampliou-se muito no Brasil. Porém, constatamos que a temática escolhida para essa tese, sobre o caráter educativo de Museus de Ciências brasileiros e em que medida os mesmos contribuem para uma educação antirracista, não está contemplado nas dissertações e teses localizadas por nós. Esse entendimento, justifica a relevância acadêmica, social e científica, visto que a partir dos resultados estatísticos não foram encontradas produções que contemplem a temática, como pode ser constatado no quadro 1.

Defendemos ser fundamental fomentar a discussão sobre como os museus de Ciências podem contribuir para uma educação antirracista, porque os mesmos podem escolher divulgar, ocultar, estimular ou perpetuar determinada visão científica e isso deve ser entendido parte do jogo de poder que pode vir a ser construído entre o museu e o visitante.

O levantamento dos trabalhos aponta para a escassez de trabalhos produzidos no Brasil dedicados à análise de como os museus de Ciências podem contribuir para uma educação antirracista.

A trajetória de pesquisa encontra-se descrita nesse documento, estruturada em cinco capítulos, que são sintetizados a seguir.

Na **INTRODUÇÃO**, abordo os interesses pessoais que me levaram a pesquisar o tema, apresento autores que contribuem com a discussão, a questão de pesquisa e os objetivos, além de dados que justificam essa busca.

1, intitulado: **“AS EXPOSIÇÕES MUSEAIS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO(AD)”**, apresentamos a AD como ferramenta de análise, recuperamos a questão da pesquisa e os objetivos, além dos autores que corroboram nossa proposta.

2 **“CONTEXTUALIZANDO O TEMPO PRESENTE, OS MUSEUS E A PANDEMIA DA COVID 19”**, apresenta um panorama sobre as mudanças na sociedade com a massificação das tecnologias; aborda a influência das TICs, principalmente da Internet no cotidiano das pessoas no contexto da globalização; trabalha a relevância adquirida pelos espaços informais de educação, especificamente os museus; discorre sobre a temática (anti) racista e a pandemia da COVID 19 na sociedade

3: **“CORPO, CORPOS NEGROS, RAÇA E RACISMO”**, contextualiza o conceito de corpo historicamente construído, problematizando questões diferentes dessa lógica. Discute raça e racismo e os corpos negros dentro do contexto social, histórico e cultural.

4 **“UM PASSEIO VIRTUAL PELOS MUSEUS ”**, mostra que após a constituição do *corpus* realizamos uma primeira leitura objetivando uma caracterização geral das exposições selecionadas. Procuramos, nesta seção realizar uma descrição minuciosa do conteúdo de cada exposição, divulgada pelos museus pesquisados em suas páginas eletrônicas oficiais. Apresentamos nuvens de palavras que foram construídas a partir dos textos encontrados nos sites dos museus dentro do menu “quem somos”, “institucional” e ou “missão”.

5 **“TRÊS MUSEUS: DIÁLOGOS, SIGNIFICADOS E SABERES (RE) PRODUZIDOS”** irá tratar da análise dos três museus selecionados a partir da amostra inicial por nós detalhada no capítulo anterior. Buscaremos nos materiais pedagógicos para professores e comunidade, conteúdos e materiais de divulgação e ou publicações direcionadas

explicitamente para as questões étnico raciais encontrar rastros ou materialidades que possibilitem responder à questão da pesquisa e aos objetivos propostos.

Por último apresentaremos as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**. Para cada museu estudado, procuraremos discutir a presença ou ausência do que diz respeito à dimensão educativa para as relações étnico- raciais.

1 AS EXPOSIÇÕES MUSEAIS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

1.1 O traçado da pesquisa: da escolha dos museus a escolha da Análise do Discurso (AD)

Entende-se que toda produção de linguagem pode ser considerada discurso e, portanto, sujeita a leituras a partir da análise do mesmo. Foucault, em sua obra “A Ordem do Discurso”, indaga sobre o que há de tão perigoso, no fato de as pessoas falarem e de esse discurso se multiplicar de forma contínua. Ele direciona esse questionamento, no sentido de saber a forma pela qual os poderes constituídos ou não se ligam a discursos para produzir efeitos de verdade. Dessa maneira, decidimos tecer um percurso teórico-metodológico que nos viabilize analisar e problematizar o caráter educativo dos Museus de Ciências e seu importante papel na divulgação e formação de ideias e imagens sobre a Ciência, defendendo que estes espaços, ao se comunicarem com o público, apresentam modos de pensar e fazer Ciência que podem ou não contribuir para a manutenção ou superação do racismo; para uma educação em Ciências racista e/ou antirracista

Para tanto, tomamos para análise páginas eletrônicas de seis museus de Ciências brasileiros- Museu de Ciências e Tecnologia - PUCRS (RS), Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ) 3) Museu do Amanhã (RJ), Casa da Ciência – UFMS (MS), Museu Paraense Emílio Goeldi (PA), Espaço Ciência (PE). A nossa justificativa para a escolha dessas instituições deve-se a importância local, regional e nacional das mesmas, corroborada pela informação do número de visitantes e ações educativas por elas desenvolvidas. Ademais, havemos por bem, buscar agregar a representatividade de todas as regiões brasileiras, visando possibilitar um panorama geral do perfil dos museus de Ciências no tocante aos seus posicionamentos quanto ao que denominamos de uma educação em Ciências antirracista. Isto porque, quando uma instituição de caráter científico-educativa propicia algo a alguém, ela ao expor, divulgar, comunicar, também produz o que diz.

Neste estudo, dedicamo-nos a pensar o objeto de nossa pesquisa, sob a perspectiva dos estudos de Foucault, que poderão nos propiciar visibilizar, entre outras coisas, o funcionamento de alguns procedimentos discursivos. Para o filósofo, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 2012, p. 50) e não podem ser entendidos somente como um conjunto de palavras, com o que é dito. O discurso é um instrumento sistematizado, elaborado e regido por regras que podem fazer surgir ou diluir uma realidade, que pode estar para além dele. A realidade está envolta em um conjunto de símbolos e signos que viabilizam a organização e a definição de tudo o que existe. O discurso, constrói a realidade em conjunto com signos e símbolos e, para além disso, ele é uma construção histórica porque fornece os enunciados que

poderão compor as vontades e desejos dos sujeitos, de acordo com a posição ocupada por ele dentro desse mesmo discurso.

A historicidade do discurso, encontra-se na possibilidade real de que as relações entre os sujeitos vão ser definidas pelo que pode ser dito ou não por cada um deles de acordo com a posição que estes ocupam na ordem social. Pode-se entender a partir desse cenário, que o discurso constrói o conhecimento e as verdades; define os sujeitos, na medida em que os dispersa e os localiza em diferentes posições corroborando para que se firmem relações desiguais.

Portanto, percebe-se que o discurso é móvel, porque, depende da prática social. São os eventos sociais que acontecem, as relações de poder e as instituições, entre outras coisas, que dão o suporte para o nascimento ou modificações que se materializam dentro do discurso. Dessa maneira, é possível concluir que o poder é o meio mais eficaz para influenciar uma ação. Ele é exercido e mantido pelo direito e pela verdade. Por meio da disciplina, as relações entre os diferentes atores sociais são estabelecidas e os mecanismos de controle são mantidos. O Estado desempenha um papel importante nesse contexto, pois é por meio dele que o mercado e a sociedade civil são influenciados e moldados. Assim:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 2012, p. 10).

Ao adotar a proposta da AD como referencial analítico, adotamos os seguintes aspectos a serem observados nos documentos analisados: o que está representado como uma verdade ou norma pelo conjunto de enunciados constitutivos do *corpus* analítico; como os enunciados estão construídos; o que foi deixado de fora (o não dito) para construí-los e o que foi considerado importante para que eles se configurassem (o dito). Também, consideramos os interesses em jogo na construção dos enunciados; como eles se manifestam; por meio de quais regras, e, como se dispersam para adquirir a possibilidade de serem ditos.

Então, na AD o sujeito não é o elemento central da análise, ele é um elemento construído, delimitado, que está presente porque o discurso ao qual se vincula criou possibilidades para a sua existência. Sendo o discurso um fenômeno da linguagem, ele revela nossos posicionamentos sociais e políticos, como também o nosso “lugar” na sociedade. Existem regras sociais de circulação e regulação do discurso, como também o controle de “quem pode falar” e “como pode ser dito”. A depender de “quem” está falando as

probabilidades de sermos “ouvidos” são diferentes. Essa é uma faceta da “regulação” do discurso dentro da prática social de todos os sujeitos.

Nesse sentido, Foucault trabalha com o conceito de “assujeitamento” ao explicar a ilusão do sujeito que se acha dono do que fala ou escreve. Para ele, é o discurso que se expressa por meio do sujeito. Em uma entrevista concedida a Roberto Bono em 1983, o filósofo afirma:

Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Eu sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição (assujeitamento) ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural (FOUCAULT, 1983, p. 291).

Percebe-se a preocupação do autor com os fenômenos que regulam ou impedem que qualquer sujeito diga qualquer coisa em qualquer circunstância. Para demonstrar a inquietação do autor, recorreremos ao texto “A Ordem do Discurso” de 1970, que na verdade é a aula inaugural que Foucault apresentou no *Collège de France*. Ele discute os mecanismos externos de controle do discurso, isto porque existe algo que está fora do discurso, mas controla o que se forma em seu interior. Foucault então, aponta para o modo como o discurso se organiza, se manifesta e os frutos que ele gera. Observa sempre que quem domina o discurso, domina também o poder e os corpos. Dessa maneira, os mecanismos externos de controle do discurso, estão postos para coordenar e entender seu funcionamento efetivo na sociedade dentro de um campo de ideias que já preexiste. Assim são apresentadas: a “Interdição”, nela são criados “tabus” na linguagem, no discurso, na organização de ideias, que vão dizer o que pode ser dito ou não. Ele cita como exemplo a sexualidade, a política e a religião; a “Rejeição ou Separação”, por ela se define quem pode falar – as pessoas que têm o direito privilegiado de falar. A lógica é utilizada para dar sentido ou para apontar a falta de sentido no discurso; a ideia de “verdadeiro x falso”. Essa advém do conceito de vontade de saber que busca, na maioria das vezes, organizar o discurso para poder validá-lo, e, assim pode-se construir símbolos, signos e conceitos. Esses conceitos produzem os efeitos de poder, tanto na ordem sociológica, quanto na antropológica. Isto porque, a partir deles passamos também a separar as pessoas entre aquelas que devem ter direitos ou não, serem ou não aceitas, normais ou anormais. Esse tipo de organização do discurso prescreve, ao mesmo tempo que anula, as individualidades.

Ao tratar dos procedimentos internos da organização do discurso ou princípios de rarefação que são utilizados para o autocontrole discursivo, o autor aponta para o procedimento do “comentário”. Nele, o comentador é a figura que revisita o discurso, procurando o que não está dito com toda a nitidez. Nessa busca, ele expõe e pode expandir ou

suprimir os conceitos encontrados, de forma que esse movimento do comentador faz surgir dois discursos, um que repete e reafirma, outro que expande e cria um conhecimento.

O segundo procedimento interno é o “autor”, ele é a unidade de origem de significações, porque, o autor se confunde com o discurso, apaga a individualidade e não permite mudanças durante o percurso, o que importa é o que foi produzido. Esse movimento gera a autoridade do discurso produzido pelo autor e a identidade de quem ele é. O terceiro diz respeito à “organização das disciplinas”, nele o discurso ou o conhecimento é estudado, testado, aprovado e enquadrado dentro de uma disciplina ou matéria, isso é o que Foucault chama de fazer mais para ter menos, ou seja, pormenorizar, desconectar todas as partes, para no final obter um tópico que será utilizado dentro de determinada área ou disciplina.

Ao analisar as condições de funcionamento do discurso ou os mecanismos de ligação e exclusão entre o sujeito e o discurso temos em primeiro lugar o “ritual”. Nesse momento há a organização interna de como e de quem deve se apossar do discurso, um ordenamento sobre como deve acontecer a hierarquia dentro da sequência discursiva. A segunda condição é “a sociedade do discurso”, ela mantém, organiza e o faz circular, quando quer e da maneira que quer, restringido à sua circulação a um âmbito ou lugar. Outro procedimento é o das “doutrinas”, elas, tem a ver com as regras impostas pela sociedade do discurso, porém, são mais específicas de acordo com os grupos nos quais circula, hierarquizando em primeiro lugar o sujeito, depois o discurso e acima dele o grupo que chancela o discurso. Por fim, tem-se o procedimento da “educação” que propicia o contato do sujeito com o discurso, mas carrega em seu interior uma hierarquia que o politiza e propaga, encarregando-se da sua manutenção. Nessa altura, Foucault tece uma crítica à Filosofia, que no seu entendimento também participa dos jogos de poder discursivos e que, deveria ao lidar com os desejos essenciais do indivíduo para o entendimento da realidade, não manipular os desejos e o poder objetivando ser entendida como um modo de produção do pensamento.

Pode-se inferir, portanto, que a análise do discurso se interessa pelo discurso que se forma de maneira heterogênea, pelas irregularidades gramaticais, discursos interrompidos, fatores extralinguísticos, variações e mudança de sentido das palavras. Esses fatores contribuíram tanto para a constituição do *corpus* da pesquisa quanto para a sua análise. O lugar tomado como analista do discurso, buscou seguir aquilo que Foucault sugere: a busca pelos efeitos dos sentidos, sempre interrogando-os, porque, para o autor, o enunciado não é capaz de revelar todo o sentido pretendido. Para tanto, o analista distancia-se do enunciado material e aproxima-se do enunciável por meio, do exercício da interpretação. Portanto, o que interessa à AD são os sentidos que não são traduzidos no reducionismo da interação entre emissor e

receptor, mas são produzidos na interação entre os interlocutores presentes e ausentes dos contextos sociais dos quais e sobre os quais se fala. O processo de AD busca interrogar os sentidos estabelecidos nas diversas formas de comunicabilidade, verbais e não verbais, necessitando que a materialidade produza sentidos para a interpretação. Esta pode aparecer nas series textuais (orais ou escritas), imagens (vídeos, fotografias) e linguagem corporal (gestos, performances ou dança).

Assim, para compreendermos os sentidos do texto ou os efeitos dos sentidos nele descritos, há que se ultrapassar a dimensão linguística da palavra. O sujeito tem a ilusão de ser o autor do seu discurso e de ter controle e autonomia sobre ele, porém, o discurso está engendrado num continuo e certamente já foi dito antes por outrem. Neste contexto o sujeito não é individual, ajusta-se ao coletivo, filia ou incorpora o conhecimento da construção coletiva. Converte-se em porta-voz daquele discurso e representante daquele sentido. É o assujeitamento, ou seja, o movimento no qual os indivíduos interrogam-se acerca de uma ideologia⁴ para tornarem-se sujeitos do seu discurso. Submetem-se às condições de produção impostas, embora acreditem em sua autonomia.

Em nosso estudo interessa-nos especialmente o conceito de contrato de comunicação dos museus analisados, que pode ser melhor compreendido a partir das leituras da AD. Toda forma de comunicação possui um contrato no qual os/as interlocutores identificam papéis dos sujeitos envolvidos, conteúdo sobre o qual a interlocução acontecerá e os seus enquadramentos. No contrato de comunicação tornam-se reconhecidas as condições de troca no diálogo, comunicação, divulgação que se desenvolve. Há um acordo, e, nele, os/as envolvidos sabem como devem agir em determinadas situações. Sua base está no jogo de poder e na interação que ocorre dentro e fora do contexto social no qual foi produzido.

Assim, há uma situação concreta de troca, na qual existe uma intencionalidade, estratégias organizadas que produzem sentidos e significados. Esse espaço de troca apresenta-se constituído dos/as interlocutores/as responsáveis pela enunciação, quem domina a fala sobre/e para os sujeitos para quem a enunciação é destinada. Entre os dois não há uma relação de transparência absoluta. O que e a partir do que fala o interlocutor? Quem é ele? O que diz? O que não diz? Quais papéis assumem veiculação do discurso?

Os limites da comunicação são construídos a partir da expectativa das partes envolvidas, o contrato de comunicação é constituído pelo resultado da regularidade do comportamento dos indivíduos, da finalidade, identidade, propósito e dispositivo (circunstâncias materiais,

⁴ É um conjunto de ideias sociais, políticas ou históricas que tem como função modificar e ocultar a realidade, mantendo certos aspectos de dominação em diversos âmbitos. (Marilena Chauí, 2012)

ambiente, lugares físicos). Toda essa discussão a partir de Foucault (2012) leva-nos a propor a análise do contrato de comunicação das exposições museais e ações educativas selecionadas. O que intentamos realizar, pela AD das exposições museais e ações educativas disponibilizadas nas páginas eletrônicas dos seis museus que elegemos para análise, foi desvelarmos as contribuições para a educação em Ciências antirracistas que estas instituições possibilitam.

Foucault (1970) propôs o procedimento da “inversão” do discurso, isto é, não tratar o discurso superficialmente, ao contrário, escavar, “inverter” a ordem, buscar por sua “descontinuidade”, pelo isolamento e por sua desarticulação a fim de localizar e desvelar práticas individuais e coletivas que se atravessam e podem desencadear efeitos das coisas umas sobre as outras. Assim, por meio da “especificidade”, o autor sugere ser possível o reconhecimento da violência que o discurso desencadeia nas pessoas, nas coisas, na natureza e em tudo o que existe, visto que, o mesmo, tem um escopo, é direcionado e objetivo. Dessa maneira é possível o tratamento da “exterioridade” discursiva, para aquilo que ele gerou, significa e produz. Para tanto realizaremos uma descrição crítica objetivando despir as estruturas do(s) discurso(s) antirracista(s) movimentado pelos Museus em seus contratos de comunicação das exposições e nas informações contidas em suas páginas eletrônicas. Buscamos localizar os seus alicerces, a sua organização e fazer emergir o entendimento sobre qual (quais) foi (foram) a(s) força(s) que o(s) originou (originaram) e tornou (tornaram) possível a sua perpetuação e/ou superação.

Realizado esse movimento, partiremos para o que Foucault chamou de “aspectos do discurso” que se contrapõem a conceitos já existentes; o primeiro é o “acontecimento” contrapondo-se à “criação” onde o discurso é um acontecimento que passa pela materialidade para produzir coisas, se faz nos corpos, formando um todo. Outro aspecto é a “série” contrapondo-se à “unidade”, aqui, entende-se que não há uma universalidade sobre o entendimento do discurso, são os acontecimentos em série, que fazem com que a realidade seja como ela é, ou como, acreditamos que deva ser. Em terceiro lugar temos a “regularidade” opondo-se à “originalidade”, neste momento tentaremos fazer perceber a capacidade do discurso em diluir-se e materializar-se no decorrer do tempo, porém, sempre visando a sua continuidade e ressignificação. O último aspecto é o da “condição de possibilidade” opondo-se ao “significado”, onde o tentaremos entender que o discurso só aparece porque houve uma contingência que fez com que ele aparecesse.

Para iniciarmos uma demonstração a título de ilustração sobre algumas situações, relações ou associações que estão “postas” como normais dentro da nossa vida cotidiana, em primeiro lugar, vamos voltar nosso olhar para o conceito de “poder” na filosofia de Michel

Foucault. O mais importante para o autor é tentar entender como um indivíduo atua sobre o outro pela relação de poder. Para isso, três coisas o interessam: o funcionamento, a ação e os efeitos do poder. Daí, o filósofo apontar para o que ele denomina de uma “Microfísica do poder”, isto é, ele recusa o conceito de poder que vem apenas das instituições estatais, no sentido vertical e absoluto, para analisar o tema em todos os níveis de relação. Essa teia de relações sociais compõe uma microfísica do poder complexa, e que emana de todos os contatos entre todos.

O poder descentralizado, quase imperceptível permite outras formas de controle social, devido ao seu contato direto com as pessoas. O micro poder, pode ser mais racionalizado e menos visível porque, às vezes o sujeito não tem a percepção do que lhe está sendo imposto. Dessa maneira, eles contribuem para o que Foucault chama de formação de uma “sociedade disciplinar”, por serem mais eficientes e menos perceptíveis, apesar de muito elaborados. Foucault (1989, p. 118) afirma:

Ora, as mudanças econômicas do século XVIII tornaram necessário fazer circular os efeitos do poder, por canais cada vez mais sutis, chegando até os próprios indivíduos, seus corpos, seus gestos, cada um de seus desempenhos cotidianos. Que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a gerir, seja tão eficaz quanto se ele se exercesse sobre um só. (FOUCAULT.1989. P. 118)

Para o autor, nós somos subjetivados por meio de nossas práticas, que são construídas pelo discurso. Então, o discurso tem poder. A maneira como eles são construídos determinam nosso comportamento. A autodisciplina ditada por eles, vai lapidar o indivíduo e possibilitar um controle social efetivo e diluído na ilusão do controle de si mesmo.

Toda relação é atravessada pelo poder e isso faz com que os corpos circulem, se auto influenciem e se produzam. Essa vinculação acontece historicamente, pois, em cada momento histórico o poder tem um significado ou quer produzir corpos para aquele momento específico. Foucault afirma que a existência do poder, implica em resistência, que leva às relações dinâmicas que extrapolam o movimento do corpo social e alcancem as instâncias do macro poder (instituições). Nesse momento, o autor apresenta o conceito de biopoder, que é o uso das instituições para controlar e produzir corpos manipulados pelo uso do conhecimento. Assim sendo, as relações entre os indivíduos fabricam sujeitos e isto acontece porque os fatores de dominação se relacionam e se apoiam uns nos outros, se fortalecem, se convergem e por vezes se embatem e se anulam.

Ao propor analisarmos o poder sem pressupor que ele só emana de uma fonte que o detém e o faz fluir, o autor o entende como um conjunto de relações que sustenta as instâncias de autoridade e se faz de baixo para cima dinamizando as relações existentes.

A título de ilustração, mostraremos algumas situações, circunstâncias ou acontecimentos que já estão instituídos, normatizados e normalizados, porém, contém em sua essência o modo de agir das relações de poder e sua força disciplinadora na vida das pessoas.

Como primeira situação temos a relação de poder que existe entre pais e filhos (as). Na maioria das sociedades a figura do pai exercia um poder absoluto sobre o corpo e até a vida de seus filhos (as). Porém, se exercitarmos a microanálise dessa situação, podemos perceber que para conquistar essa situação de soberania da figura paterna, o “homem” impôs regras comportamentais entranhadas nas instituições estatais e familiares que foram se reeditando através dos tempos até ganharem status de normalidade e aceitação incontestável. O que não significa que não houveram resistências, porém, uma grande maioria das pessoas considera normal esse exercício de poder.

Nesse sentido, pode-se perceber o que Foucault queria dizer ao afirmar que para entendermos determinadas épocas dos períodos históricos, precisamos olhar para as estruturas de saber que estavam vigentes, pois são elas que regulam a cultura, o pensar, agir e sentir das pessoas. E além disso, essas estruturas de saber não são somente institucionais, elas existem em todos os níveis de relação, inclusive na família. Esses exercícios de poder, estabelecem normas e regras que são difundidas para constituir um indivíduo disciplinado e uma sociedade também.

Outro exemplo também muito comum para todos nós, é a relação do professor com o aluno. Nesse caso, temos a instituição escola, disseminando um tipo de saber que por meio da figura de autoridade do professor, visa constituir um saber que produza condutas cotidianas controláveis.

Também podemos pensar as estruturas geográficas da constituição de uma cidade, nas quais identificamos bairros nobres, de operários e as periferias. Nessas estruturas, de acordo com Foucault pode-se perceber que se até as definições arquitetônicas e urbanísticas podem ser uma forma de controle e exercício de poder. Isto porque, define quem pode ou não conviver no mesmo ambiente.

Outro ponto é o papel da mulher na sociedade. Tem-se como ponto passivo o papel da mulher como mãe e guardiã dos filhos. Mas precisamos pensar sobre quando esse esquema operatório difundiu essas ideias e o porquê delas. De acordo com o autor, isso acontece, porque no momento em que nomeamos uma prática para determinado indivíduo, nós a retiramos de um contexto, hierarquizamos e realocamos em outro, construindo um sujeito, imputando a ele um comportamento e subjetivando-o a viver apenas dentro dessa condição de ser. O exercício desse poder, incorre sobre o corpo da mulher, seu papel na família, as diferenças salariais, as escolhas sexuais, incitando uma conduta de si mesma na produção de sua subjetividade.

Entende-se que uma pesquisa requer delimitar um problema central e a ele dar tratamento no desenvolver do texto. Os questionamentos e indagações advêm do descontentamento do pesquisador com uma situação inquietante. De acordo com Severino (2002, p. 32) *“O avanço do conhecimento deve ser articulado à investigação de problemas socialmente relevantes, considerando as demandas da sociedade brasileira.”*

A questão da pesquisa é: considerando o caráter educativo dos Museus de Ciências e seu importante papel na divulgação, comunicação e formação de ideias e imagens sobre a Ciência, ao se comunicarem com o público, eles contribuem para divulgação de uma educação em Ciências antirracista?

Temos como objetivo geral analisar a contribuição de museus de Ciências para a divulgação de uma educação antirracista a partir das páginas eletrônicas, conteúdos e materiais de divulgação da Ciência. Os objetivos específicos são:

- a) Identificar e caracterizar a autoria, o tipo de publicação e de materiais disponibilizados nas páginas eletrônicas dos museus atinentes a educação antirracistas, no período de 2019 a 2021;
- b) Selecionar enunciações, enunciados e silêncios sobre a relação Ciência e racismo nas páginas eletrônicas de museus de Ciências;
- c) Examinar os efeitos de sentido e os contextos de produção de enunciados e enunciações sobre educação antirracista em páginas eletrônicas dos museus de Ciências;
- d) Apresentar os museus de Ciências como espaços de produção de uma educação antirracista.

1.2 Procedimentos Metodológicos

1.1.2 Constituição do corpus

Navegamos pelas páginas de Museus de Ciências e fomos localizando as exposições em cartaz ou ações educativas disponíveis nos sites das instituições de janeiro de 2018 a maio de 2021. Com essa navegação, chegamos a seis museus de Ciências brasileiros. Além das exposições, consideramos ações propostas pelas instituições no formato de lives (uma atividade on-line que é uma transmissão ao vivo), porque em parte deste período vivíamos um período

de isolamento social devido à propagação da pandemia da Covid-19. Em um primeiro momento, consideramos os seis museus de acordo a partir dos seguintes critérios:

- a) Ser declaradamente um Museu de Ciências;
- b) Contar com um site que disponibilizasse o acesso às informações necessárias ao andamento da pesquisa;
- c) Possuir exposições permanentes e / ou ações educativas desenvolvidas no período de 2018 até maio de 2021.

Os seis museus foram: 1- Museu de Ciências e Tecnologia – PUCRS (<https://www.pucrs.br/mct>); 2- Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (<http://www.museudavida.fiocruz.br>); 3 - Museu do Amanhã (<https://museudoamanha.org.br>); 4- Casa da Ciência – UFMS (<https://casadaciencia.ufms.br>); 5 - Museu Paraense Emílio Goeldi (<https://www.museu-goeldi.br>) e 6 - Espaço Ciência (<http://www.espacociencia.pe.gov.br>).

Após a visitação e leitura dos materiais disponibilizados nos sites dos museus selecionados, observamos atentamente os produtos disponibilizados e selecionamos os três museus que ofereciam maior quantidade de material pedagógico para professores e comunidade, conteúdos e materiais de divulgação e/ou publicações direcionadas explicitamente para as questões étnico-raciais. Para tanto, utilizamos novos critérios:

- 1- Apresentação de material pedagógico para a escola e comunidade;
- 2- Tempo de existência do museu;
- 3- Presença de publicações direcionadas explicitamente para as questões étnico- raciais;

Dentre os seis museus os que melhor atenderam aos critérios propostos foram o Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz, o Museu Espaço Ciência (PE) e o Museu Paraense Emílio Goeldi. Ressaltamos que a redução do número de museus também foi uma indicação da banca de qualificação.

Na seção 4 serão apresentadas as páginas eletrônicas dos seis museus, apontando o que eles oferecem para o seu público. Mantivemos a apresentação destes museus com a intenção de traçarmos um mapa do resultado da busca geral pelos Museus de Ciências brasileiros. Entendemos que corremos o risco de provocar alguma incompreensão com esta nossa intenção, mas consideramos ser de relevância a apresentação deste mapa geral dos museus.

Estando revelados os procedimentos a serem desenvolvidos nessa tese passaremos ao próximo capítulo que trará algumas impressões sobre o cenário pandêmico no qual grande parte

dessa tese foi construída, visando contextualizar o tema “museus” com esse traumático momento por todos(as) vividos.

2 CONTEXTUALIZANDO O TEMPO PRESENTE: OS MUSEUS E A PANDEMIA DA COVID 19

Esta seção apresenta um panorama sobre as mudanças na sociedade com a intensificação do uso das tecnologias, principalmente da Internet no cotidiano das pessoas no contexto da globalização; trabalha a relevância adquirida pelos espaços informais de educação, especificamente os museus; discorre sobre a temática (anti) racista e a pandemia da COVID 19 na sociedade.

Vivenciamos tempos conturbados ao longo de 2020 até o momento da finalização da escrita desta tese - 2022. A face emblemática do capitalismo confrontando-se com a necessidade de valorização da vida das pessoas e o enfrentamento da Pandemia do novo coronavírus (SarsCov 2). Como se pudessemos nesse momento sermos seres apolíticos, vimos materializadas as mazelas resultantes do neoliberalismo bruto que sempre reafirma as diferenças socioeconômicas excludentes e brutais.

A COVID-19 é a mais catastrófica situação de ameaça à saúde das pessoas no mundo inteiro, desde o começo do século XX, com a Gripe espanhola, provocada pelo vírus H1N1, em 1918. Os efeitos combinados da recessão econômica e da pandemia ainda não podem ser mensurados de maneira exata (FERGUSON et al., 2020; ATKESON, 2020; MCKIBBIN; FERNANDO, 2020). Neste contexto, na maioria dos países em todo o mundo, as negligências históricas quanto às demandas sociais e de atendimento à saúde, têm vindo à tona. Cobrando urgência para a solução de situações, antes legadas a segundo plano, por meio da invisibilidade social das classes menos favorecidas.

Vimos emergir termos médicos que não faziam parte do cotidiano da maioria das pessoas, tornarem-se corriqueiros: pandemia, ventiladores mecânicos, cloroquina e hidroxicloroquina⁵, perdigotos⁶, aerossóis⁷, isolamento social, coronavírus. Foi exposto um cenário social caótico: crianças cuja fonte de alimentação principal é a merenda escolar, mães provedoras que sustentam sozinhas sua prole e agregados/as, trabalhadores/as autônomos sem

⁵A cloroquina e a hidroxicloroquina são medicamentos disponíveis há muitos anos para a prevenção e tratamento da malária e para o tratamento de algumas doenças reumáticas como artrite reumatoide e lúpus. Investidores chineses demonstraram a capacidade dessas drogas de inibir a replicação do corona vírus em laboratório (in vitro). Um estudo francês mostrou que a eliminação do corona vírus da garganta de portadores da COVID-19 se deu de forma mais rápida com a utilização da combinação de hidroxicloroquina e o antibiótico azitromicina, quando comparados a pacientes que não usaram as drogas. Entretanto, não há, até o momento, estudos suficientes para garantir certeza de melhora clínica dos pacientes com COVID-19 quando tratados com cloroquina ou hidroxicloroquina;

⁶Salpico de saliva que alguém lança ao falar.

⁷Pequenas partículas de um líquido ou sólido que estão em suspensão no ar na forma de um gás.

cadastro Único (CadÚnico)⁸, o que significou que comunidades inteiras ficaram impedidas de receberem a atenção do Estado pela ausência de implementação de sistemas estatais de registros.

Assim, a operacionalização da chegada dos recursos liberados pelo Estado foi/é lenta, o que deixa explícito o modo como o sistema capitalista escolhe quem e a que tempo ele atende; nas palavras de Foucault, deixa viver ou permite morrer.

Nesse contexto, a partir da quantidade de mortos durante a pandemia nos apropriamos do pensamento de Achille Mbembe (2016) em seu livro “Necropolítica” para discutir as ações “não implementadas” pelo governo brasileiro durante a fase mais aguda da pandemia. Segundo Mbembe (2016) o Estado tem a incumbência de estabelecer os limites que corroborem com a harmonia do tecido social. Esses limites dizem respeito aos direitos, a violência e a morte. Nesse sentido, autor apoia-se em Foucault, quando aponta a biopolítica como um poder que gerencia a vida a partir da modernidade, na qual os sujeitos são adaptados à força de produção capitalista e nesse sentido a biopolítica se apropria da vida para administrá-la e regulá-la para ser aproveitada pelo Estado e as instituições como elemento de poder. Também, aliado a essa prática está o “biopoder”, referindo-se aos dispositivos e tecnologias utilizados para controlar as populações. Esses biopoderes dizem respeito e se ocupam dos campos do saber como fornecedores de dados e informações para dar subsídios às instituições. Podemos citar como exemplo a biologia na gestão da saúde pública, dentre outros campos do saber.

Entendendo isso, Mbembe (2016) propõe um olhar para as condições de existência social nas quais grandes populações são submetidas a condições de vida que podem provocar a sua destruição. Nota-se que estão declaradas amplamente em cada sociedade, normas que consideram homens e mulheres como detentores de direitos e condições iguais de vida. Porém, o autor afirma que o Estado cria zonas de mortes como mecanismos de segurança para a sociedade em geral.

Ao entrar em contato com as afirmações desse autor, me dei conta, que só agora e a partir delas consigo perceber quão sutil é o funcionamento do mecanismo de controle que o Estado opera e o quão poderoso ele se torna, na medida em que os fatos sociais vão se desenrolando e gerando consequências. Tudo isso, acontecendo frente aos nossos olhos, cegos para as nuances que como a operacionalização dos sistemas de controle atuam na nossa vida,

⁸O Cadastro Único é um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza. Essas informações são utilizadas pelo Governo Federal, pelos Estados e pelos municípios para implementação de políticas públicas capazes de promover a melhoria da vida dessas famílias.

Ao perceber que a população da classe trabalhadora foi a mais prejudicada pela falta das vacinas, porque as mídias noticiaram que muitos brasileiros se deslocavam para outros países para serem imunizados. Compreendi que diante do caos gerado com o quase fechamento total das fronteiras entre países, que, só quem tinha alto poder aquisitivo alcançava tal privilégio.

Refletindo sobre as considerações de Achille Mbembe (2016) acerca da necropolítica, penso que o contexto social atual favorece reflexões que contrapõem o acirramento da incompatibilidade na qual os sujeitos são reduzidos a grupos que estão mais expostos ao contágio e conseqüentemente à morte iminente, e a biopolítica que governa os corpos. Vimos que as condições socioeconômicas da população contribuíram para que os mais atingidos em sua grande maioria, fossem as pessoas negras e pobres. Situação essa, agravada pela falta de saneamento básico e moradias, chegando à condição de faltar água e sabão nas casas onde viviam muitas pessoas.

Devemos sempre que possível buscar o que é positivo nas situações que se apresentam. A única coisa que consigo ver é que o exercício da solidariedade, empatia e alteridade, muitas vezes, fizeram mudar as condicionantes, até então personificadas nas ações de grande parte da população mundial, que mergulhada nas redes sociais pouco a pouco se isolavam apesar da conexão via internet.

Percebi que um rubor pela condição em que pode estar o “outro”, coloriu as faces das gentes do mundo. Afinal, o “outro” e o “eu” são igualmente contamináveis e com isso, as pessoas confinadas em suas moradias, abriram as janelas e as varandas se entreolharam. Ganharam vida e identidade. As caixinhas em que cada um vivia funcionaram para romperem as barreiras presenciais. A interação virtual ganhou outros contornos de realidade. O mundo virtual tornou-se a realidade onde tudo e principalmente o outro, parecia importar. Histórias de vida foram compartilhadas, e o ciclo de transmissão do vírus foi a teia que alimentou novas relações.

O contexto da pandemia nos apresentou uma situação social inusitada, porém, permeada de contextos efervescentes no que diz respeito a demandas sociais e econômicas. O isolamento social exigido pela situação pandêmica fez eclodir uma procura por interações virtuais e segmentos artísticos, econômicos, educacionais, dentre outros, lançaram mão dos recursos interativos. Os museus não foram uma exceção, as exposições virtuais ganharam destaque e, decorrido um ano e cinco meses dos primeiros casos de COVID 19, foram liberadas exposições presenciais com horário agendado, quantidade de público reduzido e atendimento às várias precauções sanitárias exigidas para o funcionamento seguro.

Outra discussão importante para entendermos a dinâmica do desenvolvimento social e econômico da sociedade assolada pelo coronavírus, diz respeito a intensificação da relação das pessoas com a tecnologia. No início do século XXI, Manuel Castells (2000) afirmava que vivenciávamos uma Revolução Tecnológica da Informação que provocava uma descontinuidade nas bases da economia, sociedade e cultura. Essa revolução não se concentrava no conhecimento e na informação, mas sim, na aplicação dos mesmos para a geração de conhecimentos e processos em um ciclo de realimentação entre o que é inovador e o seu uso. Para o autor, a difusão da tecnologia amplifica seu poder à medida que os usuários a redefinem e apropriam-se dela. O poder da tecnologia serve à tecnologia do poder. O autor aponta como característica da tecnologia a capacidade de dominar as expressões culturais em toda a sua diversidade, e afirma que o universo digital junta no hipertexto as manifestações passadas, presentes e futuras, construindo um ambiente simbólico, ou seja, a virtualidade torna-se realidade.

Assim, para Castells (2000) a realidade passa a ser percebida de maneira virtual e o espaço e o tempo são transformados e reintegrados pela “rede”⁹. Dessa maneira, a Revolução Tecnológica, concentrada nas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) começou a remodelar a base da sociedade, num ritmo acelerado no final do século passado. Economias por todo o mundo passaram a manter uma interdependência global, surgindo uma nova forma de relação entre economia, Estado e sociedade. Na sociedade contemporânea, as tecnologias tem sido utilizadas para reunir, distribuir e compartilhar informações. Elas têm participado da produção de modos de viver e de existir. São websites, aplicativos, redes sociais diversas. Portanto, a sociedade desde fins do século XX, passa por um intenso desenvolvimento tecnológico que influencia e alterou a maneira de ver de estudantes, trabalhadores/as em educação trabalhadores/as de vários campos e o público em geral. Eles/as, nós nos apropriamos das diversas tecnologias, especialmente ao longo do período da pandemia da COVID 19, e do que tem se desenhado como pós-pandemia para desencadear processos de ensino, de aprendizagem, de trabalho. Utilizamos-as para socialização com os nossos pares, para o jogar, ouvirmos músicas, assistirmos a filmes e vídeos.

Em 1999, Castells já anunciava que a sociedade estaria atravessando um período de transformação da cultura material, influenciada pelo paradigma tecnológico e pelas tecnologias

⁹ Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (CASTELLS, 2000).

da informação. Naquele cenário, a reconfiguração do mundo do trabalho, conduzida pelo capitalismo pós-moderno, demandava que todos os cidadãos dominassem as TICs como condição para a inserção social. Hoje, 2022, afirmamos que mais do que nunca a necessidade de formação digital é condição para a realidade na qual estamos inseridos/as.

Os cenários a que nos referimos, marcados pela globalização, mundialização, imperialismo, ou seja, pela integração, interligação que reduz barreiras de comunicação, quebra fronteiras e impõe padrões, cada vez mais universalizados entre os povos. Diante disso, o processo educativo ao qual todos/as nós somos submetidos/as, visa, sobretudo, potencializar as habilidades individuais e fazer com que o sujeito seja capaz de, em um ambiente de mudanças constantes, adapte-se e sinta-se inserido/a no mundo, já assinalava Zigmunt Bauman, em 2007.

Acerca da difusão do termo globalização Ribeiro (1995, p. 18) afirma:

A difusão do termo globalização ocorreu por meio da imprensa financeira internacional, em meados da década de 1980. Depois disso, muitos intelectuais dedicaram-se ao tema, associando-a à difusão de novas tecnologias na área de comunicação, como satélites artificiais, redes de fibra ótica que interligam pessoas por meio de computadores, entre outras, que permitiram acelerar a circulação de informações e de fluxos financeiros.

No entanto, o termo globalização, embora tenha surgido por meio da imprensa financeira, ele também foi associado a identidade cultural engajada na diversidade que se sobrepõe ao individual. Neste sentido, Ribeiro (1995, p. 18) afirma:

Globalização passou a ser sinônimo de aplicações financeiras e de investimentos pelo mundo afora. Além disso, ela foi definida como um sistema cultural que homogeneiza; que afirma o mesmo a partir da introdução de identidades culturais diversas que se sobrepõem aos indivíduos. Por fim, houve quem afirmasse estarmos diante de um cidadão global, definido apenas como o que está inserido no universo do consumo, o que destoa completamente da ideia de cidadania.

Assim, o perfil de um/a cidadão/ã global, inserido/a em um mundo consumista e endividado, se distancia da ideia de cidadania quando pensada pelo princípio da democracia e pela ideia de comunidade. Este cidadão/ã global, produzido pela lógica da globalização liberal e neoliberal, é educado/a para o distanciamento, a indiferença, o desengajamento político. Esvaziado/a de si e do mundo, esvaziado/a da *polis*, se colocam em uma rotina de impessoalidade e afastamento da ideia de bens comuns, coletivos. Este cidadão/ã é forjado para assegurar-se e ao seu grupo os seus bens e interesses particulares, como nos ensina Baumann (2003).

Por sua vez, Jimeno Sacristan (2001) afirma que as relações culturais são fortalecidas pela globalização, mas também, por ela, são impostas ideias e atitudes de forma desigual entre os países, podendo levar ao aumento das diferenças entre os mesmos. Esta é uma afirmação que encontramos em Bauman (2003) e Bernardo Sorj (2003). Este último confirma a dimensão diferenciadora da globalização ao considerar que ela é:

(..) a democratização das sociedades em escala internacional, a criação de um espaço unificado de expectativas de igualdade. Como democratização do mundo, a globalização, não significa a igualdade efetiva de condições de vida no interior de cada sociedade entre os povos (SORJ, 2003, p. 12).

A globalização está embasada na utilização da tecnologia e o mercado econômico aproveita-se de toda a produção para incentivar o consumismo. Dessa forma, o pensamento crítico passa a ser importante no momento em que necessitamos avaliar até que ponto deve-se considerar o uso de máquinas, como o computador, necessário ao nosso modo de vida e, principalmente, sua contribuição para a aprendizagem e formação ética dos estudantes. Pode-se assim, vislumbrar uma implicação quanto à globalização, como, a interação com pessoas de diferentes regiões pode trazer como consequência uma modificação na subjetividade e nas atitudes comportamentais e também uma visão diferenciada quanto a construção do próprio conhecimento. Para Castells (1999), se as pessoas em diferentes regiões do país ou do mundo, conseguem interagir, por meio da Internet, a comunicação humana é modificada por essa ferramenta.

A sociedade pós-moderna, embasada no consumismo frenético, exige sujeitos adaptados a uma liquidez que a cada dia se reconfigura. Liquidez essa visível nas ações comuns aos indivíduos, na massificação dos meios de comunicação, dos relacionamentos fugazes, das exigências de um perfil adaptável a diversas situações. Essa adaptabilidade é exigida principalmente pelo mercado de trabalho (BAUMAN, 2007).

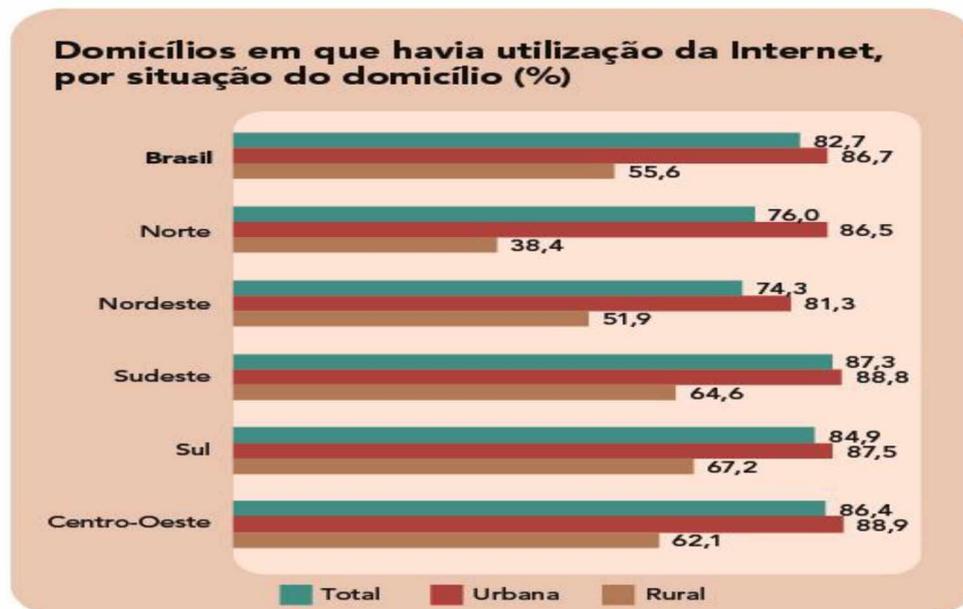
Nos últimos três anos, o panorama pandêmico viabilizou o crescimento do uso das tecnologias, para que as pessoas pudessem vivenciar o isolamento social provocado pelo vírus da Covid 19, de maneira mais interativa, dinâmica e produtiva. Esse potencial, estendeu-se aos espaços não formais de educação, os museus de Ciências, tornando mais corriqueiras as visitas virtuais aos espaços museais. Espaços que também sofreram o impacto da pandemia e, como diversos outros espaços educativos e de trabalho, tiveram que responder ao tempo configurado pelo vírus.

A relação das tecnologias com a vida cotidiana, constitui um fator essencial no delineamento de uma nova cultura e, seu uso, um meio concreto de inclusão e interatividade. Estar inserido nessa nova cultura implica estar exposto/a às mudanças que ela pode acarretar

para as vivências e experiências que as pessoas terão em sua vida cotidiana. De um lado, as relações sociais são influenciadas pelas tecnologias, e, por outro lado, há uma demanda por políticas públicas que assegurem a inserção da maior parte possível da população mundial. Dessa forma, acentua-se a preocupação com a inclusão e formação digital, visando integrar e conectar a todos e todas à rede.

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), afirmam que a internet chega a oito em cada dez domicílios do País. Em 2019, a Internet era utilizada em 82,7% dos domicílios brasileiros. A maior parte desses domicílios fica concentrada nas áreas urbanas das Grandes Regiões do país, conforme mostra o gráfico abaixo (IBGE, 2019):

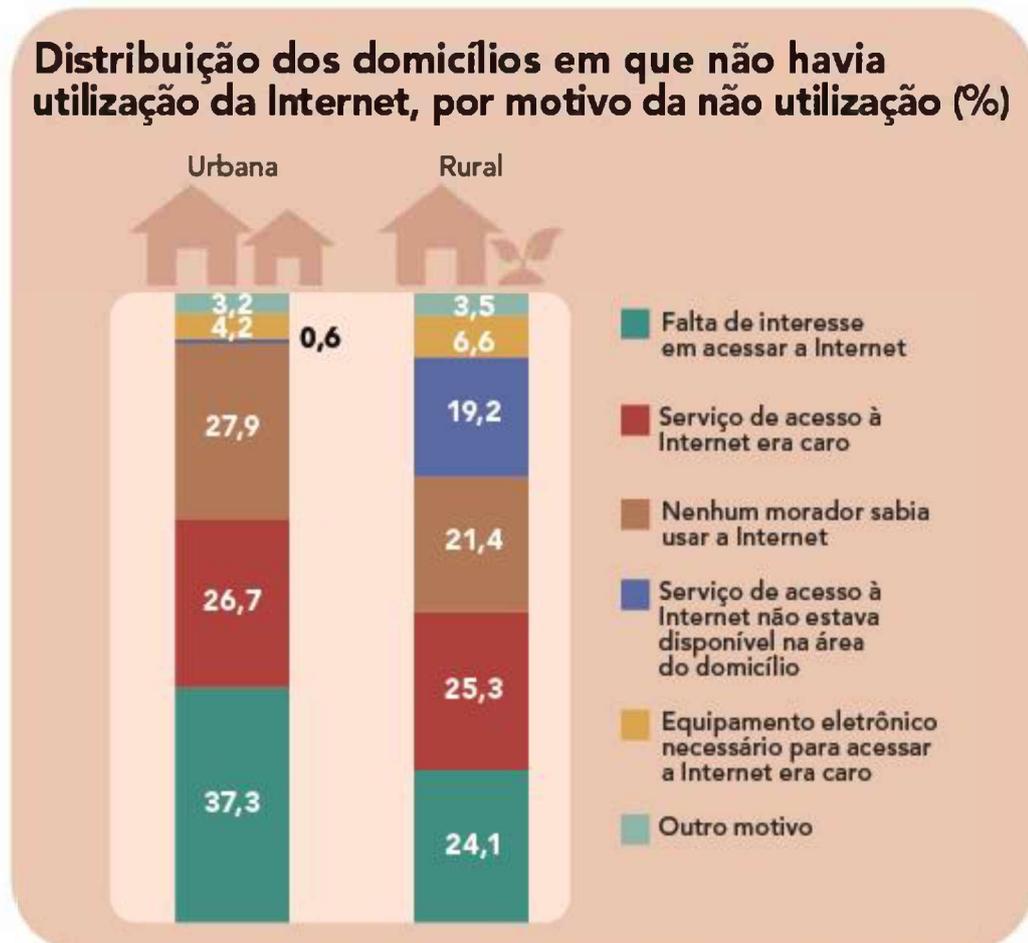
Figura 2: Gráfico dos domicílios que utilizam internet



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Pode-se perceber pelo gráfico que as residências localizadas nas áreas rurais são as que apresentam a menor porcentagem de conexão. Um dos principais motivos da não utilização da Internet segundo o IBGE, é a indisponibilidade do serviço. O gráfico abaixo aponta os motivos da não utilização da internet: 19,2% afirmam que o serviço não está disponível em sua região, 21,4% não sabem usar a internet, 25,3% consideram o serviço caro, 6,6% acham os aparelhos caros. Pode-se inferir por esses dados que: uma parte significativa da população brasileira não acessa a internet seja por condições socioeconômicas, de acesso ou ineficiência no uso da tecnologia.

Figura 3: Gráfico da distribuição dos domicílios que não utilizam internet



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Outro dado importante disponibilizado pelo IBGE, diz respeito à finalidade do uso da internet. Perceba no gráfico abaixo que entre os objetivos do acesso à Internet pesquisados, o envio e recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos (não *e-mail*) continua sendo o principal, indicada por 95,7% das pessoas com 10 anos ou mais de idade que utilizaram a rede em 2019 (IBGE, 2019).

Percebe-se pelos dados elencados que não aparece entre as porcentagens uma categoria explicitamente relacionada a processos educativos, ou uso para estudo durante o período de aulas *online*, por conta do isolamento social e fechamento das atividades presenciais nas escolas.

Figura 4: Porcentagens por finalidade do acesso à internet



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019.

Minha percepção enquanto docente em escolas públicas periféricas, quanto ao acesso à internet foi de ver estampado no dia a dia da minha prática pedagógica, o grande abismo que se abriu para os estudantes de baixa renda. Relatos dos meus alunos revelaram as dificuldades por eles enfrentadas. Dentre as que mais se destacaram estavam: o valor do pacote de dados era caro, havia apenas um aparelho de celular ou computadores para dividir entre os diversos irmãos, impossibilitando o acesso às aulas remotas e corroborando o que os dados do IBGE eles apontam a indisponibilidade de conexão nas áreas rurais ou muito periféricas.

Por fim, a situação demonstrada pelos gráficos deixa claro que a alta taxa de pessoas conectadas no país, 78,3% em 2019, não significa que a alta conexão seja uma prerrogativa disponível para toda a população, seja ela urbana ou rural. Vivemos uma democracia, mas o que realmente afeta as pessoas em seu cotidiano é o modo de viver capitalista. Sinto que esse sistema econômico quer deixar claro a todos que a igualdade é um pressuposto de suas bases, porém, esta, não alcança a todos e principalmente exclui, por meio da distribuição desigual dos benefícios que deveriam vir do desenvolvimento econômico do país.

Estando consolidado esse cenário, no próximo capítulo discutiremos os conceitos de corpo, corpo negro, raça e racismo.

3 CORPO, CORPOS NEGROS, RAÇA E RACISMO

Esta seção, contextualiza o conceito de corpo historicamente construído, problematizando questões diferentes dessa lógica. Discute raça e racismo e os corpos negros dentro do contexto social, histórico e cultural.

3.1 Corpo: conceito e significações

Apresento aqui, uma caracterização do conceito de “corpo” e sua formação como objeto de estudo no processo de constituição do corpus de análise relativo a este estado da arte da pesquisa. Buscaremos adentrar o campo de construção histórica de corpo para não incorrer no risco da generalização do termo. Para a construção histórica do corpo, visitaremos a Grécia que para nós será o ponto de partida. Para esse povo, o corpo era glorificado e subserviente ao Estado. Para tanto, era objeto de admiração quando alcançava o ideal de saúde, beleza e proporcionalidade. O corpo era construído, esculpido e exibido nos Jogos Olímpicos, nas guerras servia aos interesses do Estado e nos festivais em homenagem aos deuses era instrumento de conexão com as divindades. Os gregos cuidavam do corpo e da alma com exercícios, dietas, leituras e meditações. A idealização do corpo na Grécia antiga, porém, era restrita aos cidadãos, ou seja, homens livres. Os corpos escravizados e mulheres na maioria das pólis gregas, excetuando-se Esparta, não eram contemplados com as primazias dedicadas ao corpo do homem livre e com posses, demonstrando a desigualdade de tratamento para os corpos e a estratificação das vantagens que cada indivíduo possui.

Com a ascensão de Roma e do Império Romano, o corpo continua a ser cultuado conforme os ideais de beleza da Grécia antiga, com o diferencial de que o corpo perfeito e forte está sujeito à morte precoce e violenta, como é o caso dos gladiadores. Assim o corpo não é apenas para ser admirado, exibido e subserviente ao Estado, o corpo é também associado ao destino e a morte.

Uma nova percepção de corpo surge com o domínio do Cristianismo. O ideal de beleza do corpo na Grécia e em Roma, desaparece sob a pesada névoa do pecado, que torna abominável qualquer relação com o corpo que não expresse sofrimento, renúncia e abdicação ao prazer. O Cristianismo ensina que o corpo é a fonte do pecado e somente a dor física tem valor espiritual,

porque o corpo de Cristo sofreu e por essa razão foi glorificado. A alma ganha poder sobre o corpo e os prazeres carnis. O homem deve reprimir seus desejos e privar-se de qualquer atitude que o desvie do desenvolvimento espiritual, inclusive alimentar-se. O corpo é silenciado, tudo é proibido.

Com a Idade Média e o fortalecimento do Cristianismo, o corpo continua silenciado, porém, agora está atrelado à terra. As características agrárias da sociedade medieval, criam um viés de acorrentamento do corpo à sua condição social determinante do *locus* de pertencimento dos indivíduos. Técnicas coercitivas atuam sobre o corpo, que sofre com castigos e execuções, muitas vezes públicas, como forma de punição. O que o Cristianismo entendia como posse do corpo pelo demônio, levou corpos femininos à fogueira e à execração pública. Assim, até o final do século XVIII, o significado de corpo não sofreu grandes modificações, apesar de passar por vivências e momentos diferenciados, de acordo com concepções diversas do discurso do Estado, do controle, sobre o pecado, beleza e espiritualidade.

O Renascimento Cultural traz uma reviravolta para o entendimento sobre o corpo. Ele é redescoberto na arte, nas pinturas de Da Vinci e Michelangelo dentre outros. Com o homem iluminista mergulhado nas explicações racionais e científicas, este ganha contornos de objeto a ser investigado, descrito e analisado. Agora, ele serve à razão e o homem passa a ser moldável e passível de exploração. Nesse momento histórico, uma melhor produtividade agrícola e a expansão comercial, criam condições para o desenvolvimento da indústria, mudanças sociais e o surgimento do capitalismo.

Dentro desse emergente sistema capitalista, o corpo pode ser oprimido e manipulado. Passa a ser percebido como uma máquina produtiva subserviente ao acúmulo de capital. Em sua obra “Microfísica do Poder” Michel Foucault (2002) afirma que há a necessidade de submeter o corpo e exercer sobre ele um controle coercitivo do espaço, tempo e articulação dos movimentos corporais. O século XIX intensifica as tecnologias de produção em massa e com elas a educação do corpo para os interesses do poder. O homem está a serviço da economia e da produtividade, que necessita de um corpo saudável, estilizado pelos padrões de beleza para estar habilitado a consumir. A sociedade industrial é desenvolvida tecnologicamente e aplica suas técnicas para o aumento da expectativa de vida das pessoas e realização de atividades corporais. O corpo se reproduz também na televisão, cinema e fotografia. Torna-se solitário e isolado ao não ser protegido no espaço privado e esvaziado no público, no meio da multidão, evitando o contato físico.

Na Modernidade, modelos de corpos são expostos no intuito de atender a um mercado cada dia maior de produtos e serviços que levam as pessoas a investirem em um corpo que lhes

traga aprovação social. A subjetividade de cada um é capturada pela publicidade que impele a todos a se encaixarem no padrão de beleza proposto. O corpo passa a ser alvo da indústria da beleza e da saúde que explora o desejo de pertencimento e aprovação social. A diferença do corpo do início do capitalismo com a atualidade está no fato de que no primeiro ele era considerado como força de produção coletiva a ser disciplinado, sendo que na atualidade a expressão do corpo é individual, moldada nos desejos do indivíduo, um projeto pessoal flexível. Nas décadas de 60 e 70, os estudos feministas ajudaram a construir alterações sociais que antes estavam atreladas aos conceitos de biologia e sexo. Assim, o século XX constrói sua percepção de corpo nos parâmetros sócio biológicos, com homens e mulheres adaptando se aos grupos sociais. As dicotomias que tentam definir as relações sociais, religiosas e físicas como: corpo e alma, vida e morte, feminino e masculino dentre outras, dentro de um contexto de mercado consumidor e economia, ajudaram a construir o corpo produtivo masculino e o corpo sedutor feminino. A atenção ao corpo e ao prazer reforçam a sexualidade na representação do corpo, onde este, torna se objeto de desejo. Nesse contexto, a coisificação do corpo não está apenas no espaço da produção de mercadorias e aceleração da economia, ela serve também a um universo de possibilidades para que se utilize o corpo para vender objetos de desejo e atuar como processo de idealização do que é instituído como modelo.

Nessa conjuntura, o corpo ideal transforma se em um projeto pessoal para homens e mulheres que tem o apoio da tecnologia para obter o sucesso. Respaldados por medicamentos, tecnologias médicas, (trans) implantes, surge o atrito com a relação corpo / alma fazendo com que o corpo entre em crise, porque, no convívio social nossos problemas ou sucessos são definidos pela conduta do nosso corpo. De acordo com Ieda Tucherman (2004, p. 94) “O corpo e o sujeito moderno estão em crise diante da perplexidade que põe em questão sua noção de realidade que está associada à presença tangível e ao suporte material”.

Em se tratando de Pós Modernidade, o corpo é fragmentado, dividido e tem sentido próprio. Cada parte desse corpo é potencializado pela indústria e medicina num potencial alvo de objetos para consumo e tratamento. Cada indivíduo assume suas escolhas, individualidades e identidades, mas, ainda buscam um vínculo de identificação com um grupo de referência. Esses estilos são corroborados pelo aumento de corpos tatuados, cabelos coloridos, funks e outras formas de se sentirem representados (as). Outra característica dessa época é o conceito de beleza pautado num processo de criação por homens e mulheres que escondem ou ressaltam detalhes do próprio corpo de acordo com seu imaginário. Esse corpo metamorfoseado, é corrigido e reconstruído para propiciar a cada indivíduo uma expressão diferenciada do seu “eu”. Associado a esse momento, a tecnociência maneja o corpo superando os defeitos

biológicos. Um contraponto que se apresenta dentro desse universo do desenvolvimento da realidade tecnológica e virtual, é o pouco uso do corpo na interação homem / máquina. Essa interação, vem acompanhada de processos que redefinem a vida e o corpo. Entendemos com isso, que o corpo se revela na sua organicidade biológica, no convívio social, cultural, religioso e psicológico, sendo a cada período da história modelado, consolidado, desmistificado, fragmentado e explorado de acordo com a dinâmica da relação entre as culturas.

Ao refletir sobre o desfecho histórico do conceito de corpo, consigo entender que seu significado mudou ou deslocou-se várias vezes, de acordo com o pensamento filosófico, social ou econômico de cada época. Porém, sempre sob a lógica e supervisão de quem detinha o poder. Desde a Grécia antiga, passando pelo Cristianismo, Feudalismo, Iluminismo e Modernidade, o corpo, sempre foi moldado para servir a um propósito estético, religioso, científico e produtivo, que evidenciava seu valor a medida que se encaixava no tipo de relação social, religiosa e econômica que estivesse predisposto a estabelecer, se cumprisse com os padrões impostos.

Entendo que nesse desenrolar histórico, as narrativas contribuem para silenciar, apagar, (des)qualificar os corpos que não interessam ou que para servir ao contexto econômico com mão de obra barata, necessitam ser desumanizados. Cabe, nesse momento, a meu ver uma problematização sobre como os corpos diferem das percepções apresentadas nos percursos históricos dos europeus sobre o tema.

Apresento como complemento e problematização do contexto histórico do conceito de corpo as reflexões de Michel de Certeau (2002) e David Le Breton (2010) Esses autores em suas obras *Histórias do Corpo* e *Sociologia do Corpo*, respectivamente, pontuam aspectos diferentes da lógica histórico temporal expressa na linha do tempo descrita anteriormente.

Certeau (2002) discute em sua obra, *Histórias do Corpo*, questões referentes à gestão social do corpo e sua maneira de percebê-lo. Apontando para o conflito existente entre a esfera do controle e da norma com o que cada um tem como ideal para si. Ao contextualizar o corpo nas mais variadas épocas, o autor conduz nossa percepção para os enfoques que o tema agrega em cada período, chegando às mutações do olhar no século XX. Segundo ele, “o que faz um corpo é uma simbolização sócio-histórica característica de cada grupo” (DE CERTEAU, 2002. p. 407).

Se retomarmos Michel de Certeau podemos inferir que as ressignificações do corpo em cada época têm a ver com os imaginários sociais que viabilizam conflitos e transformações que se operam na esfera dos processos de subordinação político cultural dos corpos ao longo da história.

Le Breton (2010) em seu livro *Sociologia do Corpo* faz uma análise dos principais enfoques do estudo sobre o tema e destaca três etapas distintas de entendimento sobre o que é o corpo: a sociologia implícita do corpo pauta seu olhar sobre a miséria física e moral da classe trabalhadora no período da Revolução industrial; na etapa chamada de sociologia em pontilhado o homem é considerado um ser socialmente construído a partir das qualidades do corpo e interações com o outro e imersão no campo simbólico; já na terceira etapa denominada sociologia detalhista, o autor trata da lógica social e cultural imposta ao corpo.

Entendemos que com essa abordagem Le Breton pode propiciar a nós leitores a possibilidade de (re) pensar o tema proposto sob uma ótica que pode ir além da visão histórica descrita anteriormente. Refletindo sobre, acredito que nesse momento pode-se tensionar a lógica eurocêntrica da concepção de corpo. Já existe, historicamente falando, um padrão estético corporal que é memorizado e revalidado através do tempo como referência do que é amplamente aceito. Mas, cabe a nós questionarmos em que medida, cada corpo dentro de suas características socio culturais, difere das percepções eurocênicas apresentadas como legítimas durante grande parte da nossa história.

Ainda assimilando o pensamento de Le Breton (2010) ao relatar sua teoria, eu a interpreto e transfiro para minha vivencia de mulher negra, o seu argumento que reforça a corporeidade como uma conduta que varia nas diferentes sociedades. Logo, revisito minhas memórias de infância e adolescência para constatar o quanto fui invisibilizada e até mesmo lesada nos princípios deveriam reger uma sociedade igualitária. Pondero, sobre até quando os meus olhos permaneceriam cegos, cobertos pela névoa da imagem de corpo ideal propagada num espaço de tempo contínuo se eu não tivesse o amparo das lógicas sociais e culturais do corpo discutidas por Le Breton.

Quando compreendo que o autor foca seu estudo em três panoramas que enfatizam os aspectos da corporeidade como sendo: logicas sociais e culturais, imaginários sociais do corpo e o espelho social do corpo, passo localizar pontualmente na minha vida, as ações que influíram na minha trajetória de formação enquanto ser social, político pertencente a uma coletividade que é excludente, porém ancorada em roupagens que se apresentam como democráticas e acessíveis a todos (as). Além disso, recordo a sensação de que meu corpo estava sempre “sob suspeita” aumentando minha vontade de manipulá-lo para me sentir adequada ao que supostamente todos esperavam de mim.

Enfim, com esse exercício de comparação entre as teorias e as minhas vivências, sinto que carrego um corpo que no decorrer dos anos foi destituído e exposto a desigualdade e ao preconceito.

A seguir proponho a discussão do termo “corpos negros” sua contextualização histórica, visto que a formação da corporeidade brasileira se deu na perspectiva da diáspora africana.

3.2 “Corpos Negros”

Ao propor discutir “Corpos Negros”, julgo ser necessário passar pela contextualização histórica do conceito de corpo e raça. Agora, teremos a escravidão como pano de fundo e um dos elementos para a constituição cultural do termo em discussão. Consideramos que esse marcador racial é importante para a denominação “corpos negro” dentro de um contexto em que a formação da corporeidade brasileira se deu na perspectiva da diáspora africana. A (des)qualificação dos corpos aconteceu na perspectiva do comércio, cujo objetivo era a produção e a acumulação de bens. Para que esse projeto econômico obtivesse êxito, a solução encontrada pelos colonizadores foi a invenção de uma raça e a definição de um corpo a ser explorado. Esse critério era basicamente a origem territorial, definido pela cor da pele negra. (DUMAS, 2018, p. 2).

Dessa maneira, a autora Alexandra Gouvêa Dumas (2018) afirma que o colonizador – homem, branco, meia idade, das classes econômicas abastadas, europeu - determinou quem seria considerado gente e não gente por meio de estruturas escravocratas apoiadas em “sua” Ciência, religião e política. Assim, construíram processos de legitimação das noções de corpos assentadas em hierarquizações que apontam para a superioridade de uns sobre outros. A religião, associada a interesses políticos e econômicos, corroborou para a coisificação do corpo negro e para a sua legitimação e (des) qualificação enquanto ser humano. Fazer pensar e ver os corpos negros como “coisa”, como “corpos sem alma”, foi e é um dos marcos de distinção do “corpo branco com alma”, do europeu, portanto, o corpo que caminha para Deus. Este marco serviu como justificativa para a escravidão e sujeição, para a imposição ao labor cruel e, para a implantação de da verdade assentada na ideia de que os corpos negros eram/são destituídos de “espírito” e, portanto, sujeito a ser manipulado e comandado pelo seu “superior”, o colonizador, o padre, o pastor, o latifundiário, o branco. Quanto à Ciência do colonizador, esta, também serviu como mecanismo de legitimação e afirmação da sua superioridade; como mecanismo de e alijamento de modelos estéticos corporais distintos da produção europeia.

Estes são os corpos tornados alvos do racismo que, nas relações (inter)pessoais, nas dinâmicas institucionais, são manifestações de algo mais profundo, produzido nas entranhas políticas e econômicas da sociedade (ALMEIDA, 2018). Os conceitos de gente e de corpo estão

historicamente ligados à apropriação de terras e ao acúmulo de bens por determinados segmentos populacionais. O corpo do colonizador europeu afirma-se como superior ao corpo do negro africano que realiza o trabalho pesado na construção das cidades e campos.

De acordo com o autor Silvio Almeida (2018), para solidificar a (des) classificação dos corpos, foram colocadas em prática técnicas para reprimir as memórias sociais e o passado histórico dos povos escravizados¹⁰. Assim, eles foram proibidos de manifestarem as suas expressões religiosas e ritos ancestrais, o que não significa que desenvolveram estratégias de resistências para burlar tais proibições. Os corpos negros se ressignificaram, em solo brasileiro, por meio da produção de percepção e expressão de si mesmos. Porém, torna-se necessário lembrar que o conceito corpos negros é pautada na decisão política, de grupos hegemônicos, de submeter e classificar racialmente o grupamento humano a partir das dimensões econômicas, culturais, religiosas, educativas. Na dimensão econômica situa-se a necessidade de alicerce laboral para alavancar o desenvolvimento e expandir as riquezas e domínio europeu a qualquer preço. Preço esse, que incluía, desumanizar, coisificar o corpo do Outro, para que dele se pudesse subtrair o máximo de trabalho com o mínimo de resistência. A dimensão cultural que, por meio da supressão e eliminação de modos de sentir, pensar, significar as experiências, as relações com a natureza, consigo e com o outro, é atacada pela imposição de modos de vida e experiências do branco europeu.

São colocados em funcionamento um conjunto de procedimentos que buscaram desqualificar e explodir com signos, símbolos, expressões corporais singulares de um conjunto multifacetado de linguagens culturais próprias dos diversos povos negros que para o Brasil foram, forçosamente, deslocados. Ações de extermínio e suplantação de culturas não faltaram como também não faltaram ataques às expressões religiosas. Estas, lançadas ao campo do maligno, atreladas a significações demoníacas foram, pelos instrumentos das tradições cristãs, sofrem perseguição de grupos religiosos, do Estado, da sociedade branca, e, mesmo da polícia e justiça. Aliadas às práticas educativas eurocêntricas, as ações de extermínio de práticas culturais e religiosas, compõem o terreno da história deste país. Foi a proposta educativo-pedagógica jesuítica aquela que, somadas a outras propostas científicas, políticas, que atuaram na constituição de uma trama de suplantação dos valores, signos, símbolos para tornar corpos negros no mesmo, ou seja, em corpos que deveriam caminhar para o embranquecimento, em

¹⁰ Na minha escrita, uso o termo "escravizada/o", e não *escravo*, porque *escravizada/o* descreve um processo político ativo de desumanização, enquanto *escrava/o* descreve o estado de desumanização com a identidade natural das pessoas que foram escravizadas (Kilomba, 2019).

um movimento de aproximação do que foi definido estética, cultural e politicamente, pelo colonizador, como belo e desejável.

Assim, será com o discurso da salvação, do ganho de uma alma, do livramento do inferno, da beleza branca que toda uma engenharia político-discursiva opera sobre corpos negros e corpos não brancos. A escola, o hospital, a polícia, o estado, a igreja, sem dúvida alguma, foram as instituições-referências de atuação sobre estes corpos-mentes, como nos ensina Foucault (2008).

Entendo que nesse momento quando Foucault (2008) cita a escola como uma instituição que atua sobre corpos e mentes, é apropriado trazer a problematização proposta por Nilma Lino Gomes (2002) em seu texto “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? A autora discute educação, cultura, relações raciais e as formas simbólicas por meio das quais as pessoas negras constroem a sua identidade dentro e fora do ambiente escolar.

Contextualizo a discussão da autora porque esse tema é muito presente no meu cotidiano e, é claro permeou toda a minha vida de criança até a atualidade. E, claramente pode contribuir com a discussão sobre os corpos negros e sua relação com sociedade a partir das tonalidades da pele e cabelos negros.

Hoje, entendo o processo de negação racial que vivenciei, consigo distinguir processualmente a ações impetradas por mim, corroboradas pelas relações sociais que estabeleci, relacionadas ao declinar da aparência crespa do meu cabelo para me sentir aceita e inserida nos protocolos sociais vigentes. Acredito que a autora proponha que a escola seja um lugar de se configurarem práticas (anti) racistas que combatam a negação ao pertencimento étnico/racial, ao mesmo tempo que, possibilite tanto a desconstrução de experiências de discriminação racial quanto de superação do racismo.

Os corpos negros em suas variadas matizes vivenciam diferentes experiências de discriminação racial. Faço essa afirmação, porque pertenço a uma família negra muito miscigenada que tem corpos negros de tom de pele escura, cabelos crespos, de cabelos ondulados e pele negra, de cabelos claros e pele parda, de olhos claros, pele clara e cabelo crespo, e cada um de nós foi afetado de diferentes maneiras pelas dificuldades que se apresentavam em maior ou menor grau de acordo com a aceitação do “outro” com a nossa cor de pele e matiz de cabelo.

Ao refletir sobre isso, procuro sustentação teórica nas afirmações de Frantz Fanon (2008) ao alertar para um sistema epidérmico racial. Em seu livro *Pele negra, máscaras brancas*, traz a anedota: Fanon, (2008), narra:

Um dia, São Pedro vê chegar à porta do paraíso três homens: um branco, um mulato e um preto.

— O que você deseja? Pergunta ao branco.

— Dinheiro.

— E você, diz ao mulato.

— A glória.

Quando se volta para o negro, este lhe responde com um grande sorriso:

— Eu só vim trazer o baú destes senhores (FANON, 2008 p. 60).

A anedota atesta a hierarquização atrelada ao tom da cor da pele. Da mesma forma, mais adiante na leitura encontramos referência ao amor de uma mulata e um homem branco, destacamos o trecho abaixo para salientar que a pele mais clara da mulher, lhe conferiu status, aceitação e ascensão social. Fanon, (2008) afirma:

No dia em que o branco declarou seu amor à mulata, algo de extraordinário deve ter acontecido. Houve reconhecimento, integração em uma coletividade branca que parecia hermética. A menos-valia psicológica, este sentimento de diminuição, e seu corolário, a impossibilidade de ter acesso à limpidez, desapareceram totalmente. De um dia para o outro, a mulata passou da casta dos escravos para a dos senhores... Ela foi reconhecida pelo seu comportamento super compensador. Ela não foi mais identificada como aquela que queria ser branca, ela era branca. Ela penetrava no mundo branco (FANON, 2008 p. 60).

A citação acima, pode exemplificar ou ilustrar o que acontece em termos de adversidades e/ou oportunidades que os corpos negros encontram durante a vivência social de seu grupo ou indivíduos. Fanon (2008) reitera que: *“O problema negro não se limita ao dos negros que vivem entre os brancos, mas sim ao dos negros explorados, escravizados, humilhados por uma sociedade capitalista, colonialista, apenas acidentalmente branca”* (FANON, 2008, p. 169).

Posto esse cenário, creio ser pertinente agregar à questão do imaginário construído socialmente sobre os corpos negros e suas várias tonalidades, uma discussão que se aproxima do contexto que este estudo considera relevante. Ou seja, se estamos procurando entender o porquê dos corpos negros dentro dos parâmetros culturais, sociais e políticos, foram a partir de um processo histórico desterritorializados, destituídos de uma identidade causada pela diáspora racial que lhe foi imposta, como esses corpos negros se tornaram fontes de resistência em seus lugares de degredo?

O processo de adaptação a uma situação de subordinação propiciado pela escravização dos corpos negros, atendendo a uma lógica de exploração mercantil, desdobrou-se em atos de resistência que culminaram em variadas formas dessa expressão. No período colonial essa resistência manifestou-se por meio de "fugas coletivas, ou individuais, as rebeliões, a recusa

em realizar os trabalhos forçados, mesmo entendendo as consequências, a execução do trabalho de maneira inadequada, fuga e criação de quilombos e mocambos"(FANON, 2008, p. 169).

Essas estratégias de luta eram apropriadas ao período histórico no qual ocorreram, mas, e na atualidade, como estão configuradas as reações dos corpos negros aos processos de marginalização, sufocamento, apagamento e inviabilização do progresso do povo negro na sociedade brasileira?

Para tanto, recorro a Fanon (2008) quando afirma que o ataque ao corpo é uma forma de não existir, outra é instituir a ideia de inferioridade racial que supostamente condicionaria a existência dos corpos negros às relações de subordinação. E nessa conjuntura retorno a Nilma Lino Gomes (2002) em seu texto que trata das ressignificações ou reproduções dos estereótipos relacionados ao corpo e cabelo crespo dos negros. Ela indica a maneira de trançar o cabelo como fonte de resistência nos tempos antigos e atuais, localizando a escola como lugar de possibilidades de discussão e problematização das questões raciais no Brasil.

Outras formas de resistência são: a criação nas comunidades (favelas) de centros comunitários e projetos sociais que desenvolvem atividades relacionadas a valorização da cultura negra e do protagonismo negro, um exemplo é o: Afro Fashion Day, que, segundo os organizadores, o papel do evento enquanto iniciativa que valoriza a competência do modelo negro, é contribuir para abrir espaço no mercado de trabalho. Em entrevista ao Jornal Correio em novembro de 2019 Jonas Bueno, 26, idealizador da Focus Moda e Produções, afirmou:

Sempre ouvi que a moda não era para mim, porque eu era negro, porque não tinha estudo, porque minha pele era manchada, porque precisava falar bem. Só que eu idealizei tudo de uma forma, e quando entrei vi que era ainda mais cruel. É um mercado para poucos, para quem aguenta passar por opressão, por seleção, por escolhas (BUENO, 2019, p.xx).

Buscamos o exemplo desse projeto relacionado ao mundo da moda, porque considero esse ambiente, como o mais afetado pelos estereótipos de aparência física e creio eu com menores chances de sucesso para o corpo negro. Sei que apesar das minhas afirmações, existem modelos negras que resistem e se destacam no mundo da moda, porém, ainda são minoria, o que acentua a distância racial do corpo negro, dos padrões europeizados de corpo que ainda vigoram na atualidade.

Podemos citar ainda, o Movimento Negro Unificado, criado em 1978, em São Paulo, personalidades negras femininas símbolos da resistência como: Conceição Evaristo, que em seu livro "Olhos d'água (2015), narra a história de uma mulher que não recordava a cor dos olhos da sua mãe, porque a mesma vivia com os olhos marejados d'água pelas dores e medos que enfrentava no seu cotidiano. Ainda, Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, escritora,

autora do livro Quarto de Despejo (1960) e de várias outras obras. Ela descreve as vivências carregadas de medo, fome e invisibilidade social na sua luta por realizar o sonho de ser escritora.

Visando não perder de vista a questão norteadora desse estudo que é: considerar o caráter educativo dos Museus de Ciências brasileiros e o papel que realizam na divulgação na formação de ideias e imagens sobre a Ciência, entendendo quais os contributos para uma educação antirracista que eles apresentam, e após citar algumas maneiras de resistência dos corpos negros na atualidade, quero aqui, deixar claro, quais corpos negros queremos encontrar nos museus de Ciências quando dizemos que os mesmos podem contribuir para uma discussão (anti) racista.

Antes, porém, vou problematizar minha própria questão de pesquisa, demandando entender quem visita os museus, a que classe social a maioria pertence, quem mantém essas instituições e sobretudo se a visitação a esses locais é considerada natural e inserida no cotidiano das pessoas?

Para responder essas questões vou revisitar as páginas eletrônicas dos museus elencados e escavar as respostas. O Museu da Vida da FioCruz, disponibiliza relatórios com informações de gastos, investimentos e todas as demandas da instituição. O gráfico abaixo mostra o número de visitantes no período de 1999 a 2012 realizado pelo Núcleo de Estudos de Público e Avaliação em Museus (Nepam).

Gráfico 1: Número de visitantes de 1999 a 2012



Gráfico 1 - Fonte: NEPAM

A partir dessa informação pode-se perceber que há um número grande de visitantes chegando a quase 180.000 em 2012. E perceber quem são essas pessoas, foi possível por meio das imagens disponibilizadas. Em sua maioria, professores e alunos de escolas públicas e privadas, homens e mulheres brancos que aparentam pertencer à classe média. Poucas imagens de pessoas negras e famílias com mais de dois filhos.

O Museu de Ciências e Tecnologia da PUC- RS é um órgão da Universidade do Rio Grande do Sul, tem como público principal de suas exposições e atividades, professores, alunos de graduação e pós-graduação, além disso, o museu se diz aberto a crianças e jovens de famílias de baixa renda que estudam em escolas públicas e particulares localizadas em áreas de vulnerabilidade social ou de risco e portanto, tem gratuidade no ingresso.

O Museu do Amanhã se declara um exemplo bem-sucedido de parceria entre o poder público e a iniciativa privada: Prefeitura do Rio de Janeiro e Fundação Roberto Marinho, instituição ligada ao Grupo Globo. O Banco Santander como patrocinador máster, a Shell Brasil, ArcelorMittal e Grupo CCR e Instituto Cultural Vale como mantenedores e uma ampla rede de patrocinadores. Pelas imagens percebo pessoas jovens, estudantes, homens e mulheres de meia idade, também aparentemente da classe média.

A Casa de Ciências da UFMS é mantida pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. se declara aberta para professores e alunos do Ensino Básico, excluídos da população à sociedade do Conhecimento, jovens e adultos.

O Museu Paraense Emilio Goeldi no Pará, é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação do Brasil, se diz aberto para escolas e

comunidade, autoridades e grupos de turismo. Percebe-se a presença de estudantes, jovens, adultos.

O Espaço Ciência de Pernambuco, pertence à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco. afirma ter uma expressiva participação de escolas públicas e estudantes do ensino básico, além do público em geral. Por meio das imagens disponíveis nas páginas eletrônicas do museu percebe-se a predominância de estudantes jovens.

Depois de buscar as informações acima nas páginas eletrônicas dos seis museus elencados para a pesquisa, acredito ter suporte para responder, quais corpos frequentam os museus? Em sua grande maioria o público que mais participa desses ambientes são os estudantes e, pode ser que a razão para isso seja a gratuidade dos ingressos para as escolas públicas, a seguir, temos os estudantes de graduação e pós-graduação, isso porque, os seis museus funcionam em parceria com universidades. A comunidade e turistas, de acordo com as imagens expostas nos sites, são formadas em grande medida por pessoas brancas, de classe média.

Por conseguinte, posso deduzir que a classe trabalhadora e os corpos negros, não compõem efetivamente o público base dessas instituições. O museu não faz parte da vida cotidiana das pessoas, ele ainda é um espaço elitizado em pouco acessível. E nesse momento vou realizar um exercício teórico, ou talvez, um devaneio teórico, evocando o que Foucault (2008) entende por prática do discurso e como elas operam nas estruturas institucionalizadas, nesse caso, o museu, para apurar nas entrelinhas o que é esse museu, para que e para quais pessoas ele serve, e, acima de tudo qual Ciência opera nesses lugares de aprendizagem. A tarefa de retomar essa argumentação acontecerá mais adiante, quando trataremos da AD (Análise do Discurso) como metodologia para desvelar o que se opera nos museus enquanto lugares de aprendizagem. Segue abaixo a discussão sobre o conceito de “raça”.

3.3 O conceito de “Raça” enquanto tecnologia de dominação

Expostas as considerações sobre o que se entende por corpo desde a Grécia antiga até a contemporaneidade, passaremos ao conceito de “raça” para ampliar posterior discussão sobre “[...] a valorização dos corpos negros, o fim das práticas racistas e o desenvolvimento das relações étnico raciais.”.

Discutiremos o termo “raça” a partir das considerações propostas pelo autor Silvio Almeida em seu livro intitulado “Racismo estrutural”. O autor afirma que o significado de raça sempre esteve ligado a classificação de plantas e animais e, somente mais tarde passou a ser

usada para seres humanos, sendo esse uso um fenômeno da Modernidade. É um termo relacional e histórico porque sempre esteve atrelado ao momento político e econômico vivenciado pelas sociedades.

A partir do Mercantilismo e do contato dos europeus com o Novo Mundo, no contexto da expansão comercial burguesa, ocorreu a base material para que a cultura renascentista refletisse sobre a multiplicidade da existência humana e a partir dessa reflexão construíssem o ideário do europeu como homem universal e todas as culturas não condizentes como inferiores ou menos evoluídas. O autor aponta que para entender a ideia de raça torna-se necessário compreender a construção da noção de homem. Assim, traz o Iluminismo como fenômeno que transforma o homem em sujeito e objeto do conhecimento. Silvio Almeida (2021, p. 26) afirma que a observação dos acontecimentos se dá em diversas particularidades e diferenças: “[...]enquanto ser vivo (*biologia*), que trabalha (*economia*), pensa (*psicologia*), fala (*linguística*)”. Constituindo assim, as ferramentas que mais tarde seriam utilizadas para a comparação e classificação dos seres humanos a partir de características físicas e culturais. Almeida apresenta a distinção entre civilizado e selvagem e sua evolução no próximo século para civilizado e primitivo. Esses termos seriam a *posteriori* empregados para designar os povos dominados no processo do Colonialismo, que na visão do europeu, não conheciam os benefícios do Estado de Direito.

O ideal iluminista para os povos colonizados entra em contradição ao deparar-se com a Revolução no Haiti, que cobrava dos colonizadores franceses seus direitos, de acordo com os ideais da Revolução Francesa. Ficou claro nesse movimento que o ideal liberal iluminista não trazia a igualdade. É nesse cenário que o conceito de raça emerge como uma tecnologia para que o legado iluminista e o colonialismo operem simultaneamente e possam utilizar a violência, a desumanização e as práticas discriminatórias contra os povos colonizados.

Para corroborar com essa nova tecnologia, a Ciência do século XIX apresenta teorias que apontam o determinismo biológico e geográfico como explicações para as diferenças intelectuais, morais, físicas e psicológicas das diferentes raças. O racismo científico é consolidado nas publicações de Enrico Ferri, Arthur de Gabineau, Silvio Romero e Raimundo Nina Rodrigues, dentre outros. Almeida (2021) aponta para o Neocolonialismo praticado no Continente Africano, como uma ideologia cujo discurso propõe a inferioridade racial que os condena à desorganização política e ao subdesenvolvimento.

Almeida (2021) conclui que, de acordo com a historicidade, o conceito de raça apresenta características biológicas e também étnico culturais, sendo que essas duas faces se complementam. A interface caracterizada como biológica, refere-se a identidade racial proposta

a partir de traços físicos (fenotípicos), como por exemplo, a cor da pele, os formatos do nariz e do lábio, e, a étnico cultural ligada aos costumes, cultura, localização geográfica, atribuição de sentidos e significados, etc. Outro autor, Frantz Fanon no 1º Congresso de escritores e artistas negros de Paris em setembro de 1956 trata essa configuração como racismo cultural. No texto apresentado por esse autor, temos a relação entre racismo e cultura, os comportamentos dos sujeitos entre si, elencando o elemento cultural como um modo de criar e renovar formas de manter o racismo vivo no contexto social. Assim, afirma:

Estudar as relações entre o racismo e a cultura é levantar a questão da sua ação recíproca. Se a cultura é o conjunto dos comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza com o seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural (FANON, 1956, p.56).

Para Almeida (2021) no século XX, a Antropologia demonstra não existir determinações biológicas e culturais que hierarquizem a cultura ou sistemas políticos. Ele cita o genocídio racial da Segunda Guerra Mundial como um fato essencialmente político, não associado a fatores sócio antropológicos. Sendo assim, a Antropologia e a Biologia concordam que não existem diferenças culturais e biológicas que justifiquem a discriminação entre os seres humanos. A realidade é que a noção de raça é um fator político, utilizado para justificar e naturalizar processos de dominação de grupos considerados “menores”.

A dimensão temporal do conceito de “raça” é possível de ser afirmada, visto as diferentes maneiras de significá-lo, e das distintas peculiaridades das relações sociais no decorrer da história da humanidade. Segundo Munanga (2003, p. 1):

As descobertas do século XV colocam em dúvida o conceito de humanidade até então conhecida nos limites da civilização ocidental. Quem são esses recém descobertos (ameríndios, negros, melanésios, etc.)? São bestas ou são seres humanos como “nós”, europeus? (MUNANGA, 2003, p.1).

Desse modo, a historicidade do conceito raça acompanha o pensamento hegemônico de cada período. A explicação da dominação passa pelo crivo da Igreja Católica que detinha o monopólio da razão no século XV. Nos séculos seguintes ao adquirir uma roupagem de racionalidade científica advinda da tentativa de operacionalizar um pensamento de classificação. Munanga, (2003, p. 3), afirma:

Apenas, no seio da espécie *homo sapiens* (homo sábio), a que pertencemos, somos hoje cerca de 6 bilhões de indivíduos. Nessa enorme diversidade humana que somos, da mesma maneira que distinguimos o babuíno do orangotango, não podemos confundir o chinês com o pigmeu da África, o norueguês com o senegalês, etc. (MUNANGA, 2003. p. 3).

A partir do século XVI o conceito é transportado para explicar e legitimar as relações de dominação e sujeição entre classes sociais, mesmo que os indivíduos não apresentassem diferenças em sua composição biológica.

Dessa maneira, no século XVIII a cor da pele passa a ser um critério para que houvesse uma divisão da espécie humana em três raças distintas: raça branca, negra e amarela. A concentração de melanina na pele é um critério relativamente artificial, porque, *“apenas menos de 1% dos genes que constituem o patrimônio genético de um indivíduo são implicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos”*, é o que nos afirma Munanga (2003). Ter a pele escura não significa que somos geneticamente parentes próximos ou do mesmo grupo biológico. Desse modo, no decorrer do século XIX ao critério da cor da pele, outras características anátomo-morfológicas como o formato do crânio, dos lábios, dentre outros, foram acrescentadas no processo classificatório dos grupamentos humanos.

No século XX com os avanços da Genética Humana, o sangue se consagra como um determinante da divisão das raças. São os marcadores genéticos contidos na química sanguínea que ancoram e também levam os/as estudiosos da área a concluir que, do ponto de vista científico, não é possível manter a existência do conceito raça. Isto porque, “pesquisas comparativas levaram também à conclusão de que os patrimônios genéticos de dois indivíduos pertencentes à uma mesma raça, podem ser mais distantes que os pertencentes a raças diferentes” (MUNANGA, 2003).

O autor assevera que embora as populações não sejam geneticamente semelhantes, as diferenças existentes não são suficientes para classificá-las em raças e que o problema não está nem na classificação nem no fato do conceito de raça ser inoperante. Está no fato de que, se os naturalistas tivessem em seus estudos, ao longo dos séculos XVII-XIX, classificado os seres humanos apenas na dimensão das características fenotípicas, os danos seriam menos nocivos, mas de acordo com o autor supra referido eles:

o fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA, 2003, p. 5).

O enredo consolidado por essa classificação, deu origem à uma teoria pseudocientífica utilizada no século XX, conhecida como raciologia, que de forma doutrinária buscava justificar e legitimar os sistemas de dominação racial, utilizados pelos povos ocidentais hegemônicos. Essa teoria também foi aplicada durante a Segunda Guerra Mundial como justificativa para os extermínios perpetrados pelo nazismo e nacionalismos emergentes.

No século XX foi maximizado o ativismo social visando dar voz às “minorias” na luta por direitos e melhores condições de vida. E no século XXI, quais os embates a serem estabelecidos dentro da sociedade extremamente interconectada e ao mesmo tempo tão segmentada em grupos, “tribos” e toda sorte de reivindicações por aceitação da identidade das minorias sociais e étnico-raciais? Acredito que essa incógnita poderá ser respondida por meio da configuração de leis que garantam a igualdade entre as pessoas, e o ativismo será o grande catalisador que unirá e causará pressão nas classes políticas dominantes por resoluções e políticas que beneficiem a coletividade.

Observo que na nossa realidade, que pode ser entendida como altamente conectada, apesar de, como já demonstrei anteriormente essa conexão ser desigual e em certa medida excludente, o ativismo social ganha amplitude e protagonismo ao utilizar as redes sociais para posicionar-se diante de suas demandas.

Para contextualizar, trago o autor Brian Martin para conceituar “ativismo social”. Ele define essa expressão, como sendo “*uma ação em nome de uma causa, que vai além do que é convencional ou rotineiro*” (Martin, 2007, p. 19). Esse conceito contempla o que presenciamos nas redes sociais e em outras mídias no que se refere à exposição de situações prejudiciais ou não para um grupo, povo ou sociedade. E um diferencial é a solidariedade que une os ativistas em torno da mesma causa.

Creio ser pertinente recordar que em se tratando do conceito de raça, podemos depreender que o ativismo social apresenta duas faces: a que comprova que não existem fundamentos científicos que respaldem a inferiorização pela cor da pele e outra que se ancora em argumentos discursivos hegemônicos de uma classe economicamente abastada, que consegue respaldo das instituições estatais para expandir seus lucros e praticar um discurso que (des)classifique o que é de seu interesse.

Como exemplo nos dias atuais, podemos citar o ataque às minorias por meio das fake News como exemplo negativo e o posicionamento de figuras de expressão que conseguiram expor suas causas ao crivo da população mundial chamando a atenção para problemas comuns na grande maioria dos países. Podemos citar: Malala Yousafzai, ativista paquistanesa, que foi laureada com um prêmio Nobel pela defesa dos direitos humanos das

mulheres e do acesso à educação na sua região no Paquistão; Aisha Akbar, Paquistão chamou a atenção internacional para as questões ambientais, as mulheres da região precisam viajar para buscar água para a casa e se expõem a tempestades de areia, por causa da seca; Amanda Gorman, Estados Unidos alertou sobre a divisão que tomou conta dos Estados Unidos e de tantos lugares no mundo, pedindo mais união, justiça e ação por parte dos líderes mundiais; Txai Suruí, Brasil foi a única brasileira e indígena a falar na abertura oficial da última Conferência de Cúpula do Clima da ONU, a COP26. Chamou a atenção do mundo para o combate à crise climática e a necessidade de defender a Amazônia do desmatamento, Estes são alguns exemplos da atualidade e principalmente da maneira como os jovens estão se engajando em causas que afetam suas localidades, porém, são de interesse mundial. Esses posicionamentos que questionam posturas estatais político/sociais levam a crer que o presente cobra ações imediatas que garantirão um futuro mais tranquilo para a humanidade.

A seguir, trataremos do conceito de racismo, sua composição dentro de um processo histórico social e suas imbricações na vida dos povos negros na contemporaneidade.

3.4 Racismo

É bem verdade que no Brasil existem grupos que estudam e expõem as questões raciais e proporcionam aos estudiosos acadêmicos uma visão ou ponto de vista da população negra (ou não) sobre o Racismo. Queremos além disso, atentar para a possibilidade de percebermos que ao longo da história as teorias eurocêntricas e o Racismo, são cada um a seu modo, corresponsáveis pela estruturação social do nosso país, seja em suas formas de organização da sociedade, da justiça, da ética ou política.

Vamos revisitar o processo histórico brasileiro, a fim de, reconstituir o discurso eurocêntrico, entendendo que ele foi constituído e reafirmado historicamente em diversos âmbitos da sociedade, sendo hegemônico em diversos espaços educativos, como a escola e o museu. Entendemos que o eurocentrismo pode ser caracterizado de diversas formas, uma delas é a visão etnocêntrica, comum aos povos em outras épocas históricas (SHOHAT; STAM, 1997), ou, como afirmam a maioria dos pesquisadores como um paradigma, discurso ou ideologia (YOUNG, 1990; DUSSEL, 1993).

Young (1990) alerta para o fato de que as representações eurocêntricas situadas nos livros de história, possibilitam a construção de estruturas binárias de diferenças, ou seja, entender o “outro” como periférico e o “nós” como elemento central. Além de que, essa atitude pode conduzir a uma naturalização dos processos históricos de colonialismo, racismo e relações políticas.

Dipesh Chakrabarty (2015) trata de uma dialética própria do pensamento europeu, que quando materializado em outros continentes assinala para uma determinada práxis culturais. O autor aponta que “existe uma maneira particular em que todas essas outras histórias tendem a se tornar variações de uma narrativa majoritária que poderia ser chamada de ‘história da Europa’”. (p. 28). A razão ocidental condicionou por séculos toda uma cultura histórica sobre os povos não europeus. Na mesma direção, Sanjay Seth assinala a uma epistemologia ocidental iluminista que mostra sujeitos não ocidentais como excluídos da produção da razão historiográfica.

Para Dussel (1993) o etnocentrismo é elemento da razão iluminista que universaliza o processo civilizatório europeu e encobre as experiências dos povos e das sociedades americanas, africanas e asiáticas. Para o autor, o europeu reivindica para si o direito ao enaltecimento e a imposição cultural em detrimento do resto da humanidade, isso, por conta do vanguardismo em ter entrado em contato com povos de outros continentes.

Percebe-se enfim que os autores citados apresentam essa proposição como pilar para um lugar de fala e escrita da história, que fez imposições a um mundo não ocidental. O discurso eurocêntrico, base para o pensamento escravocrata sustentado na lógica de identificação e (des)classificação das pessoas dentro de vivências sociais, culturais e religiosas, notadamente os “corpos negros” marca o processo histórico de formação do Estado brasileiro e seu desenvolvimento econômico tendo no racismo seu principal eixo de sustentação. Conforme Almeida (2021), o “Racismo” é a discriminação fundamentada na “Raça” e se manifesta por meio de práticas (in) conscientes que trazem (des)vantagens para indivíduos ou grupos a depender de qual raça pertencem. O autor afirma que existem diferenças entre racismo, discriminação racial e preconceito racial. O preconceito racial é o juízo baseado em rótulos sobre sujeitos que pertençam a um determinado grupo racial, podendo ou não resultar em discriminação. Um exemplo pode ser: considerar negros violentos, orientais bons em Ciências exatas, judeus avarentos. Já a discriminação racial é o tratamento diferenciado a membros de grupos raciais. Ela é baseada no poder e na possibilidade do uso da força, podendo atribuir (des)vantagens por conta da raça. Existe a discriminação racial direta e a indireta. Ela é direta quando há o repúdio a sujeitos ou grupos de uma mesma raça, como, por exemplo, proibir a entrada de muçulmanos ou árabes em um determinado país. Ela é indireta quando se ignora a situação específica de grupos minoritários, sem que se leve em consideração a situação de existência de reais diferenças sociais. Ela pode levar a estratificação social e interferir em toda a dinâmica de chances de ascensão, reconhecimento e sustento material (ALMEIDA, 2021).

O autor classifica o racismo em três concepções: a individualista, a estrutural e a institucional. Na concepção individualista, o autor chama a atenção para o fato de ser esta uma forma de patologia ou fenômeno ético ou fisiológico de caráter individual ou coletivo. Desta forma, a sociedade não seria racista, mas existiriam indivíduos racista, que atuam sozinhos ou em grupos. E como o ato é ligado ao comportamento, ações de conscientização e estímulo às mudanças culturais seriam formas de enfrentamento. Considera-se essa concepção frágil e limitada, porque, carece de uma análise histórica e reflexões sobre os efeitos concretos da prática racista. Ela se limita a olhar o racismo apenas sob a ótica comportamental, sem considerar que as maiores atrocidades cometidas pelo racismo tiveram o aval e o apoio moral de lideranças políticas e religiosas. Apresenta narrativas como: “Como se pode ser racista em pleno século XXI”, “Tenho amigos negros”.

Na concepção institucional, o racismo não é somente individualizado, ele se configura por meio do funcionamento das instituições que privilegiam ou criam desvantagens a partir da raça. Então, o autor discorre sobre o que são as instituições, dentre as quais se destaca o Estado, afirmando que este se materializa nas instituições: “...é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que, suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente ‘estabelecidos pela estrutura social (ALMEIDA, 2021, p. 38).

Convidando outros autores para enriquecer a discussão sobre o racismo, trago Jacques d’Adesky que em seu texto “Uma breve história do racismo, intolerância, genocídio e crimes contra a humanidade” trata o tema. O autor contribui abordando a evolução do tema desde o período greco-romano. Passa pelo Egito antigo, antijudaísmo cristão, proto-racismo árabe e ibérico. Explica a construção do racismo científico chegando ao antissemitismo, a eugenia e a sociobiologia. Esse foi um olhar resumido da obra e vamos nos ater à discussão que o autor propõe sobre o racismo.

Penso que para isolar o racismo da totalidade complexa do qual faz parte, é necessário compreender que a luta antirracista não pode se restringir apenas às questões identitárias, mas deve abranger todos os aspectos que influenciam o racismo e as desigualdades raciais. Isso significa que devemos considerar as diversas formas de discriminação e exclusão que enfrentam os negros, bem como as questões socioeconômicas que moldam a realidade dessa população. Por isso, o combate ao racismo deve abarcar ações concretas para enfrentar as desigualdades de oportunidades, de direitos e de serviços de saúde, educação e segurança pública.

A partir das considerações propostas por d’Adesky passei a refletir sobre como as práticas autoritárias no Brasil perduram na nossa cultura. Os direitos dos povos negros são

negados desde os primeiros momentos após a assinatura da Lei Áurea. Minha formação é em Licenciatura em História e Geografia e quando pondero sobre o que venho ensinando aos meus alunos há mais de duas décadas, sinto que nesse tempo todo fui manipulada pelos discursos autoritários e mantenedores da situação de exploração e descaso com as causas pelas quais o povo negro luta. Isso aconteceu a meu ver mesmo quando já no início da vida adulta passei a fazer parte das reuniões do movimento negro na minha cidade. Isto porque, eu protestava, mas não alcançava ou entendia o que estava implícito nos discursos hegemônicos da época. Sinto que colaborei na perpetuação desse discurso, quando em situações da minha prática pedagógica, não provoquei a reflexão ou questionei algumas situações de injúria racial cometidas por meio de piadas e ou comparações vivenciadas por mim ou envolvendo meus alunos. Essa, “mea culpa” significa o desabafo de uma mulher negra que quando criança queria ser a “noivinha na festa junina”, quando adolescente queria ser a representante da sua classe, no primeiro emprego como atendente em uma lanchonete no shopping, mas só ficou no balcão por três dias até uma moça branca ser contratada e o proprietário dizer que ela devia ajudar a cozinheira sem atender o público, e quando adulta precisou esperar uma certa estabilidade financeira para cursar uma pós-graduação. A criança em mim não entendia claramente a negação do pedido pra ser a noiva, a adolescente se sentia igual aos colegas por ter ótimas notas e a jovem trabalhadora não enxergava o que na época era explicado com a frase “exige-se boa aparência”. Esse trabalho durou cinco dias, me demiti e passei a buscar exercer o magistério no qual eu havia me formado havia poucos meses.

Compreendo agora que a sociedade brasileira se diz democrática, porém, não permite que a comunidade negra viva sua identidade cultural, isto porque não proporciona oportunidades iguais de acesso à educação, trabalho, saúde e lazer. Sem falar é claro da violência estatal contra os jovens negros (as).

Essa tomada de consciência me leva a pensar na obra de Grada Kilomba “Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano. Recordo a sensação de ler a carta da autora a edição brasileira na qual ela conta sua trajetória desde a saída de sua cidade natal em Portugal até seu contato com a cultura alemã. Percebi que ela ao comparar o racismo em Portugal que do seu ponto de vista exalta o colonialismo e o comparar com o sentimento de reparação que existe na sociedade alemã devido aos crimes cometidos no período fascista levaram a uma conscientização coletiva que poderia criar uma responsabilidade com as causas das minorias prejudicadas, Segundo ela:

E, no entanto, pareceu-me haver uma pequena diferença: enquanto eu vinha de um lugar de *negação*, ou até mesmo de *glorificação* da história colonial,

estava agora num outro lugar onde a história provocava *culpa*, ou até mesmo *vergonha*. Este percurso de consciencialização coletiva, que começa com *negação - culpa - vergonha - reconhecimento - reparação*, não é de forma alguma um percurso moral, mas um percurso de responsabilização (KILOMBA, p. 11, 2019).

Quando aprofundo a leitura do texto de Grada Kilomba sobre o racismo e reflito sobre os acontecimentos amplamente divulgados nas diversas mídias que mostram situações que só acontecem porque o sujeito envolvido é negro, analiso a fala da autora ao afirmar que:

Nesse momento, nós e nossa realidade com o racismo nos tornamos visíveis, faladas/os e até mesmo escritas/os, não porque talvez possamos estar em perigo ou em risco, ou precisar de proteção legal, mas sim porque tal realidade desconfortável perturba a estável imunidade *branca* (KILOMBA, p. 72, 2019).

Recordo as violências sofridas por George Floyd em maio de 2020, os três jovens negros mortos por policiais na cidade de Salvador em 2018, o dançarino de 23, que morreu após ser baleado na comunidade Engenhoca, em Niterói (RJ) em 2022, um homem negro de 40 anos espancado até a morte no supermercado no Rio Grande do Sul, dentre tantos outros de repercussão nacional e internacional, corroboram o desconforto a que está submetida a realidade confortável a que estavam acostumados os detentores do poder representados pela classe social majoritariamente branca. Essas situações causaram comoções que obrigaram o posicionamento e responsabilização do Estado brasileiro e de outros países, que se viram obrigados a se manifestarem sobre o que vão fazer para resolver o problema.

Creio ser necessário aqui, recorrer a Foucault quando ele multiplica o sujeito ao perguntar “quem fala”, “qual seu status”, “sua relação com os outros sujeitos”, ou seja, quando Grada Kilomba afirma que o racismo se torna visível nas situações descritas acima, não porque é preciso olhar com cuidado e carinho para o modo como os corpos negros estão sofrendo com a violência, mas porque, essa realidade exposta para todos (as) incomoda e perturba a imunidade branca.

Não é o corpo negro que importa, é a manutenção da tranquilidade a que “o poder” institucionalizado está acostumado que está ameaçada. Pra mim, é nesse momento que Foucault, Grada Kilomba e Silvio Almeida conversam entre si. Eles desvelam as nuances do discurso e das relações raciais, num contexto histórico e social, (re)agindo para se consolidar e perenizar uma ação que dentro de um contexto geral alcance a toda a sociedade, sempre se moldando para manter a ordem e o poder do discurso hegemônico.

Grada Kilomba pensa essas situações vividas pelos corpos negros com o termo "racismo cotidiano", A autora afirma:

O racismo cotidiano não é um "ataque único" ou um "evento discreto", mas sim uma "constelação de experiências de vida", uma "exposição constante ao perigo", um "padrão contínuo de abuso" que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família (KILOMBA, p. 80, 2019).

Sinto que a partir dessa afirmação a autora consegue dar conta de visibilizar as diferentes formas de materialização do racismo vividas pelos corpos negros na atualidade. Mas, observemos também que, se as situações de violências tratadas abalam uma estrutura dinâmica de poder, podemos questionar: o que está acontecendo em forma de devolutiva a esses incômodos causados? As instituições têm se preocupado em responder de forma positiva às demandas por uma política de relações étnico raciais mais igualitárias?

O Merriam-Webster, dicionário de referência dos Estados Unidos, vai modificar sua definição da palavra racismo, seguindo a sugestão de uma jovem negra, Kennedy Mitchum entrar em contato com a instituição que publica os dicionários desde 1847 - para sugerir uma atualização. Ela deseja que ela reflita de maneira mais apropriada a influência do fenômeno sobre as populações afetadas.

Em 2019, a Polícia Militar do Estado de São Paulo (PM-SP) e do Rio de Janeiro iniciaram a implantação das Câmeras Operacionais Portáteis (COP). Trata-se de um sistema de câmeras instaladas nas fardas dos agentes para registro das operações. Os equipamentos gravam a jornada completa das 12 horas de trabalho do policial.

Essas duas ações podem ser consideradas positivas e indicativas de pequenos progressos quanto a discussão do racismo na sociedade contemporânea.

A seguir apresentaremos um panorama do desenvolvimento dos museus até a contemporaneidade.

3.5. Os indígenas brasileiros: demandas e desafios no tempo histórico

Entendemos que as relações étnico raciais no Brasil não acontecem somente no âmbito relativo aos povos negros, mas também às comunidades indígenas. Sabe-se que historicamente, os indígenas brasileiros foram aos poucos destituídos de sua cultura tradicional e da sua própria ancestralidade. Essa afirmação é corroborada pelos registros históricos sobre a catequização desses povos durante o período colonial. Emerson Souza, da etnia Guarani

Nhandeva, no artigo “Os indígenas ontem e hoje: sob a perspectiva ameríndia” publicado em 2022 no Jornal da USP, afirma que:

Muitos povos deixaram de existir na barbárie brasileira em cinco séculos. Éramos em torno de oito milhões de indígenas em várias etnias até a invasão. Somos, hoje, pouco menos de um milhão de indígenas que se dividem de norte a sul em 305 etnias, 274 línguas e pelo menos 80 povos vivendo de forma isolada nas grandes matas do Brasil. As fronteiras do Brasil possuem uma diversidade enorme e desconhecida por grande parte da população. Os indígenas isolados que vivem no mundo contemporâneo não existem para grande parte da sociedade. Que sorte a deles. Por outro lado, é um perigo em uma sociedade com fome de capitalismo (SOUZA, 2022, p. 01).

A partir dessa afirmação conseguimos visualizar a amplitude complexa da situação desses povos no Brasil. É interessante a afirmação do autor quanto ao perigo de uma sociedade que tem fome de capitalismo. Ousamos aqui ligar os recentes acontecimentos veiculados à questão humanitária vivida pelos povos Ianomamis a essa voracidade capitalista. Segundo informações veiculadas pelo site National Geographic:

Em 2011, a população total dos yanomami no Brasil e Venezuela era estimada em cerca de 35 mil pessoas. Só em áreas brasileiras, segundo dados de 2019 da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), ligado ao Ministério da Saúde do Brasil, são estimados 28 mil indivíduos. Em sua imensa maioria, eles habitam a Terra Indígena Yanomami, uma reserva ambiental homologada por decreto federal de maior de 1992. O decreto delimita que a área cobre 9 milhões, 664 mil e 975 hectares (96 mil e 650 km²) – um território que, em tamanho, é maior do que o de Portugal, cuja área é de 92 mil e 212 km²) (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2023).

Esses dados são importantes para refletirmos sobre as atrocidades cometidas contra os indígenas e a dimensão política e econômica das ações dos invasores de suas terras.

Emerson Souza ainda alerta para um possível caminho para solucionar questões dessa envergadura:

A Lei 11.645/08 é um caminho importante para a educação, discute de forma sistemática a implementação de uma lei que fortalece a educação quando sugere descolonizar o currículo, e de fato mostrar as realidades indígenas de norte a sul. Afinal, as escolas públicas e privadas de todo o Brasil necessitarão reformular as velhas práticas pedagógicas e refletir profundamente sobre a pedagogia utilizada nos últimos anos em seus ambientes (SOUZA, 2022, p. 1).

A lei acima citada altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. E nesse sentido entendemos que seja necessária a discussão das relações étnico raciais que impliquem diretamente esses povos.

Quando a Lei 11.645/08 sugere descolonizar o currículo, está buscando por meio dos estudos decoloniais um embate prático que traga para o convívio de todos o sentimento de pertencimento a grupos étnicos de diferentes descendências no país, superando os preconceitos.

Retomando as informações elencadas por Emerson Souza no Jornal da USP, hoje o Brasil tem pouco menos de um milhão de indígenas que se dividem de norte a sul em 305 etnias, 274 línguas. Mignolo, 2017, p. 18 atenta para o tratamento dispensado a linguagem dos povos originários no período colonial.

As línguas que não eram aptas para o pensamento racional (seja teológico ou secular) foram consideradas as línguas que revelavam a inferioridade dos seres humanos que as falavam. Que podia fazer uma pessoa cuja língua materna não era uma das línguas privilegiadas e que não havia sido educada em instituições privilegiadas? Ou devia aceitar sua inferioridade, ou devia fazer um esforço por demonstrar que era um ser humano igual a quem o situava na segunda classe. Ou seja, em ambos os casos se tratava de aceitar a humilhação de ser inferior para quem decidia que devia manter-se como inferior ou assimilar-se. E assimilar-se significa aceitar sua condição de inferioridade e resignar-se a um jogo que não é seu, mas que lhe foi imposto (MIGNOLO, 2017, p. 18).

Nesse sentido, entendemos os estudos decoloniais como um movimento que busca desconstruir as estruturas de poder e de dominação que foram criadas durante o processo de colonização. Os povos indígenas foram historicamente marginalizados e discriminados durante esse período, e seu direito à terra, cultura, língua e tradições, até hoje não são plenamente respeitados.

As demandas e desafios que poderiam minimizar a situação desses povos são gigantescos. O que os autores trazem, se aproxima do nosso entendimento de que os repertórios indígenas nas suas singularidades culturais encontram barreiras nas políticas culturais e nos jogos ideológicos que menosprezam alguns e superestimam partindo dos mais diversos mecanismos histórico-culturais.

3.6. Museus: dos Gabinetes de Curiosidade à Contemporaneidade

O número de trabalhos acadêmicos que discutem a educação em museus vem aumentando consideravelmente¹¹. Essa constatação pode estar relacionada com as práticas educacionais realizadas pelas instituições museais, tendo como consequência a perspectiva de que a educação em museus vem ganhando espaço no campo educacional. Machado (2009), apresenta uma discussão que aponta diferentes tipologias de museus (Ciência e tecnologia, história, arte), sendo a educação uma área de atuação considerando que as ações educacionais concebidas pelo setor educativo dessas instituições voltam se para um público escolar.

Dessa maneira, as ações desenvolvidas pelos museus, bem como as exposições são organizadas e executadas por profissionais ligados ao museu e, portanto, pode se confirmar nessa prática a intencionalidade da instituição e sua responsabilidade no que é por eles apresentado ou exposto ao público. Considera se assim, que a intencionalidade das ações e ou exposições existentes nesses espaços não é neutra, elas podem estar vinculadas às classes dominantes contribuindo para a manutenção de certa cultura, como também concorrer para a superação ou aperfeiçoamento de conceitos e preconceitos. Tal situação leva-nos a refletir sobre a função educativa dos museus de Ciências, sua função de divulgação científica, artística e histórica junto a um público amplo e diversificado, composto por pessoas de todos os estratos sociais e étnico-raciais que buscam nesses espaços entretenimento, conhecimento e cultura.

Fazendo uma breve retrospectiva histórica, o museu é definido segundo o Conselho Internacional dos Museus (ICOM), em seu artigo 2º ratificado em 1995, como uma instituição a serviço da sociedade que objetiva desenvolver conhecimentos, salvaguardar a memória, promover a educação e a cultura de mulheres e homens nas mais diversas etapas da vida. Almeida (1997) já perguntava sobre o tipo de aprendizagem que se pode alcançar com uma visita a um museu, e sua resposta aponta para as aprendizagens cognitiva e afetiva. Aprendizagens que despertam sentimentos variados.

Segundo Lopes (1991), os museus que foram criados, principalmente, no século XIX tornaram-se espaços para a articulação do olhar dos naturalistas, abandonando o formato do que chamamos gabinetes de curiosidades para consolidarem-se como instituições de produção e disseminação de conhecimentos, nos moldes que lhes exigiam as concepções científicas da época.

De acordo com Gadamer (2004), são três os pilares da atividade museológica: preservação, investigação e comunicação. A preservação diz respeito à coleta, aquisição, guarda

¹¹ Pesquisa realizada na plataforma google acadêmico utilizando “a educação em museus” como palavras de busca, apresentou 90.400 artigos e citações relacionados ao tema. <http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=a+educa%C3%A7%C3%A3o+em+museus&btnG=&lr=> acesso em 06 de dezembro de 2020.

e conservação do acervo. A investigação corresponde à documentação e pesquisa do mesmo e a comunicação refere-se a construção de interfaces entre o acervo e a comunidade. A dimensão comunicacional interessa-nos especificamente neste estudo, materializada nos vídeos produzidos pelos museus enquanto instituições.

Foi a partir do período das grandes navegações (séculos XV e XVI), no qual, os europeus tiveram contato com o “Novo Mundo”, que formar coleções passou a ser uma forma de estudo sistemática da produção humana. Dessa maneira, passou a existir uma relação mais estreita entre formar coleções para fins de exposição e atividades educacionais, como por exemplo, o estudo dos objetos colecionados. A princípio, esses “gabinetes de curiosidades” recebiam apenas amigos do colecionador, que também tinham interesse no estudo dos objetos. Porém o caráter educacional já estava presente, porque as visitas eram oportunidades de aprendizado diante da explicação dos objetos apresentados pelo proprietário (FIGUEREDO, 2005).

Vale aqui referenciar o Ashmole Museum, da Inglaterra, criado em 1683 e o Museu do Louvre, da França, criado em 1793. A instituição inglesa foi o primeiro museu público do mundo, apesar do acesso restrito e o museu francês permitiu que toda a população tivesse acesso às obras que só eram vistas até então, pela nobreza.

A fundação do *Ashmole Museum* advém da importância que esse fato teve na formação de uma nova função: a participação na instrução pública. O museu ficava aberto o ano todo, menos domingos e feriados e segundo Jeffrey Abt (2006, p. 43) “até” as mulheres podiam entrar.

Retomando a fundação do Museu do Louvre, este momento, foi uma tentativa de modernizar a sociedade, no qual o museu passa a ser considerado um lugar do saber, do progresso do conhecimento e o público poderia admirar as coleções. A popularização tem seu amparo nos ideais da Revolução Francesa e a divulgação científica encontra amparo na Revolução Industrial que exige que todos estejam a par das maravilhas da modernidade oportunizadas pela indústria. Os museus nesse momento histórico faziam parte do esforço pela instrução coletiva (FIGUEREDO, 2005).

De acordo com Jeffrey Abt (2006) o público dos museus começou a se ampliar a partir de iniciativas como a exposição dos Médicis¹² que passou a acontecer em um ambiente mais

¹² Grande família burguesa, patrona das artes e das letras, que comandou Florença e depois a Toscana até 1737, com breves intervalos. Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/medici-grande-familia-485434.shtml>

amplo para receber a elite florentina e os visitantes estrangeiros. Representando assim, o poder dos proprietários.

Os primeiros museus da América Latina foram criados no século XIX e tinham o caráter elitista, mesclando a perspectiva científica educacional e os projetos propostos pelos governos nacionais a partir de grupos de cientistas renomados. Muitos desses museus estavam vinculados às universidades, também recém-criadas.

Bennett (1995) afirma que os museus eram considerados como instituições que ajudavam a estruturar as formas dominantes de poder. Nesse momento, o visitante do museu é estimulado a internalizar a “civilidade” devido à forma como os museus organizavam as exposições. Vale salientar que essas ações eram políticas governamentais para a valorização da cultura burguesa em detrimento a das classes populares. Em contrapartida, os museus começam a deixar de ser espaços de legitimação do poder de algumas elites econômicas para assumirem o papel de se tornarem locais de instrução pública na ideologia dominante.

No início do século XX surgiram novas tipologias de museus, unindo-se aos de Ciência, de Arte e de História. São eles: museus Etnográficos, voltados para a preservação de objetos de sociedades não industrializadas, de classes trabalhadoras urbanas e rurais, e os Centros de Ciências com exposições interativas. Ainda, encontramos os Museus ao ar livre e os Interativos.

Com a expansão das características e funções dos museus surge um movimento que impulsionou a discussão acerca das responsabilidades e do papel das instituições diante das transformações sociais que ficou conhecido como “Nova Museologia”. Esse movimento potencializou e apresentou novos paradigmas para a atuação profissional e acesso de um público mais diversificado aos museus, além de incentivar novos modelos e iniciativas destas instituições.

Grande parte das pessoas, no cotidiano, entendem que os museus são espaços onde estão preservadas coisas velhas. Esse pensamento não é de todo inadequado, como propõe Santos (2005) ao analisar historicamente os museus. Conclui que estes foram, em alguns casos, ainda são, espaços com um perfil catalogador, expositor, conservador e repleto de regras. Ao longo do tempo, a relação do homem com o patrimônio cultural modificou-se e as ações museais passaram a serem pensadas e tomadas como prática social (SANTOS, 2005).

No Brasil, a política museal está ligada a um corpo teórico que informa a ação, que, transformada em prática política, move outras ações – e assim sucessivamente, num sistema que se autoalimenta. Chagas (2005) defende a ideia de que os museus são espaços de confronto entre diferentes sujeitos num processo contínuo denominando de *campo* museal. Assim, o que abarca tudo o que se refere aos museus, está para além da museologia, portanto, mais amplo

que o campo museológico. Os museus também são pensados como espaço de descoberta, produção de sentido, criação e espaço de memória e vida.

Chagas (2005) afirma que o que mantém um museu vivo, é a sua dinâmica com a sociedade, ou seja, as práticas sócias colocadas a serviço da sociedade e seu desenvolvimento. Afirmar que o museu é um lugar de memória parece esvaziar o verdadeiro sentido dessa expressão. Daí a necessidade de os museus não perderem a oportunidade de impactar o seu público. Para o autor os museus têm o papel de guardar, mas também de investigar, documentar e comunicar-se. Tudo, sempre aliado à dimensão educativa. Os acervos e exposições devem favorecer a uma visão crítica da sociedade. Para o autor o campo museal opera por redes e sistemas. Daí que, na contemporaneidade, as Tecnologias da Informação e Comunicação terem sido tomados como elementos de dinamização do diálogo entre museu e o público. Neste século XXI acompanhamos a expansão do uso das tecnologias na produção das atividades museais. Como afirmam Martins e Baracho (2018),

Não mais pensado como um “arsenal de coisas velhas”, o museu ao objetivar melhor informar seus conteúdos para o público, vem aderindo, conforme suas capacidades, tecnologias informacionais em suas exposições (BOWEN, 2008) e em sua divulgação. Os museus podem ser compreendidos como emissores de conhecimento, e evidentemente, necessitam de comunicar com o público. Partindo deste fato, a aproximação entre acervo e público se faz cada vez mais imprescindível para uma instituição museológica, evidenciando seu caráter conectivo e de diálogo. Não obstante, as ferramentas tecnológicas hoje disponíveis fazem parte do cotidiano dos profissionais envolvidos com o museu (MARTINS; BARACHO, p.1, 2018).

O autor e a autora supracitados salientam como as tecnologias produzem e facilitam formas de trabalhar com a produção dos museus, uma vez que elas favorecem “[...] a divulgação de eventos, a digitalização, organização e disseminação das informações sobre os acervos por meio de banco/base de dados disponíveis via web” (MARTINS; BARACHO, 2018, p. 1)”. Destacam para os distintos usos, que museus brasileiros e ao redor do mundo, têm feito das diferentes tecnologias; indicam para as alterações, de/com as experiências museais, a serem provocadas no público (visitantes) pelos usos de recursos digitais e virtuais por seus/suas profissionais.

Podemos afirmar, sem dúvida alguma, que tais experiências foram maximizadas pelo contexto da pandemia da covid 19, a partir de 2020. Entendemos, que Martins e Baracho (2018) não poderiam imaginar o quanto as afirmações que fizeram na publicação referida, ganhariam tanta força dois anos mais tarde. É certo que nenhuma de nós poderíamos imaginar tal acontecimento. Dessa maneira, assistimos à ampliação da produção museal, no Brasil, via produção e divulgação de exposições por meio de recursos digitais e virtuais.

Tendo como pano de fundo as inovações tecnológicas vivenciadas pela sociedade atual, neste trabalho procuramos contribuir para o debate sobre a relação entre o discurso veiculado pela instituição “museu”, a promessa implícita nesses discursos e que se estabelece entre o enunciador e o público. Nesse sentido, interessa-nos conhecer o lócus discursivo no qual a Ciência e o conhecimento aparecem na *mise em scène* audiovisual. Para tanto, nosso corpus é constituído pelas páginas eletrônicas de seis museus de Ciência brasileiros no período de 2018 a 2021. Buscamos pensar os modos como Museus de Ciências, tomados como instâncias educativas participam de processos antirracistas, a partir do que expõem em seus sites.

De outra parte, salientamos ações e demandas de movimentos sociais organizados, de grupos de pesquisadoras/es, instituições e agências distintas, provocaram e provocam questionamentos sobre quem tem/teve acesso e quem pode consumir cultura em uma dada sociedade. Tais questionamentos também envolveram/envolvem o tipo de conteúdo e temas eleitos para comunicação e divulgação nos museus. Assim, no decorrer da nossa história, o *status* inicial dos museus, de gabinetes de curiosidades, restritos a classe social e econômica dominante, tem sido, vagarosamente, deslocada para espaços de produção e divulgação de conhecimentos, inclusive o científico, e de objetos para todos e todas. O público, de qualquer classe social e econômica, numa sociedade democrática, tem direito à informação e ao conhecimento comunicado e divulgado em todo e qualquer museu, inclusive, nos museus de Ciências. Defendemos que o conhecimento produzido, divulgado, comunicado por qualquer museu apresentam os modos de configuração das relações de poder de um tempo, de uma sociedade. Os seus objetos e conteúdos dizem dos modos como grupamentos humanos, instituições pensam e produzem discursos. Neste sentido, os museus podem apresentar visões de mundo, de sujeitos, de lugares considerando e/ou servindo a determinados grupamentos em detrimento de outros. Isso nos permite afirmar que, se considerarmos as populações negras e indígenas, por exemplo, os museus e suas exposições, no Ocidente, em geral, as apresentaram sobre o olhar e a perspectiva euro centrada, burguesa, branca e do macho. Ao nos perguntarmos pelos corpos negros nos museus estamos ampliando a voz de quem afirma que estes são/foram espaços que participaram/participam do processo colonizador. Como afirma Brenda Caro Cocotle (2019):

Poucos ousariam contestar o fato de que o museu é produto de uma narrativa colonial e, ao mesmo tempo, seu dispositivo. Por isso tem crescido um clamor contra a instituição, reclamando que ela instaure práticas não coloniais, entendidas sobretudo no plano das políticas de exibição e de coleção. Essa exigência se estendeu também ao arquivo, concebido como um exercício institucional de esquecimento seletivo (COCOTLE, 2019, p. 3).

A autora, embora faça referência a museus de arte, podemos afirmar que o mesmo acontece e acontece com museus de Ciências. Retomamos a autora que destaca:[...] o museu, enquanto instituição moderna, tem seu fundamento epistêmico e sua razão de ser na lógica colonial, quer seja ele concebido do ponto de vista de sua vinculação com a narrativa do Estado-nação e os processos de patrimonialização e discursos da memória associados, quer seja considerado como uma instância a mais, dentro de um complexo maior, que permite estabelecer determinadas estruturas de poder, dada sua condição de exercer ou não um mecanismo de visibilidade - do exibir e ser exibido (COCOTLE, 2019, p. 4).

A autora afirma ser necessário desconstruir a narrativa tradicionalmente estabelecida nos museus, a partir da qual se reescreveria a história sob a perspectivas dos grupos subalternizados, a fim de reconhecer e respeitar suas culturas e histórias. Além disso, procurar promover o diálogo intercultural, a diversidade e o reconhecimento dos direitos humanos. Isto porque, eles também buscam ampliar a representatividade desses grupos e incentivar a participação deles no processo de tomada de decisões nos museus.

Nesse sentido, o papel educativo e comunicativo dos museus ganha força e se acentua dentro de um contexto que privilegia a educação, o entretenimento e a socialização do conhecimento científico. Hoje, temos museus que conseguem se manter apoiados na justificativa de que são lugares de educação. A divulgação científica tem sido uma prática difundida com o diferencial de que o objeto não é mais o centro da exposição, o fenômeno científico agora tem lugar de destaque.

Pesquisas indicam que os frequentadores dos museus de Ciências buscam entretenimento e também entendem esses espaços como educativos. Ao mesmo tempo, esses lugares procuram desenvolver ações e propostas educativas que criem um processo comunicativo entre os diversos tipos de público e o museu.

Brandão (1995, p. 12), afirma que a linguagem enquanto discurso, não estabelece um universo de signos que serve somente como instrumento de comunicação, ela, é interação, e uma maneira de produção social, não é neutra, não é inocente. Está engajada numa intencionalidade, é o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Daí, entendermos a necessidade de analisar o discurso expresso nas exposições e ações educativas dos museus de Ciências.

Castells (2012) alerta para o fato de ao longo da história a comunicação e a informação tem sido fontes de poder e contrapoder, de dominação e de mudanças sociais. Isto acontece, pelo embate que se dá na mente das pessoas. Se pensarmos de tal maneira que sirva a determinados interesses e valores, o poder se manifestará na prática.

Utilizaremos essa afirmação do autor para salientar a importância da análise das exposições e ações educativas, para atentarmos-nos acerca da influência do discurso sobre o público, mas também para entendermos se a instituição museal preocupa-se com as possibilidades de aprendizagem e expressa essa preocupação em suas ações.

Alinhando-nos com o raciocínio do autor de que, a batalha do poder é travada em nossas mentes, pode-se supor que elas vivem imersas em torno da comunicação discursiva e dela recebem sinais que ativam nossas emoções, e geram sentimentos que nos ajudam a tomar decisões. Dessa maneira, existe uma relação entre discurso e poder. Isso não é novo, porém, está mais acentuado nesta sociedade em que as “redes” interagem e organizam o conjunto das práticas sociais, em termos de interação local e global (CASTELLS, 2012).

Portanto, pode-se entender que a instituição museal utiliza-se de “manobras estilísticas” (DUCROT, 1987) para gerar opiniões no público-alvo, fazem isso sem correr o risco de formulá-las, dizem sem ter dito. Daí a preocupação com o que é dito e não dito nas exposições e ações educativas, com a compreensão do discurso veiculado. Para compreender esse sentido, é preciso analisar o que o discurso quer dizer, saber quem são os sujeitos, as vozes, os valores que defendem. Esses dados referem-se ao “não dito”. Quem está falando, para quem fala, como fala. Dessa maneira, pode-se entender que o ambiente museal também é um local de produção de saberes próprios.

Para entendermos a relação do museu sob a ótica da educação, faz-se necessário abordar a relação do mesmo com seu público com o decorrer do tempo. Isso pode significar que as ações dos museus foram se modificando a partir da relação com o público frequentador.

Valente (2003) alerta para o uso educativo dos museus, visto que, na maioria dos casos o acesso às coleções acontecia minimamente para as classes média e baixa. A maior parte do tempo era dedicada à visita de estudiosos e artistas, cujo objetivo era integrar a burguesia com a aristocracia.

A preocupação com o caráter educacional dos museus pode ser confirmada porque, pela primeira vez em meados do século XVII foram criados dentro dessas instituições, os “setores educativos”. Esses setores eram responsáveis por receber o público escolar que tinham como complemento de sua escolarização a visita a museus.

Abt Jeffrey (2006) em relatos sobre os museus norte-americanos, aponta que devido ao crescimento econômico ocorrido no século XIX, diversos “ricos” começaram a adquirir coleções e fundar museus particulares seguindo os modelos europeus. Essas novas instituições visavam a instrução pública em aspectos como: transmissão de valores morais e sentimentos patrióticos. O potencial educacional dos museus era utilizado para moldar uma nova nação.

Nos Estados Unidos da América do Norte, por exemplo, a preocupação dos museus e dos governantes com o caráter educativo, modificou a maneira de expor os objetos. Agora, eles, deveriam contar uma história, ao invés de serem exibidos com o caráter de serem apenas mostrados. Começaram a serem montados “dioramas” cenários nos museus de história natural, que ajudavam a visualizar o objeto em seu ambiente natural. Há também a mudança no tratamento do público, que passa a poder tocar os objetos, saindo da postura contemplativa, antes definida.

Para Lopes (2006-2009), no Brasil, Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976)¹³ foi pioneira ao chamar a atenção das instituições museais para o papel de alargar os horizontes do conhecimento humano, promovendo a acessibilidade de diversos públicos, ampliando assim, seu caráter educacional. Dessa iniciativa surgiu o “Serviço Educacional no Museu Nacional do Rio de Janeiro”, sob a direção de Roquete Pinto¹⁴ buscando um melhor relacionamento com diversos públicos.

Ao longo do século XX, a função educacional dos museus foi sendo consolidadas, conforme as instituições se estruturavam. Um debate ocorrido na Inglaterra problematizou o caráter educativo dos museus. De acordo com Hooper-Greenhill (1991) as visitas de público de não cientistas não eram eficazes e a recepção de escolares pelos museus também não. O autor acredita no potencial educativo dos museus, mas, aponta que as relações pedagógicas entre museus e públicos de não cientistas encontram muita resistência.

Ao dialogar com os autores apontados anteriormente, podemos perceber que a função educativa dos museus é um tema paradoxal. Ao mesmo tempo em que a história dos museus aponta para um relacionamento do público com o conhecimento, mesmo que instrucional, também aponta que a educação para os leigos é colocada em segundo plano tanto pelas instituições, em termos de status de atividade, quanto pelos profissionais envolvidos.

Essa afirmativa pode ser corroborada pela pesquisa realizada pelo Instituto Oi Futuro componente da empresa de telecomunicações do mesmo nome, publicada em quatro de junho de 2019 pelo repórter Alex Rodrigues da Agência Brasil de Brasília. A pesquisa aponta que 82% dos frequentadores de museus brasileiros são integrantes das classes A e B, que possuem um ganho familiar mensal superior a R\$9.980,00. Entre os não frequentadores, estão 53% que

¹³ Cientista do Museu Nacional em 1930, feminista e pioneira da educação em museus no Brasil. Nesse período era a única profissional especialista em museus no país.

¹⁴ Professor Assistente de Antropologia do Museu Nacional e diretor em 1926. Roquete Pinto era jornalista e sempre teve a educação como meta primeira nas atividades de caráter público. Foi ele que na década de 20 trouxe o rádio para o Brasil, criando a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Para ele o papel da rádio deveria ser cultural e educativo.

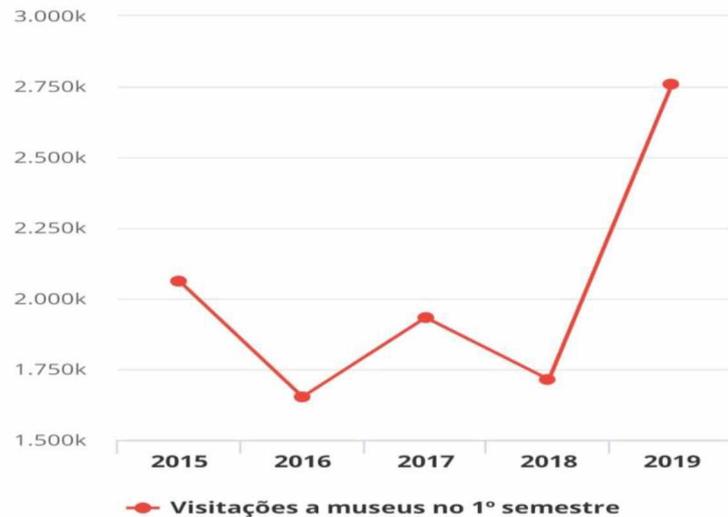
integram famílias da classe C com renda entre R\$4.990,00 e R\$9.980,00. Já, 43% de não frequentadores são da classe B que tem um rendimento mensal de R\$9.980,00 a R\$19.960,00. A pesquisa ouviu 600 homens e mulheres de todas as regiões brasileiras. Não foram ouvidas pessoas das classes D e E que ganham menos de R\$4.990,00. Metade dos entrevistados frequentam os museus pelo menos uma vez por ano. A outra metade são classificados como frequentadores não habituais porque realizam a visita a cada dois anos.

Também em agosto de 2019, o Portal G1, realizou um levantamento com quarenta museus em todas as regiões brasileiras, concluindo que houve um aumento de 61% no público que frequenta os museus. Os recordes não são só em exposições individuais, mas da frequência em geral. Em levantamento do G1 com 40 grandes museus em todas as regiões do Brasil, 37 cresceram. E três bateram recordes. Na soma destes museus, o 1º semestre de 2019 registrou aumentos de 50% sobre a média do mesmo período nos últimos quatro anos e de 61% em relação a 2018 (veja gráfico abaixo).

Gráfico 2: Visitação no Museu nos últimos 5 anos

Um semestre no Museu

Levantamento do G1 mostra visitação a 40 museus brasileiros nos primeiros semestres dos últimos cinco anos



Fonte: Veja a lista dos 40 museus consultados no final desta reportagem

Fonte: SISEMSP (Sistema Estadual de Museus de São Paulo).

O G1 conversou com cinco diretores de grandes museus. Eles ainda não têm acesso a pesquisas formais sobre este aumento, mas atribuem o movimento a cinco motivos:

- Interesse do público despertado em reação a fortes discussões sobre cultura em momento de cortes de verbas federais e estaduais e outros debates sociais acirrados do Brasil hoje;
- Mais exposições que destacam minorias e grupos antes pouco representados;
- Além de mais representado, o público 'se representa' mais em fotos de visitas no Instagram e outras redes, o que ajuda a divulgar as exposições;
- "Corrida" por museus após o incêndio no Museu Nacional em setembro de 2018;
- Políticas educativas e de inclusão adotadas por museus.

O Masp (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), em SP, já tem em sete meses a maior visitação anual desde 2012, quando teve 556 mil visitantes - recorde histórico. E a marca deve ser batida. Até o final de julho deste ano, foram 533 mil pessoas.

Gráfico 3: Visitação no Museu nos últimos 5 anos



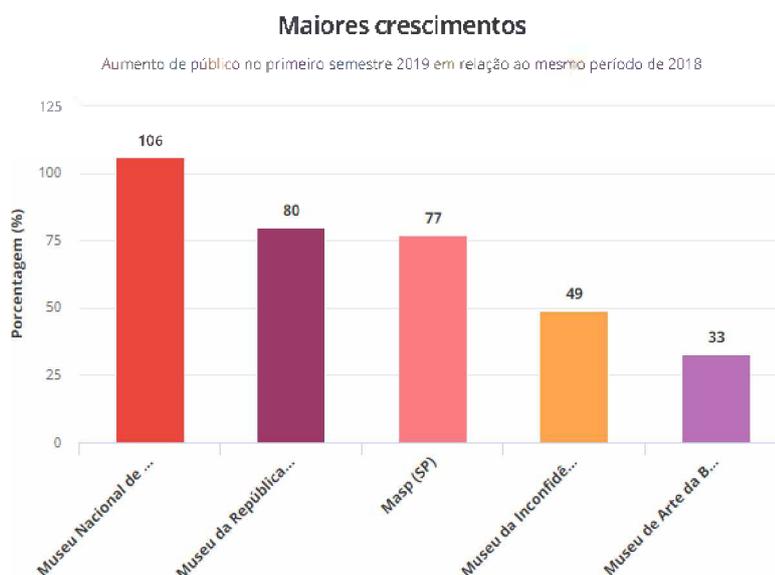
Fonte: SISEMSP (Sistema Estadual de Museus de São Paulo).

O número se deve muito ao sucesso da exposição sobre Tarsila do Amaral, que superou as 402 mil pessoas e se tornou a mais vista da história do Masp. E as outras exposições e acervo permanente, mesmo com bem menos destaque e divulgação, também tiveram bom público. A partir dos dados expressivos do Masp, o G1 pediu as informações de outros museus em todas as regiões do Brasil. Os dados que o levantamento obteve com 40 instituições indicam que o movimento é generalizado.

Na pesquisa, o diretor geral da Pinacoteca de São Paulo Jochen Volz acredita em um comportamento que reflete a situação política e econômica do país. "Estamos vivendo uma radicalização. E os museus são espaços de questionamentos e diversidades de opiniões".

O curador do Masp Fernando Oliva afirma que neste momento político bastante singular, em que não tem havido incentivo à arte, é uma afirmação de que o público está sim interessado na produção.

Gráfico 4: Visitação no Museu nos últimos 5 anos



Fonte: SISEMSP (Sistema Estadual de Museus de São Paulo).

Rafaela Lima, coordenadora de análise da informação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e responsável pela pesquisa anual de visitas a museus afirmou que “Na contramão da decadência do tema, nós vemos o aumento do interesse. A sociedade traz a valorização para o setor que não é dada pelo governo”.

O diretor Pedro Arcanjo passou a promover debates e encontros sobre conjuntura política, sexualidade, raça e gênero no Museu de Arte da Bahia (MAB), com aumento de 120% entre 2015 e 2019 dizendo que as instituições incorporaram angústias sociais. “O MAB passava por uma crise cultural. Nós respondemos às questões colocadas pela sociedade brasileira, com diálogos contemporâneos”.

Além de discussões, os museus levaram mais diversidade às mostras e investiram em exposições de mulheres, negros, indígenas e artistas não-europeus. A exposição “Histórias afro-atlânticas” de 2018, com obras de artistas africanos, americanos e caribenhos, se tornou a sexta mais visitada da história do Masp. De acordo com Oliva, o museu recebeu doação para a reserva técnica de obras de artistas indígenas e prepara uma exposição sobre o tema para 2021.

Também no segundo semestre de 2018, a Pinacoteca expôs a mostra “Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985”, dando visibilidade a artistas pouco conhecidas no Brasil. “A mostra falava sobre estratégias pessoais e coletivas de resistência, de se posicionar e superar situações difíceis. Não é por acaso que teve tanto sucesso no momento que a gente estava – e continua – vivendo”, defendeu o diretor geral da Pinacoteca de São Paulo Jochen Volz.

No Rio de Janeiro, a realidade de comunidades remanescentes quilombolas foi exposta pelas salas do Museu de Arte Religiosa e Tradicional em 2018 e 2019, em Cabo Frio. A exposição “Terra de Quilombo, Retrato de uma Etnia” tinha fotografias de Ricardo Alves sobre o cotidiano, trabalho e cultura de grupos negros, com provocações sobre racismo e exclusão.

A pesquisa reitera que os diretores batem na tecla das políticas educativas e de inclusão adotadas por museus. Elas são responsáveis pela formação de novos públicos, além de democratizar o acesso.

Atividades com escolas, dias de ingresso grátis e exposições itinerantes em cidades do interior do estado foram a resposta do Museu Oscar Niemeyer (MON), de Curitiba, às políticas de incentivo à inclusão. Nos últimos cinco anos, ele teve aumento de 68% de público.

Apesar disso, a diretora cultural do MON, Glaci Ito, explica que apenas a arrecadação com ingresso não é capaz de manter as instituições. “Uma exposição de grande porte custa entre R\$ 500 mil e R\$ 1 milhão. Nossa programação é feita com leis de incentivo, como a Rouanet”, explica, ou seja, as discussões que a revisão de leis de incentivo, despertam e podem ser importantes para fazer parte do público pensar mais na cultura e visitar mais museus. Mas, se as verbas forem cortadas, só o aumento da frequência não vai garantir que as exposições continuem.

Os Museus consultados no levantamento foram: Masp (SP), Pinacoteca (SP), Museu Oscar Niemeyer (PR), Cais do Sertão (PE), Instituto Tomie Ohtake (SP), Museu do amanhã (RJ), Museu Catavento (SP), Museu do Presépio (PA), Museu de Arte do Rio (RJ), Museu de Arte da Bahia (BA), Museu da Abolição (PE), Museu Casa de Benjamim Constant (RJ), Museu Casa da Hera (RJ), Museu Casa Histórica de Alcântara (MA), Museu Casa da Princesa (GO), Museus Castro Maya (RJ), Museu do Diamante (MG), Museu Forte Defensor Perpétuo (RJ), Museu Histórico Nacional, (RJ), Museu Imperial (RJ), Museu da Inconfidência (MG), Museu Lasar Segall (SP), Museu das Missões (RS), Museu Nacional de Belas Artes (RJ), Museu do Ouro (MG), Museu Regional de Caeté (MG), Museu Regional Casa dos Ottoni (MG), Museu Regional de São João del-Rei (MG), Museu da República (RJ), Museu Solar Monjardim (ES), Museu Victor Meirelles (SC), Museu Villa-Lobos (RJ), Museu das Bandeiras (GO), Museu de Arqueologia (RJ), Museu de Arte Religiosa e Tradicional (RJ), Museu de Arte Sacra da Boa Morte (GO), Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya – Chácara do Céu, (RJ), Museu de Arte Sacra de Paraty (RJ), Museu Palácio Rio Negro (RJ), Casa de Cláudio Souza de Petrópolis (RJ).

Nesse contexto, percebe-se, que os museus apesar da carência de estímulos governamentais têm conseguido estimular a presença do público nas diversas tipologias museais. Também diversos autores têm discutido a formação científica, histórica e social dos

frequentadores, possibilitando sua alfabetização (CAZELLI, 1992; GASPAR, 1993; FALCÃO, 1999; MARANDINO, 2001b; QUEIROZ et al., 2002; FALK, 2002; FALK e DIERKING, 2002; JACOBUCCI, 2008); BOSLER, 2010).

Cabe então salientar que diante de acontecimentos veiculados em diversas mídias alertando para a necessidade de se discutir o racismo nos âmbitos social e político, e as implicações dessa discussão para a melhoria de vida das pessoas, trago esse tema associado aos Museus de Ciências, visto serem espaços de aprendizagem, divulgação, consolidação de conhecimentos científicos e comportamentos.

Corroborando a necessidade dessa discussão e justificando a defesa do porque os Museus de Ciências precisam discutir a temática racial, cito como exemplo, uma *live* promovida pelo Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz no dia 29/06/2020. O encontro foi mediado pela educadora Hilda Gomes, coordenadora da Seção de Formação do Serviço de Educação do Museu da Vida (RJ), apresentando a Historiadora da arte por formação, Luciara Ribeiro para discutir o tema: “Racismo estrutural: o que os museus têm a ver com isso?”. Assim, de acordo com a pesquisadora:

Quando usamos os termos “instituição” e “museu”, eles podem soar abstratos e vagos para algumas pessoas. Por isso, há a necessidade de personalizarmos este debate não apenas na instituição em si, mas sobretudo na atuação das pessoas que fazem essa instituição seguir existindo. Elas podem mudar as estruturas internas desses espaços, elas possuem a responsabilidade perante a mudança, e precisam assumi-la (MUSEU DA VIDA, 2020).

Esse bate papo, foi uma ação educativa de formação complementar do Programa de divulgação da iniciação e popularização da Ciência, voltada para os graduandos, que recebem aporte teórico e prático para a mediação em museus, centros de Ciência e espaços culturais, alunos bolsistas de diversos programas e aberto ao público.

A mediadora afirma que o tema foi escolhido devido a situações de violência contra essas negras ocorridas nos EUA e no Brasil entendeu-se que como educadoras (es) nos museus tem-se a responsabilidade social educativa, cultural e política em compreender como o racismo estrutural performa-se nas relações estabelecidas no nosso cotidiano. Levanta o seguinte questionamento: será que esse assunto só interessa a pessoas negras? Pontua a criação do Movimento Negro Unificado em 1978, cita a intelectual Sueli Carneiro, criadora do Instituto Tele 10 da mulher negra em 1988, com uma pauta feminista e antirracista, Leila Gonçalves, uma das criadoras do IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), Abdias do Nascimento, responsável pela criação do Teatro do Negro num momento em que não eram dadas oportunidades para que um artista negro pudesse se desenvolver, Jurema Verneck, médica,

feminista e ativista, diretora da Anistia Internacional desde 2017; Fernanda Lopes, doutora em saúde pública do Programa Fundo Baobá, que trabalha com a questão da equidade racial, principalmente fomentando recursos para organizações negras. Jurema e Fernanda foram fundamentais para a elaboração da política nacional de saúde integral da população negra; Djamila Ribeiro, filósofa, escritora do livro “Pequeno manual de Racista”, uma obra de não ficção mais vendida no Brasil, Conceição Evaristo, escritora; Sílvio Almeida, advogado, filósofo, escritor especialista em racismo estrutural; Kabengele Munanga que desmistifica a questão racial na democracia brasileira, dentre outros, são pessoas e grupos que discutem, debatem e agem contra o racismo e suas consequências. Os estudos e ações dessas pessoas são importantes para os movimentos de empoderamento, fortalecimento da autoestima da população negra.

Ao afirmar que o mundo está cheio de interfaces e a educação é uma mola mestra que impulsiona mudanças, a mediadora questiona se os Museus têm alguma coisa a ver com racismo e discussões sobre essa temática. Luciara Ribeiro inicia dizendo da necessidade de buscarmos debater o racismo e a estrutura hegemônica social dentro dos espaços museológicos. Isto porque, ter um corpo negro nessa sociedade é ter de lidar com diversas dores que perpassam esse corpo o tempo todo, devido a uma estrutura organizada que não privilegia ou disponibiliza dispositivos que desenvolvam as possibilidades de um corpo negro.

São olhares, palavras não ditas, piadas e a política de extermínio praticada contra jovens negros que deflagram o gatilho da inquietação interior individual e coletiva, que busca um lugar de fala. Esse lugar, também pode ser uma instituição museal, porque afinal de contas, a prerrogativa educacional, formativa, de resistência e perpetuação das ações humanas está inserida nos alicerces museais que fundamentam a sua existência. São necessárias práticas diárias e permanentes por parte dos Museus de Ciências que se voltem para suas estruturas, suas bases objetivando desvincular-se da narrativa colonial predominantemente eurocêntrica.

Pensando na pesquisa, essa narrativa colonial eurocêntrica me leva a refletir sobre os estudos que se fundamentam no pensamento de descolonização ou decolonização? Para diferenciar os dois termos, recorro a Frantz Fanon (2008) e Catherine Walsh.

Após a sua graduação na Universidade do Haiti, em 1936 Fanon começou a questionar os preconceitos e a desigualdade social que cercavam as relações entre europeus e povos não-europeus. Frantz Fanon foi um dos primeiros a abordar o tema da descolonização das mentes, que defendia a libertação e a emancipação dos povos colonizados. Ele acreditava que a libertação política e a luta contra a opressão só seriam possíveis se houvesse também uma

descolonização das mentes que permitisse aos povos colonizados se libertarem dos estereótipos, das estruturas e dos mecanismos de dominação impostos pelas potências colonizadoras.

O pensamento de Frantz Fanon, nos ensina que o processo de libertação deve abranger tanto a luta contra as desigualdades econômicas e sociais, como contra as subjetividades construídas historicamente pelo processo de colonização. É preciso compreender que a luta para a libertação não pode se limitar à luta por direitos civis, mas precisa incluir uma transformação radical nas relações sociais. A luta deve ser dirigida tanto para a conscientização quanto para a mudança material na vida cotidiana.

Portanto, utilizar a obra de Fanon pode ajudar a combater o racismo e superar o ódio, pois ele mostra como é importante que as pessoas compreendam a realidade da experiência racial a partir da perspectiva daqueles que sofrem com a opressão. Ao mesmo tempo, ele aponta para a necessidade de desenvolver uma consciência crítica do racismo para que possamos superar o ódio entre raças e promover uma sociedade mais igualitária. Além disso, os escritos de Fanon podem ajudar as pessoas a entenderem como o racismo tem raízes profundas na história e na cultura, e que é necessário desenvolver um conhecimento crítico para superar o preconceito e o ódio.

Assim, acredito que Fanon vai além do conceito trazido pelos dicionários do termo “descolonização” e por isso vamos adotá-lo. Ele alerta que para além da liberdade de gestão própria do território, a descolonização das mentes também precisa acontecer para que o povo, antes colonizado, alcance a conscientização que propiciará relações raciais igualitárias.

Catherine Walsh é reconhecida por sua contribuição ao campo da Pedagogia decolonial, que desafia a hegemonia eurocêntrica. Ela defende que o conteúdo educacional deve incluir histórias de vida e perspectivas de luta de sujeitos que não são representados nas narrativas dominantes. Walsh (2007) acredita que a pedagogia decolonial não apenas tenta dismantlar as estruturas de dominação colonial, mas também busca oferecer uma utopia decolonial que possa oferecer um poder real para os sujeitos que foram excluídos do processo de produção intelectual.

Enfim, entendo que para descolonizar o pensamento e adicionar a contribuição dos movimentos sociais, é necessário reconhecer e valorizar o conhecimento e as práticas que vêm sendo produzidas pelos movimentos indígenas e afrodescendentes. Isso significa reconhecer a validade desses conhecimentos e práticas e usá-los como base para desenvolver um pensamento decolonial que considere a diversidade de saberes e perspectivas. Sendo importante promover diálogos interculturais para que possamos aprender uns com os outros e criar um pensamento decolonial que inclua a contribuição de todos. Além disso, seria importante promover o

empoderamento dos grupos oprimidos para que possam usar seus conhecimentos e práticas para lutar por um lugar de protagonismo na sociedade.

Trouxe esses dois autores para distinguir o uso dos termos “descolonização” e “decolonização”, na intenção de entender a diferença entre eles. Fanon ajudando a entender como o racismo tem raízes na história e na cultura, e que é necessário desenvolver um conhecimento crítico para superar o preconceito e Walsh apontando contribuição dos movimentos sociais e as práticas que vêm sendo produzidas pelos movimentos indígenas e afrodescendentes considerando a diversidade de saberes e perspectivas que possam levar à superação das diferenças.

Explicados os termos, descreverei outra ação realizada pelo Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz em maio/2021 foi o III Seminário de Metodologias de Pesquisa em Museus que questionou como os museus e a divulgação científica estão contribuindo na busca pela equidade de gênero e étnico-racial e pelo empoderamento feminino? O encontro contará com convidados de Portugal e de diferentes estados brasileiros, de variados campos do conhecimento, que refletirão sobre aspectos relacionados ao tema, incluindo a presença e representação das mulheres (tanto cis quanto trans) em museus e a desigualdade de gênero e étnico-racial nas Ciências. Ações inclusivas desenvolvidas em espaços museais também serão abordadas. A proposta é abrir um espaço para um debate plural – e necessário – sobre o papel dos museus em torno do tema, com base em estudos acadêmicos e experiências práticas (MUSEU DA VIDA, 2021).

Podemos citar também uma ação realizada pelo canal oficial do Observatório do Valongo, que é sede do curso de graduação e pós-graduação em astronomia da UFRJ no dia internacional do Museu em 18 de maio de 2021. O Observatório do Valongo está localizado no Morro da Conceição, no centro do Rio de Janeiro. No canal são disponibilizados eventos, palestras, seminários, entrevistas e novidades em pesquisas de astronomias.

Na ocasião desse evento, os museus que integram a rede SIMAP (Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural) fazem uma reflexão sobre a importância de reimaginar e repensar suas práticas cotidianas e seus olhares para o futuro.

A seguir apresentaremos cada museu selecionado, suas principais características por meio de uma nuvem de palavras. Essas nuvens foram elaboradas usando os textos de apresentação de cada instituição, dentro do menu “quem somos”, “institucional” e ou “missão”.

científico e à preservação de um acervo sobre o tema. Entende-se que busca fornecer um ambiente em que todos possam explorar sua curiosidade e aprender com o passado. Oferece a oportunidade de experimentar e compreender a ciência, a tecnologia, a história, a arte e a cultura. Com exposições interativas e programas educacionais, o museu de ciências incentiva o desenvolvimento de habilidades criativas e o pensamento crítico. O museu também apoia a pesquisa científica, fornecendo recursos e serviços que facilitam a descoberta e a inovação. Marandino, 2005, p. 175 afirma que “*as exposições de museus são também entendidas como unidades pedagógicas, em que ocorrem processos de recontextualização do discurso científico.*” Sendo assim, entendemos que ao olharmos para as NP podemos inferir sobre o discurso científico que a instituição museal coloca para seus frequentadores.

Figura 6: Página inicial do MCT- PUCRS

Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS
<https://www.pucrs.br/mct> -
 Site Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS. Experiências lúdicas e divertidas que tomam conceitos e teorias da **Ciência** acessíveis para pessoas de todas as ...

Institucional
 Em 1993, já como Museu de Ciências e Tecnologia, foi inaugurado o atual prédio ...

Coleções Científicas
 Site Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS. Experiências ...

Exposições
 Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS

Publicações
 Guriás na Ciência é resultado de uma inédita parceria franco-brasileira entre a ...

Eventos
 Férias no Museu. Em julho, pequenos cientistas dos 7 aos 12 anos podem ...

Contato
 Site Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS. Experiências ...

Educativo
 Site Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS. Experiências ...

Pesquisar resultados de pucrs.br

Museu de Ciências e Tecnologia da Pucrs
 Tripadvisor (4.488)

Endereço: Av. Ipiranga 6681, Porto Alegre, RS, 90610-001
Telefone: (51) 3320-9521
Horas: Aberto - Fecha à(s) 17:00 ▾
Email: mct@pucrs.br

Fonte: Página do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS

O endereço eletrônico do Museu de Ciência e Tecnologia, é <https://www.pucrs.br/mct> e, nela, está afirmado que o museu “[...] fundamentado nos princípios institucionais da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) [...] tem como missão gerar, preservar e difundir o conhecimento por meio de seus acervos e exposições, contribuindo para o desenvolvimento da Ciência, da educação e da cultura”. O mapa da página institucional do Museu está configurado na Figura 1, a seguir.

O acesso ao site do Museu, encontrou-se o layout indicado pela figura 2.

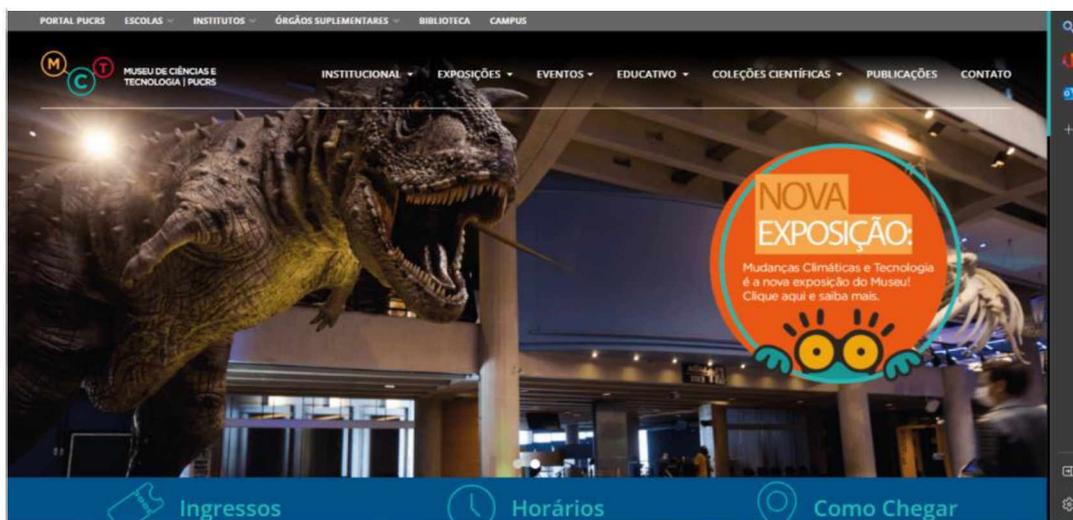
Figura 7 – Página inicial do MCT-PUCRS, banner 1



Fonte: Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS

O cabeçalho da página principal apresenta o seguinte menu (primeira linha): Portal PUCRS – Escolas – Institutos – Órgãos Suplementares – Biblioteca – Campus, e, na segunda linha à esquerda, a logomarca do museu, seguida do menu: Institucional - Exposições Eventos – Coleções científicas – Publicações – Contato. Imediatamente abaixo do cabeçalho, aparece o/a mascote do museu, a esquerda da tela, e a sua direita quatro perguntas, dentro de um círculo com fundo na cor verde água, linha vermelha, texto em vermelho com sombreado laranja: está aberto? Em qual horário? Tem estacionamento? E os ingressos? Após as perguntas em letra na cor branca lê-se: “Clique aqui e descubra as respostas para programar a sua visita genial!” (Banner 1). No Banner 2, a imagem da mascote é substituída pela a imagem da exposição atual e o círculo com as perguntas apresenta a chamada “NOVA EXPOSIÇÃO” e abaixo dela, o título da exposição em cartaz. A mascote é recortada e inserida no interior do círculo, como que emergindo na parte de baixo, com a chamada referida na frase anterior, de modo que aparece apenas seus olhos abertos e “patas” (?). Na data que finalizávamos o texto de qualificação estava anunciada: “Mudanças Climáticas e Tecnologia é a nova exposição do Museu/ clique aqui e saiba mais”, como mostra a figura 8.

Figura 8 – Página inicial do MCT-PUCRS, banner 2



Fonte: [Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS](#)

Ao passarmos o cursor no menu Institucional é visualizado os seguintes links: Nosso museu – Espaços para eventos e Notícias. Ao clicar em Nosso museu a/o usuário/internauta acessa um texto com elementos da história do museu e de sua estrutura. Assim, encontramos a informação de que a data de criação do museu foi 04 de julho de 1967, com o nome “Museu de Ciências”; o ano em que houve a alteração para o nome atual do museu foi 1993; e, que o museu foi criado com uma área expositiva de 200m² passando, no ano de 1998, a uma área expositiva de 8.000m². Além destas informações pode-se ler:

A atuação do Museu como canal de difusão do conhecimento se realiza por meio de suas exposições. Elaboradas para despertar a curiosidade e o gosto pelas Ciências, elas valorizam a participação do visitante, que ao se envolver em experiências lúdicas e inusitadas, torna-se protagonista do seu próprio aprendizado. O MCT-PUCRS também promove a geração e a preservação do conhecimento. Suas coleções científicas abrigam um vasto acervo de fósseis, espécimes representantes de nossa biodiversidade e peças provenientes de escavações arqueológicas, que são objeto de pesquisa de mestrandos e doutorandos provenientes de várias partes do mundo (MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA, 2022).

No **link Espaços para eventos** é afirmado que o museu é reconhecido, pelo guia Quatro Rodas – editora Abril, pela 4ª vez, como a única “atração cinco estrelas” da cidade de Porto Alegre – RS, e, que, segundo a “Pesquisa Top of Mind – Revista Amanhã” o museu mais lembrado da cita cidade. Há como complemento a estas informações a indicação do museu como “opção ideal para sediar o seu evento”, seguido de um conjunto de imagens publicitárias,

relativas a eventos corporativos, lançamentos e recepções, finaliza com a seguinte afirmação: “Com mais de 700 experimentos interativos, a exposição do Museu é um espaço único, repleto de experiências lúdicas e inusitadas que, de forma criativa, despertam a curiosidade e facilitam a compreensão de conceitos e teorias da Ciência para visitantes de todas as idades”

O mapa da página institucional do museu disponibiliza dez exposições, são elas: Arqueologia; A viagem do Beagle; Marcas da Evolução; Fluidos: da célula às estrelas; Ilustração Científica; Espaço Wallace; Mamíferos aquáticos; CSI; Matéria e energia; Do sonho de voar à viagem espacial. Marandino (2009, p. 11) ao falar das exposições museais, ressalta que:

[...] às exposições são estratégias ricas para o desenvolvimento de atividades educativas nos museus. Por meio delas, por exemplo, é possível realizar comparações entre seres e ambientes, compreendendo suas relações, estudar comportamentos, entender como os espécimes são coletados, conservados, pesquisados e classificados, tendo acesso assim as informações de caráter teórico e procedimental relacionado às Ciências Naturais (MARANDINO 2009, p .11).

Em vista disso, buscamos pelas pistas que nos permitiriam perceber se existem possibilidades de discussão das relações étnico raciais no contexto exposto e a que indivíduos e corpos as exposições se referem. As informações não desenvolvidas também nos permitem muitas inferências, e, mais do que isso, a compreensão de processos socialmente discriminatórios.

Figura 9 – Página inicial do MCT-PUCRS, banner 3

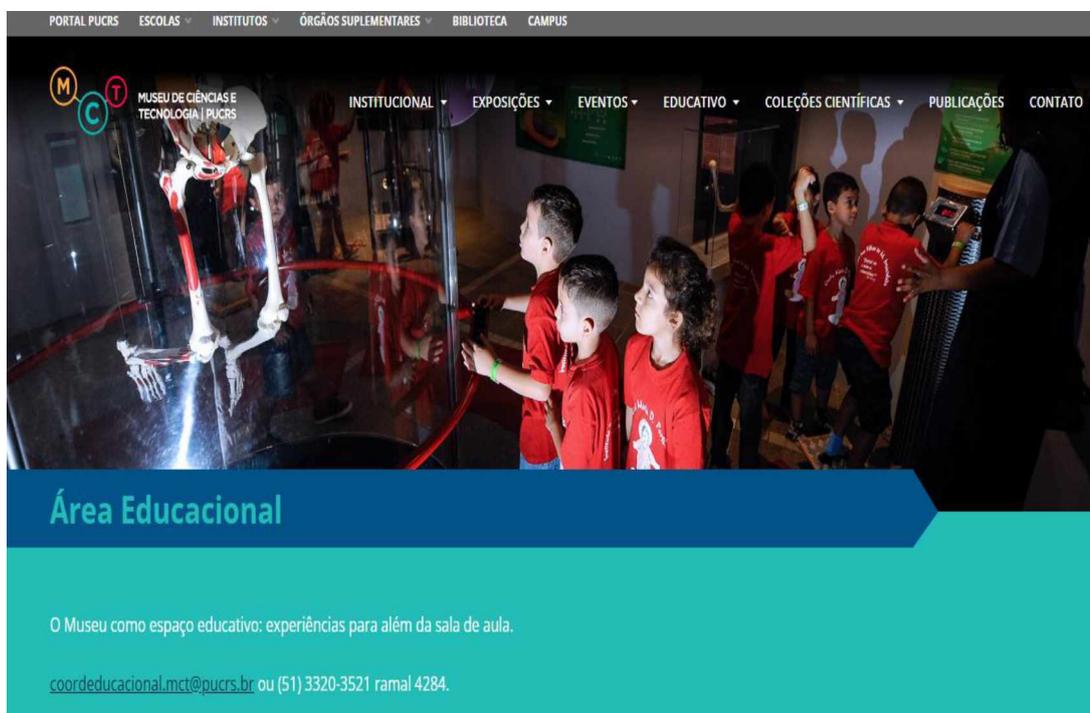


Fonte: Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS

Cada espaço para evento traz uma descrição detalhada daquilo que o visitante vai conhecer. São eles: Arqueologia, A Viagem do Beagle, Marcas da Evolução, Fluidos: das Células às Estrelas, Ilustração Científica, Espaço Wallace, Mamíferos Aquáticos, CSI, Matéria e Energia; Do sonho de voar a corrida Espacial.

Área Educacional

Figura 10 – Página inicial do MCT-PUCRS, banner 4



Fonte: Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS - Porto Alegre/RS

O Museu como espaço educativo: experiências para além da sala de aula. O Museu é um espaço de formação e informação e sua concepção prevê a participação ativa dos visitantes, onde conhecer a Ciência se transforma numa experiência de aprendizado. Para ajudar o professor/educador a obter o melhor rendimento pedagógico com seus alunos no Museu, são criados roteiros de visitação e atividades para alunos de todas as idades: da pré-escola à Universidade, o que proporciona vivências que vão para muito além da sala de aula. Para tanto, o banco de roteiros de Atividades que podem ser desenvolvidas no âmbito do MCT é mantido em parceria com professores, alunos de graduação e pós-graduação da PUCRS. Através de agendamento individualizado professores, educadores e universitários, são atendidos pela equipe educacional do Museu na chamada Pré-visita, a fim de que possam preparar-se

antecipadamente para utilizar a estrutura oferecida pelo MCT como estratégia pedagógica (MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA, 2022). Essa é a descrição dos componentes da página inicial do museu.

Marandino (2009, p. 04) corrobora nossa proposta de pensar sobre os materiais dos sites dos museus quando afirma que:

A proposta de educação em museus sobre a qual gostaríamos aqui de refletir tem por base a ideia de que, através das exposições, é possível conhecer conceitos, conteúdos, procedimentos, valores, concepções e políticas científicas. No entanto, tais informações nem sempre aparecem de forma explícita na museografia das exposições (MARANDINO 2009, P. 04).

Nesse sentido, gostaríamos de refletir tem sobre a ideia de que, por meio das exposições e materiais, é possível conhecer conceitos, conteúdos, procedimentos, valores, concepções e políticas científicas que possam dizer sobre as relações étnico raciais. Entendemos que tais informações nem sempre aparecem de forma explícita na museografia das exposições.

4.1.3 Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)

Foi criado, em 1999, como parte da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). A COC é um centro dedicado à preservação da memória da Fiocruz e às atividades de divulgação científica, pesquisa, ensino e documentação da história da saúde pública e das Ciências biomédicas no Brasil.

Figura 11: Nuvem de palavras do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz



Fonte: criação da autora

Essa NP, destaca as palavras “pesquisa, saúde, curiosidade, científica, educação, pensar, ciência, dentre outras” Um diferencial está no aparecimento dos termos “cultura, história,

pensar e memória”. Eles podem sugerir uma ampliação do olhar da instituição para além do campo puramente científico. Podendo constituir pistas que demonstrem a preocupação institucional com o indivíduo social e culturalmente construído. De acordo com Nora, (1993, p. 13): *“a memória é carregada por grupos vivos, ela é móvel, evolui e é vulnerável”*. O autor enfatiza que a memória é algo dinâmico e em constante mudança. Ela está ligada às vidas e aos grupos que a carregam, e sua preservação depende do cuidado que eles lhe dedicam. A memória é frágil e vulnerável, e pode ser transformada ou mesmo perdida se não for cuidada adequadamente.

Entendemos que a memória e o contexto histórico podem ser usados para provar que o lugar ocupado por diferentes grupos sociais constrói a sua coletividade e podem, tira-los do anonimato ou contribuir para o apagamento de seus valores de acordo com os interesses do poder hegemônico europeu estabelecido no decorrer da contemporaneidade

Figura 12 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)



Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://museu.davida.fiocruz.br)

Com o acesso ao site do Museu, encontrou-se o layout indicado pela figura 9. O cabeçalho da página principal apresenta o seguinte menu (primeira linha): Museu da Vida e logomarca e, na segunda linha à esquerda o menu: – Visitação – Educação – Pesquisa – Acervo – Visitamos Você, Imediatamente abaixo do cabeçalho, aparece o aviso para que se possa agendar visitas, a esquerda da tela, e a sua direita o aviso de que as atividades presenciais acontecem somente com o agendamento por e-mail.

Ao passarmos o cursor no menu Institucional é visualizado os seguintes links: Visitação – Educação – Pesquisa – Acervo – Visitamos Você.

Figura 13 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)



Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://museu.davida.fiocruz.br)

Ao clicar em Visitação a/o usuário/internauta acessa caminhos para conhecer o museu, agendar sua visita e saber a localização da instituição, Além destas informações quando o cursor é passado sobre as gravuras o visitante pode acessar as áreas disponíveis para visitação:

Figura 14 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)



Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://museu.davida.fiocruz.br)

Quando o visitante clica em “Educação” surge o texto: O Museu da Vida realiza atividades educativas para professores, jovens e público em geral, além de oferecer a Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência e o mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde. Temos ainda várias publicações disponíveis para download gratuito! Confira! (MUSEU DA VIDA, 2022). Marandino (2009, p. 10) esclarece que:

Atualmente, a dimensão educacional vem se ampliando nos museus de ciências, junto com a incorporação das novas tecnologias de comunicação, e estão cada vez mais influenciando a elaboração das exposições. Esta ênfase tem caminhado no sentido de perceber que o conhecimento científico não é apresentado em seu estado puro nas exposições e nas ações educativas desenvolvidas nesses espaços. (MARANDINO, 2009, p. 10)

Pode-se além disso, acessar as opções de: especialização, mestrado, para professores, pro cultural, publicações, encontro de professores, biblioteca. Conforme a figura 15.

Figura 15 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)

The screenshot shows the homepage of the Museu da Vida website. At the top, there is a navigation bar with the logo and menu items like 'visitação', 'educação', 'pesquisa', 'acervo', and 'visitamos você'. Below this, a main banner area contains several sections with blue headers and white text, each accompanied by a small image. The sections are: 'Especialização' (with an image of a person looking through a microscope), 'Mestrado em Divulgação da Ciência' (with an image of a lecture hall), 'Para Professores' (with an image of a group of people in a meeting), 'Publicações' (with an image of a book cover), and 'Biblioteca' (with an image of a bookshelf). Below these sections, there are logos for 'Invivo', 'Clube de Explorador Mirim', and 'Especialização'. At the bottom, there is a footer with contact information, social media icons, and logos of partner organizations like ARCA, ASTC, P3P, e-cite, ICOM, Santander, Abbott, Enauta, and Braskem.

Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://Museu da Vida (fiocruz.br))

No menu “Pesquisa” o visitante acessa a página com o texto: O Museu da Vida busca contribuir com estudos, eventos, capacitação de profissionais e publicações em diferentes áreas do conhecimento. Confira abaixo nossas áreas de pesquisa! (MUSEU DA VIDA, 2022).

Maria Esther Valente, Sibeles Cazelli e Fátima Alves em seu artigo “Museus, ciência e educação: novos desafios” afirmam que: *“As exigências contemporâneas referentes sobretudo ao alfabetismo científico salientam a necessidade de os cidadãos se relacionarem com temas e conhecimentos científicos”* (2005, p. 200).

Dessa maneira, proporcionar capacitação aos profissionais estabelece uma postura positiva da instituição museal frente aos desafios que surgem devido às inovações tecnológicas que movimentam a sociedade contemporânea.

Figura 16 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)



Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://museu.da.vida.fiocruz.br)

Ao clicar em estudos de público, divulgação científica e notícias, pode interagir com os temas e passando o cursor para o menu “Acervo” lê-se o texto: O Museu da Vida se dedica à coleta e preservação de peças museológicas e acervo bibliográfico. Cerca de 2.100 itens museológicos compõem nosso acervo de objetos, que inclui itens pessoais de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz. História, memória e preservação são palavras-chave desse trabalho! Conforme a figura 13.

Figura 17 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)

BRASIL CORONAVÍRUS (COVID-19) Simplifique! Participe Acesso à Informação Legislação Canais

Webmail FUNDÇÃO OSWALDO CRUZ

museu da vida

visitação educação pesquisa acervo visitamos você

museológico | biblioteca

O Museu da Vida se dedica à coleta e preservação de peças museológicas e acervo bibliográfico. Cerca de 2.100 itens museológicos compõem nosso acervo de objetos, que inclui itens pessoais de pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz. História, memória e preservação são palavras-chave desse trabalho!

museológico

A conservação, preservação, armazenamento e administração do acervo histórico e técnico sob guarda do Museu são de responsabilidade de nossa Reserva Técnica. Com o objetivo de divulgar as peças que compõem o acervo do Museu, divulgamos, periodicamente, a seção Objeto em Foco, que apresenta imagens e a rica história de algum objeto de nosso acervo.

> [saiba mais](#)

biblioteca

A Biblioteca de Educação e Divulgação Científica (Iben) Seibel do Museu da Vida iniciou suas atividades em 1999. Ao longo do processo de criação dos espaços expositivos do Museu, prestou apoio aos seus profissionais no desenvolvimento de projetos educacionais, atividades e eventos voltados ao público visitante.

> [saiba mais](#)

objeto em foco

Contador de colônias

Item do acervo museológico no Museu da Vida. Historicamente utilizado por pesquisadores para contar bactérias nos laboratórios.

BIBLIOTECA

invivo Clube do Explorador Mirim Brasiliana

museu da vida Casa de Oswaldo Cruz FIOCRUZ

visitação área de visitação exposições como chegar planeje sua visita agendamento de grupos expressão da ciência

educação ministrado especialização para professores pré-cultural publicações

pesquisa estudos de público divulgação científica

acervo museológico biblioteca

visitamos você ciência mútua exposições itinerantes

sobre o museu o que é o museu da vida seja nosso parceiro

Funcionamento: de terça a sexta, das 9h às 14h30.
FioCruz: Av. Brasil, 4365, Manguinhos, Rio de Janeiro. CEP: 21040-900
Contato: museudavida@fiocruz.br
Assessoria de Imprensa: divulgacao@fiocruz.br
Copyright © Museu da Vida | Casa de Oswaldo Cruz | FioCruz

O Museu da Vida faz parte de:

ABC MC ASTC peg ecsite ICOM

Amigos do Museu da Vida: uma rede de Saúde, ciência e cultura:

Santander Abbott Enauta Braskem

Conheça nossos parceiros

Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://museu.davida.fiocruz.br)

Dessa maneira se consegue ao clicar em “saiba mais” entrar em contato com **cerca** de 2.100 itens compõem o acervo do Museu da Vida, que inclui objetos pessoais de pesquisadores do antigo Instituto Oswaldo Cruz e da atual Fundação Oswaldo Cruz, além de material de laboratório e de precisão, material relacionado à produção de medicamentos e vacinas, equipamentos médicos, entre outros itens (MUSEU DA VIDA, 2022).

No menu “Visitamos Você”, o museu disponibiliza acesso ao agendamento do caminhão do **Ciência Móvel - Arte e Ciência sobre rodas** e as **exposições itinerantes** que levam Ciência e diversão a vários locais! (MUSEU DA VIDA, 2022).

Maria Esther Valente, Sibeles Cazelli e Fátima Alves em seu artigo “Museus, ciência e educação: novos desafios” propõem uma reflexão sobre como o fazer científico e tecnológico, as necessidades advindas da sociedade e as demandas educacionais influem no papel social que os museus de ciência se propõem a desempenhar com os seus visitantes.

Quando a instituição se propõe a absorver os temas que estão em destaque na sociedade, ela possibilita abordagens e discussões consideradas fundamentais para que o aspecto educacional das demandas sejam re(dimensionadas) para as práticas sociais. Assim, acompanhar e estar atento ao que acontece nos contextos sociais dos diversos grupos, pode contribuir para que se operem mudanças ou sejam fomentadas propostas que valorizem as culturas e espaços de vivência dos indivíduos.

Figura 18 – Página inicial do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ)



Fonte: [Museu da Vida \(fiocruz.br\)](http://museu.davida.fiocruz.br)

São exposições permanentes: Parque da Ciência, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, Cidade acessível, Castelo de inspirações e Manguinhos revelado: um lugar de Ciências. Consideraremos como ações propostas **as lives temáticas**, que são programadas (uma atividade on-line que é uma transmissão ao vivo), desde março de 2020 até agosto de 2021. São elas: 14 de maio - Um papo sobre o Ciência Móvel, com Ana Carolina Gonzalez; 15 de maio - Um papo sobre o Velho Chico. Conversa com a diretora Stella Oswaldo Cruz, sobre o longa "Saúde! Velho Chico"; 11 de junho – **Onde escondemos o racismo nos museus?** 18 de junho - **Um papo sobre Ciência afro centrada**; 25 de junho - Um papo sobre maternidade e Ciência.

29 de junho - Racismo estrutural: o que os museus têm a ver com isso? 8 de julho - Dia Nacional da Ciência; 23 de julho - Primeiro Sarau do Museu da Vida - Homenagem a cientistas brasileiros; 23 de julho - Um papo sobre educação e comunidade surda, 30 de julho - Saúde mental na pandemia. Também analisaremos as exposições permanentes: Parque da Ciência, Cidade acessível, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, Castelo de inspirações, Manguinhos revelado: um lugar de Ciências. O museu também possui em seu site e no Instagram a “#CientistasNegras “onde toda segunda é dia de homenagear intelectuais brasileiras negras nas redes do Museu da Vida.

Quando Munanga em seu artigo “Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo afirma que:

(...) ecoa dentro de muitos brasileiros, uma voz muito forte que grita; “não somos racistas, os racistas são os outros, americanos e sul-africanos brancos”. Essa voz forte e poderosa é o que costumamos chamar “mito de democracia racial brasileira”, que funciona como uma crença, uma verdadeira realidade, uma ordem. Assim fica muito difícil arrancar do brasileiro a confissão de que ele é racista (MUNANGA, 2003, p. 01).

O tema dessas duas lives, provoca um olhar focado em um assunto que pode dar visibilidade, voz e ao mesmo tempo tentar derrubar as barreiras que a discussão étnico racial se propõe a fazer.

No mesmo estudo, o autor ainda nos diz que:

O fenômeno chamado racismo tem uma grande complexidade, além de ser muito dinâmico no tempo e no espaço. Se ele é único em sua essência, em sua história, características e manifestações, ele é múltiplo e diversificado, daí a dificuldade para denotá-lo, ora através de uma única definição, ora através de uma única receita de combate (MUNANGA, 2003, p. 02).

Quando o autor afirma que os brasileiros não se consideram racistas e o museu pergunta onde o racismo está escondido, implica que essa “falsa realidade” sobre a temática é de conhecimento de todos, inclusive da instituição museal. Sendo assim, a dicotomia entre ser racista e admitir essa postura necessita de propostas sólidas e expressivas que alavanquem o protagonismo dos grupos sociais que vivenciam essa prática.

4.1.4. Museu do Amanhã (RJ)

O prédio é um projeto do arquiteto espanhol Santiago Calatrava, no Pier Mauá. Sua construção teve o apoio da Fundação Roberto Marinho. O edifício foi inaugurado em 17 de dezembro de 2015 com a presença da então presidente do Brasil Dilma Rousseff. A gestão do

Museu do Amanhã é realizada pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão - IDG – Organização Social sem fins lucrativos especializada em gerir centros culturais públicos.

Figura19: Nuvem de palavras do Museu do Amanhã



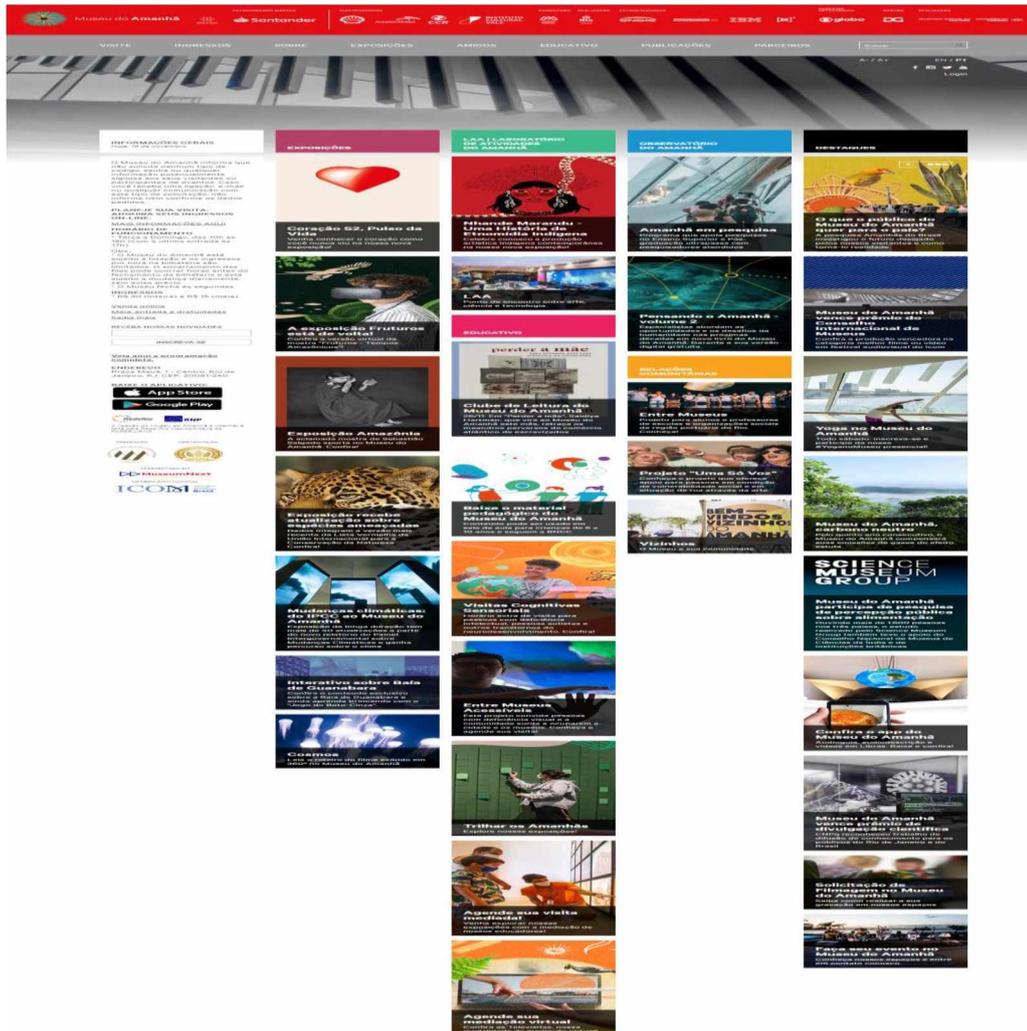
Fonte: criação da autora

A NP dá mais ênfase para os termos: “perguntas, amanhã, diferente, futuro, explorações, mudanças, museu, cidadãos, construção, ciência”, dentre outras. Observando a NP percebemos a preocupação da instituição com o futuro, questionamentos, caminhos e ideias diferentes que possam se constituir em mudanças. Esse entendimento pode ser expresso na afirmação de Marandino, 2005, p. 162:

O processo de socialização do conhecimento científico é cercado de desafios, posições polêmicas e embates. Por um lado, se assume como necessidade ética a importância de levar as informações produzidas pela ciência e tecnologia a um público cada vez mais amplo, como instrumento de cidadania. (MARANDINO, 2005, p. 162).

Esse constante exercício de questionamento, buscando entender como será o futuro, quais os caminhos a serem tomados e quais as ideias diferentes são implementadas possibilitam à instituição museal refletir e fomentar uma discussão com a sociedade por meio de suas exposições.

Figura 20 – Página inicial do Museu do Amanhã

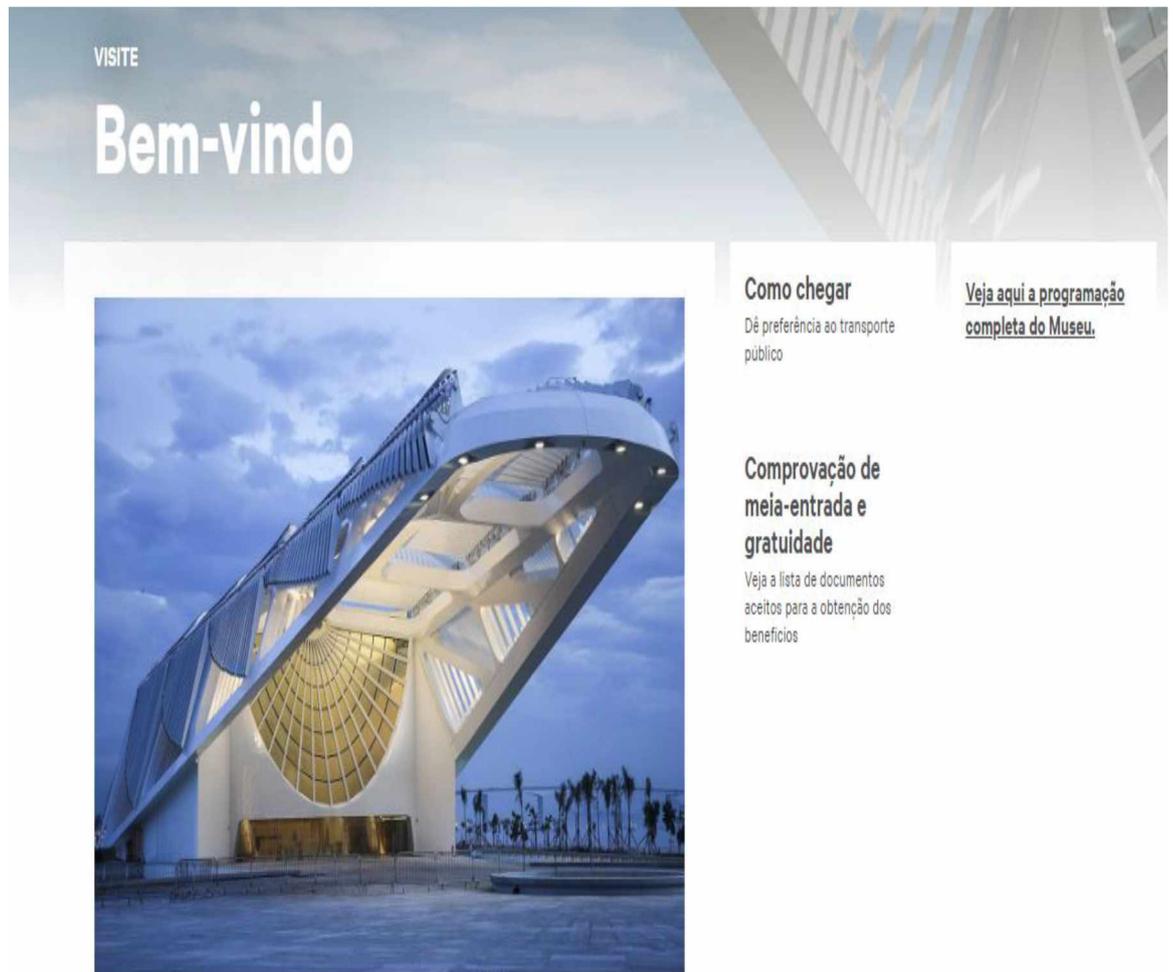


Fonte: [Museu do Amanhã \(museudoamanha.org.br\)](http://museudoamanha.org.br)

O cabeçalho da página principal apresenta o seguinte menu (primeira linha): Logomarca do Museu do Amanhã e das empresas patrocinadoras. Na segunda linha pode-se acessar: visite, ingressos, sobre, exposições, amigos, educativo, publicações e parceiros. Na terceira linha, exposições, laboratório de atividades do Amanhã, observatório do Amanhã, destaques. A página é composta de vários retângulos que ao serem tocadas pelo cursor encaminham o visitante para as diversas possibilidades do menu. Ao clicar em “Visite” temos o texto:

O Museu do Amanhã é um museu de Ciências diferente. Um espaço erguido sobre os pilares éticos da Sustentabilidade e Convivência, que explora a época de profundas transformações em que vivemos e os possíveis caminhos para os próximos 50 anos. Conforme a figura 21.

Figura 21 – Página inicial do Museu do Amanhã



Fonte: [Museu do Amanhã \(muscudoamanha.org.br\)](http://muscudoamanha.org.br)

Ainda há informações de endereço, horário de funcionamento, venda de ingressos, programação, acessibilidade, loja, política de visitação. No menu “Exposições” conforme a figura 18, o visitante é convidado a interagir, sentir e pensar.

Figura 22 – Página inicial do Museu do Amanhã

EXPOSIÇÕES

Para interagir, sentir e pensar



Pode um museu ter como acervo as possibilidades do amanhã? No Museu do Amanhã, essa pergunta se dilui por suas exposições. Tanto na exibição de longa duração quanto nas temporárias há experiências para o público ver, sentir, interagir, fruir. O objetivo maior, no entanto, é provocar – fazer perguntas mais do que respondê-las. E, atravessando todo este diálogo, está presente um convite essencial do Museu a seus visitantes: vamos, juntos, construir os Amanhãs que queremos.

O percurso da exposição de longa duração simboliza este convite. No segundo andar do Museu, o público percorre uma narrativa multimídia estruturada em cinco grandes momentos – Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós –, cada um encarnando grandes perguntas que a humanidade sempre se fez – De onde viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir?

O conteúdo da exposição foi elaborado por um time de mais de 30 consultores brasileiros e estrangeiros de diversas áreas. O Museu também tem parcerias com algumas das principais instituições da ciência do Brasil e do mundo, como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Nos espaços reservados às exposições temporárias, o Museu do Amanhã apresentou, já em sua inauguração, duas: "Perimetral" – uma videoinstalação sobre a implosão do elevador que durante décadas marcou a paisagem urbana da Região Portuária – e "É Permitido Permitir", que reuniu três projetos do Superflex, coletivo de artistas dinamarqueses.

Diversas exposições temporárias também já foram exibidas, como "O poeta voador, Santos Dumont", "Ofisuka 2068 - Imaginando um Futuro do Trabalho", "Pratodomundo - Comida para 10 bilhões", "Coronaceno - Reflexões em tempos de pandemia" e muitas outras.

As tendências para o Amanhã
Conheça os seis temas que irão determinar os próximos 50 anos

Até 29.01.23
Exposição Amazônia
A aclamada mostra de Sebastião Salgado aporte no Museu do Amanhã. Confira!



Até 05.02.23
Coração S2, Pulso da Vida
Venha conhecer o coração como você nunca viu na nossa nova exposição!

Coronaceno - Reflexões em tempos de pandemia
A mostra, que ficou em cartaz até 29/08/2021, apresenta os impactos da Covid-19 no mundo e as perspectivas de mudanças no estilo de viver.

[Veja aqui a programação completa do Museu.](#)



Um percurso de perguntas
Da origem do Universo à construção de Amanhãs possíveis



Pratodomundo voltou
Confira a tour virtual da exposição "Pratodomundo - Comida para 10 bilhões"

Fonte: [Museu do Amanhã \(museudoamanha.org.br\)](http://museudoamanha.org.br)

Um texto explica o percurso, o conteúdo e os espaços reservados para cada exposição, além de elencar as exposições temporárias que já foram exibidas. No menu “Amigos, pode-se conhecer os parceiros do museu, como se tornar um amigo e os benefícios dessa ação. Vide figura 23 abaixo.

Figura 23– Página inicial do Museu do Amanhã

PROGRAMA DE AMIGOS

Seja um Amigo do Amanhã



Parceiros do NOZ
Seja um Amigo do Amanhã e desfrute dessas parcerias

Perguntas e Respostas - NOZ ANHÃ
Encontre respostas para as dúvidas mais comuns relacionadas ao NOZ

Sobre o Museu
Um ambiente de explorações sobre o Amanhã que queremos

Coral "Uma Só Voz"
Confira este projeto apoiado pelos Amigos do Amanhã.

Como Amigo do Amanhã, você apoia projetos relacionados aos pilares do Museu e tem benefícios exclusivos, como entrada ilimitada e expressa, atividades especiais na nossa programação e descontos nos nossos parceiros.

O Museu do Amanhã é um museu de ciências diferente, um ambiente de ideias, exploração e questionamento sobre a época em que vivemos e os caminhos que se abrem para o futuro.

O Amanhã é uma construção da qual todos participamos como pessoas, cidadãos e membros da espécie humana! Que tal participar ativamente e nos ajudar a construir o futuro que queremos fazendo parte do Programa Amigos do Amanhã - NOZ.

Para aderir ao Programa de Amigos, entre em contato através do e-mail amigos@museudoamanha.org.br.

Benefícios especiais para os Amigos do Amanhã:

- Carteirinha de Amigo do Amanhã válida por um ano;
- Entrada ilimitada e sem filas com direito a um acompanhante todos os dias de funcionamento do Museu;
- Filá preferencial de acesso ao Cosmos;
- Convites para aberturas de exposições e atividades exclusivas no Museu;
- Inscrição antecipada e reserva de vagas em eventos do Museu;
- Convites para atividades exclusivas em parceiros do programa (como o EAV/Parque Lage);
- Notícias em primeira mão sobre a programação do Museu;
- Possibilidade de abatimento do IR (Imposto de Renda).

Descontos:

Fonte: **Museu do Amanhã (museudoamanha.org.br)**

Do lado direito da página encontram-se informações sobre o Programa Amigos do Amanhã – NOZ com perguntas e respostas, sobre o Museu e o Coral de uma só voz. Ao passar o cursor sobre o menu “Educativo”, o museu se posiciona como um canal de diálogo entre os visitantes e a Ciência. Afirmando que as ações educativas foram concebidas para incluir e conectar pessoas de diferentes faixas etárias, formações, regiões geográficas e contextos socioeconômicos (MUSEU DO AMANHÃ, 2022).

Figura 24– Página inicial do Museu do Amanhã

EDUCATIVO

Um canal de diálogo



O Programa de Educação do Museu do Amanhã tem capacidade para receber 40 mil pessoas por ano, com o desafio de que cada uma das visitas seja um encontro para refletir juntos sobre os amanhãs possíveis. Conta com uma equipe interdisciplinar para a realização de visitas mediadas, ações educativas e propõe eixos temáticos para o debate dos professores com os alunos, trazendo as questões abordadas na exposição principal do Museu, sua arquitetura, a região histórica da Zona Portuária e a Baía de Guanabara.

As ações educativas foram concebidas para incluir e conectar pessoas de diferentes faixas etárias, formações, regiões geográficas e contextos socioeconômicos.

Para mais informações, escreva para: visitas@museudoamanha.org.br



Até 26.11.22
Clube de Leitura do Museu do Amanhã
26/11: Em "Perder a mãe", Saldiya Hartman, que virá ao Museu do Amanhã este mês, retrata os meandros perversos do comércio atlântico de escravizados

Até 31.12.22
Entre Museus Acessíveis
Este projeto convida pessoas com deficiência visual e a comunidade surda a ocuparem a cidade e os museus. Conheça e agende sua visita!

Até 31.12.22
Agende sua visita mediada!
Venha explorar nossas exposições com a mediação de nossos educadores!

[Veja aqui a programação completa do Museu.](#)

Fonte: [Museu do Amanhã \(museudoamanha.org.br\)](http://museudoamanha.org.br)

No menu “Publicações” temos conforme a figura 17, os resumos e as versões em PDF das publicações disponibilizadas. Ainda informa que é um exemplo bem-sucedido de parceria entre o poder público e a iniciativa privada, o projeto é uma iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, concebido em conjunto com a Fundação Roberto Marinho, instituição ligada ao Grupo Globo. Exemplo bem-sucedido de parceria entre o poder público e a iniciativa privada (MUSEU DO AMANHÃ, 2022). Na opção “Parceiros”, são mostradas as parceiras público-privadas.

Figura 25 – Página inicial do Museu do Amanhã

DESTAQUES

Conheça as publicações virtuais do Museu do Amanhã



"fazendo acontecer"
O livro apresenta ferramentas para empoderar a jornada de mulheres enquanto cientistas, inovadoras e empreendedoras. Mesmo que ela já esteja trilhando sua trajetória nessas áreas ou dando os primeiros passos. Na publicação interativa é possível escrever, grifar, responder, consultar, criar, experimentar e relembrar aspectos da ciência, da inovação, dos negócios, e das relações entre esses campos com as questões de gênero e raça.
Acesse a versão em PDF [aquí](#).
Boa leitura!



"Meninas de 10 Anos - Nós somos as meninas"
A publicação "Nós somos as meninas" é o resultado de uma série de encontros entre 30 meninas, com idades entre 10 e 16 anos, de diferentes territórios e realidades socioeconômicas do Rio de Janeiro, que promoveu um diálogo sobre a responsabilidade coletiva em prol da promoção de harmonia com a natureza.
Acesse a versão em PDF [aquí](#).
Boa leitura!



"Museu do Amanhã Três Anos"
O Museu do Amanhã chega ao seu terceiro ano com mais de 3,2 milhões de visitantes, uma marca histórica, resultado de um trabalho atenciosamente pensado para acolher o público de forma diversificada e inclusiva. Relembra!
Navegue pelo [livro](#) ou baixe a versão em PDF [aquí](#).



"Muito + que dois"
Dois anos de história, mais de dois milhões de visitantes. O livro relembra os principais momentos e atividades que marcaram o segundo ano do Museu.
Navegue pelo [livro](#) ou baixe a versão em PDF [aquí](#).



"O Amanhã é hoje"
O livro apresenta todas as atividades que foram realizadas durante o ano, alinhada aos nossos pilares éticos: sustentabilidade e convivência. Uma programação de qualidade que consolida a boa imagem do Museu, no Brasil e no mundo.
Navegue pelo [livro](#) ou baixe a versão em PDF [aquí](#).



"Pensando o Amanhã"
O Museu do Amanhã se fortaleceu como um espaço de discussões sobre biodiversidade, exploração espacial, qualidade de vida, Antropoceno, Zika, saneamento, mudanças climáticas, envelhecimento nas cidades e muito mais! O Livro "Pensando o Amanhã" reúne artigos sobre sustentabilidade e convivência.
Navegue pelo [livro](#) ou baixe a versão em PDF [aquí](#).



"Museu do Amanhã"
Já o livro "Museu do Amanhã" disponibiliza ao público todos os detalhes do percurso narrativo e curiosidades de como o projeto ganhou forma no Praça Mauá.
Navegue pelo [livro](#) ou baixe a versão em PDF [aquí](#).
Boa leitura!

RECIBA NOSSAS NOVIDADES

INSCREVA-SE

Até 09/12/22

Resultado: Projeto Vocações
Confira as selecionadas da chamada pública para desenvolver um podcast sobre a presença de mulheres brasileiras na ciência.

Até 31/12/22

Yoga no Museu do Amanhã
Tudo selado, inscreva-se e participe da nossa #YogaNoMuseu presencial!
Veja aqui a programação completa do Museu.

Fonte: [Museu do Amanhã \(museudoamanha.org.br\)](http://museudoamanha.org.br)

4.1.5. Casa da Ciência e Cultura – UFMS

Cabe ressaltar que alfabetização científica tem como berço o conceito de alfabetização de Paulo Freire:

[...] a alfabetização é mais que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio destas técnicas em termos conscientes. [...] Implica numa auto formação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto (FREIRE, 1981, p. 111).

Então, entendo que (MARANDINO, 2009) e (FREIRE, 1981), convergem no entendimento de que os cidadãos se aproximam da autonomia quando realizam o processo de análise crítica de uma situação, e esse entendimento só acontece ao concluir sua alfabetização e conseqüentemente conseguir realizar uma leitura ampla das temáticas que fazem parte da sociedade na qual estão inseridos.

Figura 27 – Página inicial Casa da Ciência e Cultura – UFMS

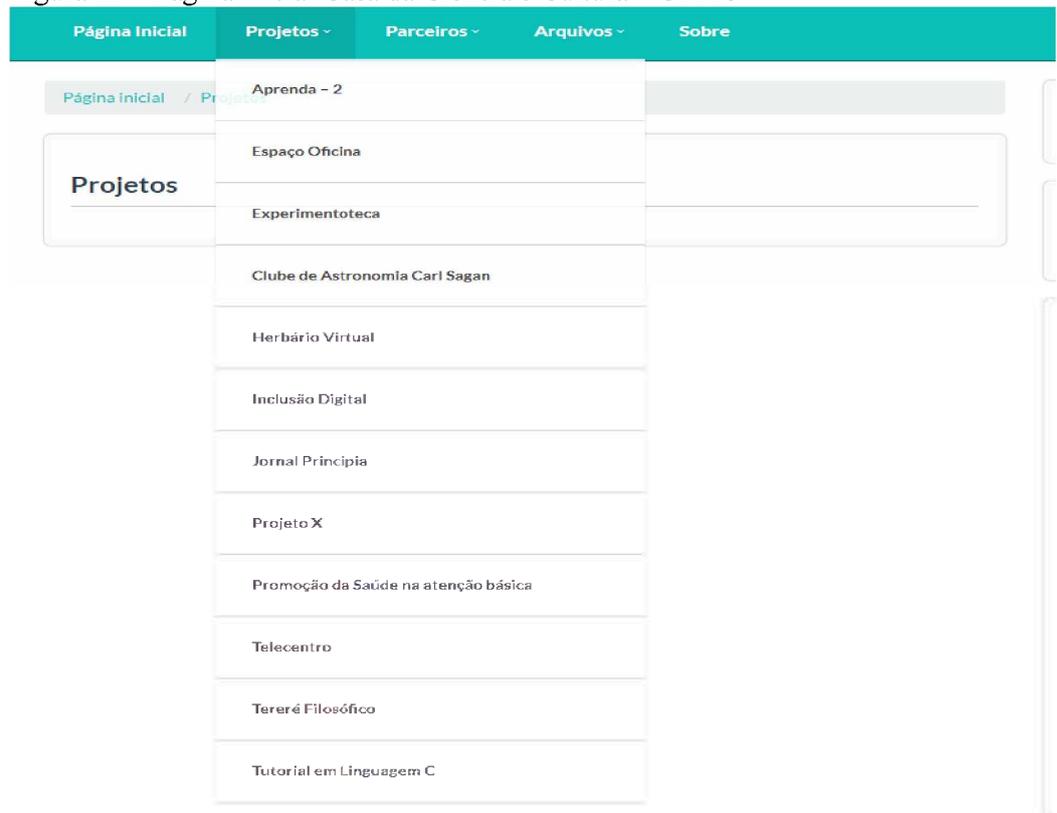


Fonte: [Página Inicial - Casa da Ciência \(ufms.br\)](http://ufms.br)

O cabeçalho da página principal apresenta o seguinte menu (primeira linha): Logomarca da Casa da Ciência e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. e das empresas patrocinadoras. Na segunda linha pode-se acessar: página inicial, projetos, parceiros, arquivos e sobre o museu. Logo abaixo, a logomarca da Casa da Ciência, os dizeres “bem-vindos”, projetos e últimas notícias. Do lado direito os links de acesso ao Facebook da instituição.

No link “Projetos” temos conforme a figura 19 temos em 12 projetos, são eles: Aprenda 2; Espaço Oficina; Experimentoteca; Clube de astronomia Carl Sagan; Herbário virtual; Inclusão Digital; Jornal Principia; Projeto X; Promoção da saúde na Educação Básica; Telecentro; Tereré Filosófico; Tutorial em linguagem C.

Figura 28 – Página inicial Casa da Ciência e Cultura – UFMS



Fonte: [Página Inicial - Casa da Ciência \(ufms.br\)](http://ufms.br)

No link “Parceiros”, são elencadas as parcerias da instituição e traz para cada parceiro, um texto explicativo.

Figura 29 – Página inicial Casa da Ciência e Cultura – UFMS



Fonte: [Página Inicial - Casa da Ciência \(ufms.br\)](http://ufms.br)

O menu “Arquivos” apresenta dois sub itens que ao serem acessados trazem arquivos, sugestão de filmes, material de formação sobre os temas Constelações Indígenas e Satélite Flinder SF-95.

Figura 30 – Página inicial Casa da Ciência e Cultura – UFMS

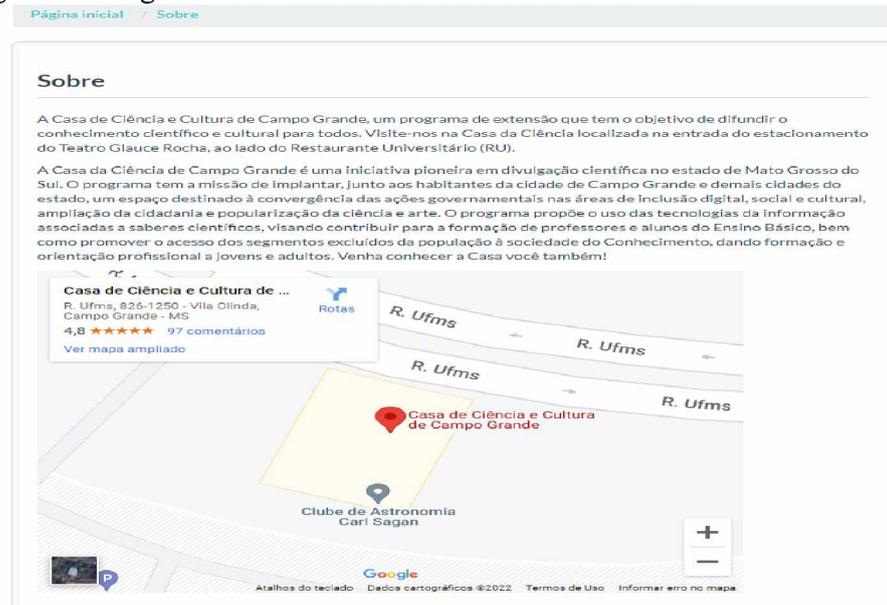


Fonte:

[Página Inicial - Casa da Ciência \(ufms.br\)](http://ufms.br)

A figura 31 mostra o menu “Sobre” com um texto afirmando que a Casa de Ciência e Cultura de Campo Grande é um programa de extensão que tem o objetivo de difundir o conhecimento científico e cultural para todos, além da localização no google maps.

Figura 31 – Página inicial Casa da Ciência e Cultura – UFMS



Fonte: [Página Inicial - Casa da Ciência \(ufms.br\)](http://Página Inicial - Casa da Ciência (ufms.br))

4.1.6. Museu Paraense Emílio Goeldi

Instituição de pesquisa fundada em 1866 na cidade de Belém (PA), onde mantém seu campus de pesquisa e o primeiro parque zoológico do país, conta com uma estação científica localizada na Floresta Nacional de Caxiuanã, no Marajó (PA), que funciona como um laboratório avançado sobre o funcionamento das florestas tropicais. Coordena o Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal (MT), a Rede de Núcleos de Inovação Tecnológica da Amazônia Oriental e o Programa de Pesquisa em Biodiversidade da Amazônia Oriental. Lidera investigações sobre a biodiversidade amazônica.

O museu tem como missão gerar e comunicar conhecimentos e tecnologias sobre a biodiversidade os sistemas naturais e os processos socioculturais relacionados à Amazônia.

Figura 32: Nuvem de palavras do Museu Paraense Emílio Goeldi



Fonte: criação da autora

A NP tem como destaque a “Amazônia”, levando a entender que os aspectos socioculturais, científicos, naturais, ligados a essa localidade são o foco das atividades desenvolvidas pela instituição. Percebe-se a presença das relações étnico raciais na missão descrita pelo museu: gerar e comunicar conhecimentos e tecnologias sobre a biodiversidade os sistemas naturais e os processos socioculturais relacionados à Amazônia. **Tais processos são a predominância de atividades relacionadas aos povos indígenas e populações ribeirinhas.**

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (2005):

Costumamos acreditar que em nossos contextos sociais e/ou teóricos a comunidade tradicional opõe-se a sociedades regionais mais modernas, mais amplas, mais diferenciadas; mais complexas, enfim. E foi justamente na vizinhança com este nome, sociedade complexa, que a sociedade tradicional parece ter surgido como um lugar social a ser “também” pesquisado (BRANDÃO, 2005, p. 347).

O endereço eletrônico do Museu de Ciência e Tecnologia, é Museu Paraense Emílio Goeldi — Português (Brasil) (www.gov.br) e, na primeira linha temos a logomarca do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, do museu e a informação destacada sobre os 155 anos da instituição.

Na terceira linha existem banners móveis que apresentam os destaques do site. Abaixo existe o menu pesquisa, formação e capacitação, difusão científica, coleções, visitação e inovação. A seguir o link Agência Museu Goeldi e os periódicos “boletins de Ciências Humanas, Naturais e Destaque Amazônia”.

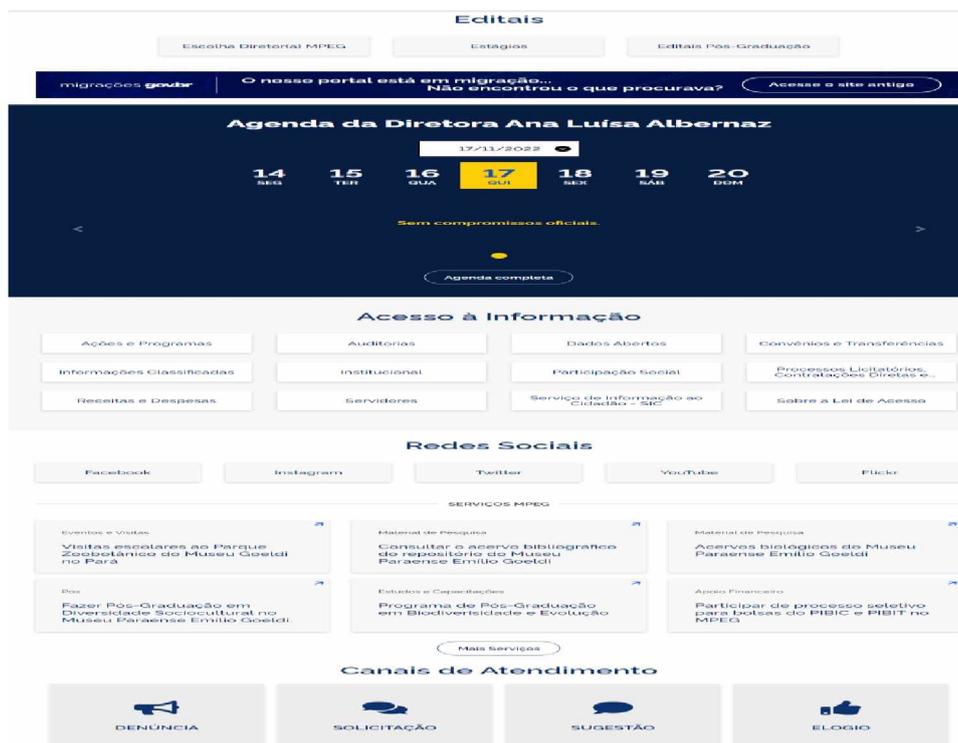
Figura 33 – Página inicial do Museu Paraense Emílio Goeldi



Fonte: Página Inicial – (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Logo abaixo do acesso aos periódicos, o visitante tem acesso aos editais, agenda da Diretora, acesso à informação, redes sociais e canais de atendimento.

Figura 34 – Página inicial do Museu Paraense Emílio Goeldi



Fonte: [Página Inicial - Casa da Ciência \(ufms.br\)](http://ufms.br)

No menu “Institucional”, o Museu Paraense Emílio Goeldi afirma ser uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação do Brasil. Está localizado na cidade de Belém, Estado do Pará, região amazônica.

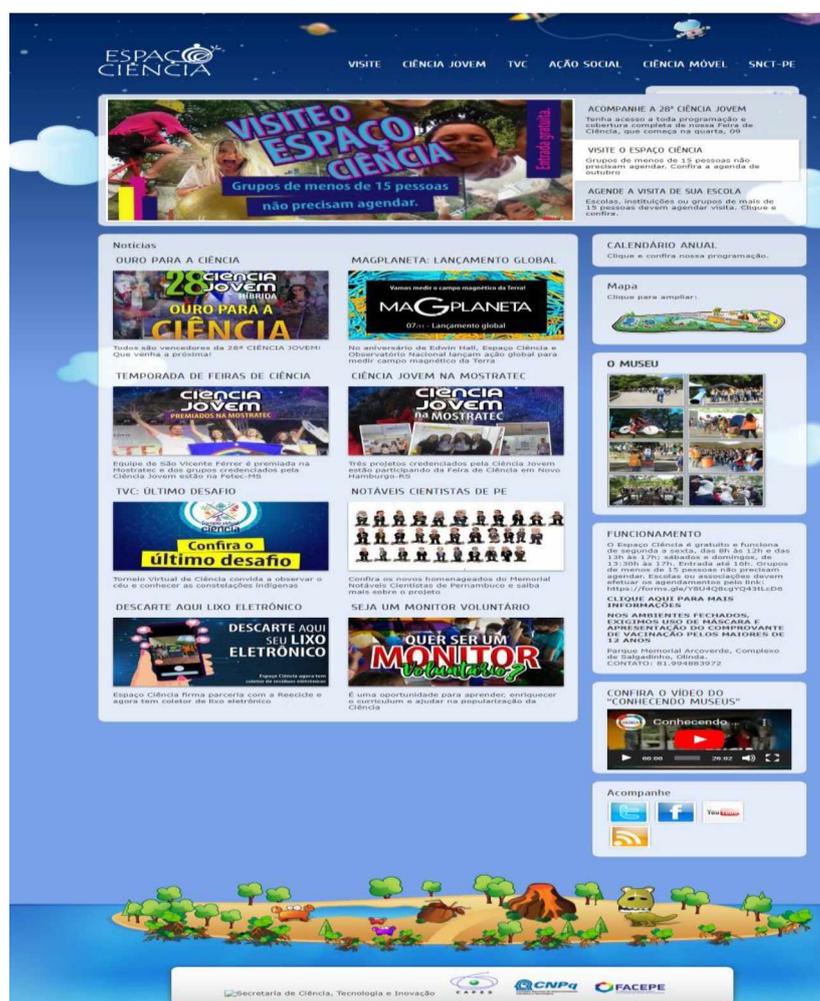
Desde sua fundação, em 1866, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região. Centro pioneiro nos estudos científicos dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimento, organização e manutenção de acervos de referência mundial relacionados à região. Investiga a Floresta Amazônica aglutinando dados das Ciências Humanas, Biológicas, Sociais e da Terra. É um dos mais antigos, maiores e populares museus brasileiros, e estimula a apreciação, apropriação e uso do conhecimento científico. Tem como missão: gerar e comunicar conhecimentos e tecnologias sobre a biodiversidade os sistemas naturais e os processos socioculturais relacionados à Amazônia. (MUSEU PARAENSE, 2022). São elencadas à medida em que clicamos, as pesquisas, bate-papo com pesquisadores, oficinas e projetos. Pode-se entender que dentro da missão do museu ao referir-se a “comunicar conhecimentos” poderia proporcionar uma discussão das relações étnico raciais. Isto porque de acordo com Brandão, 2015, p. 09 :

(...) passando do estigma identitário imposto "pelos que chegam", pessoas e grupos humanos indígenas, mestiços, quilombolas, habitantes de terras de sobra, reapresentam-se como senhores de direitos ancestrais. Direitos agora

que de maneira mais profunda somente o universo científico experimental é amplamente discutido.

A página inicial do Espaço Ciência (PE), traz a logomarca institucional, um menu composto de “visite, Ciência Jovem, TVC, Ação Social, Ciência Móvel, SNCT-PE”. Ao fundo temos o espaço azul celeste com uma astronauta ligado a sua nave, planetas,

Figura 36 – Página inicial do Espaço Ciência (PE)



Fonte: Espaço Ciência

A página inicial traz notícias, no centro e no lado direito: calendário anual, mapas, o museu, funcionamento, vídeos e as redes sociais.

No menu “Quem Somos”, a instituição afirma ter como objetivo popularizar a Ciência e apoiar o ensino. Afirma ser uma instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Pertence à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco. Clicando em “Ciência Móvel” temos os projetos itinerantes (ESPAÇO CIÊNCIA, 2022).

Figura 37 – Página inicial do Espaço Ciência (PE)

ESPAÇO CIÊNCIA

VISITE CIÊNCIA JOVEM TVC AÇÃO SOCIAL CIÊNCIA MÓVEL SNCT-PE

QUEM SOMOS

Conhecendo Museus | Episódio: ESPAÇO CIÊNCIA

Entrada gratuita

Horário de Funcionamento
 Segunda a sexta das 8h às 12h e das 13h às 17h
 Finais de semana das 13h30 às 17h
 Hora limite para a entrada: 16h00

Localização
 Parque Memorial Arcoverde, Complexo de Salgadinho, Olinda. A entrada do museu localiza-se no portal junto ao caranguejo gigante, no sentido Olinda-Recife.

Endereço
 Complexo de Salgadinho, Olinda
 Parque Memorial Arcoverde, Parque 2, sem número
 CEP: 53020-560
 Pernambuco, Brasil

Saiba mais sobre o Espaço Ciência, em artigo publicado na Revista Inovação, da Facepe:
[ACESSE AQUI](#)

CONFIRA ALGUMAS REPORTAGENS MAIS RECENTES SOBRE O MUSEU:

TV GLOBO
TV PERNAMBUCO
TV NOVA
TV GUARARAPES

Popularizar a ciência e apoiar o ensino são os objetivos centrais do ESPAÇO CIÊNCIA, uma instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento. Pertence à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco. Ocupando uma área de 120 mil m² entre as cidades de Recife e Olinda, combina exposições montadas em ambientes fechados com centenas de experimentos interativos a céu aberto. Possui também Planetário, Auditório, Anfiteatro, Hall de Exposições e Centro Educacional, além de um Manguzeiro de rara beleza e interesse científico, para contemplação, estudos e aprendizagens.

Conheça a equipe do Espaço Ciência

Confira a Galeria de Fotos

O Museu Espaço Ciência preserva, interpreta e promove o patrimônio científico da humanidade: mantém um acervo de experimentos; cria condições para a fruição, compreensão e promoção do patrimônio científico; trabalha em estreita cooperação com a comunidade a que serve; funciona de acordo com a legislação Brasileira e Internacional de Museus, sendo registrado na Plataforma MuseusBR, de mapeamento dos museus brasileiros, com o Código: 8.79.60.0299 e Nº SNIIC: ES-8907.

Sempre renova e inova com suas exposições e promove anualmente as concorridas Semanas Temáticas: Semana da Água, dos Povos Indígenas, dos Museus, da Energia, do Meio Ambiente, do Manguzeiro, da Astronomia, dentre outras. Coordena a SNCT – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em Pernambuco, sendo responsável por um expressivo número de atividades no país. Realiza há 28 anos a CIÊNCIA JOVEM, uma grande feira de ciências que reúne trabalhos de TODOS estados brasileiros, além de países da AL, com expressiva participação de escolas públicas. Promove o TORNEIO VIRTUAL DE CIÊNCIA, lançando desafios para que estudantes do ensino básico desenvolvam suas competências como pesquisadores.

Através de sua Ação Social, desenvolve os programas Círculo da Ciência e Gepetto para oferecer a jovens e adultos de baixa renda uma formação em informática, jardinagem e confecção de jogos e brinquedos educativos. Com centenas de matérias produzidas todo ano, o Espaço Ciência investe na divulgação científica nas redes sociais YouTube, Facebook, Instagram e Twitter. Com esse portfólio de atividades, o Espaço Ciência se destaca no cenário nacional e internacional, constituindo-se numa referência no campo dos centros e museus de ciência.

Faça um tour virtual e conheça cada uma das áreas. Clique nas áreas e exposições que quiser visitar:

Pavilhão de Exposições

Trilha Ecológica

Trilha das Descobertas:

- Área Água
- Área Movimento
- Área Percepção
- Área Terra
- Área Espaço

Exposições:

- Revolução dos Bichos
- História Química da Humanidade
- Minha Casa tem Ciência?
- Sala Maluca e Olhar de Escher

Fonte: [QUEM SOMOS | Espaco Ciência – Museu Interativo de Ciência de Pernambuco \(espacociencia.pe.gov.br\)](http://quem.somos | Espaco Ciencia – Museu Interativo de Ciência de Pernambuco (espacociencia.pe.gov.br))

Antes de passar para o próximo capítulo, vou buscar ancoragem nos estudos de Gill e Levidow (1989) para discutir a importância de manter alinhados os ensinamentos científicos experienciados nos Museus de Ciências e a discussão das relações étnico raciais. Os autores, organizaram o livro “*Anti-racist science teaching*”, porque nas escolas inglesas essa discussão não estava relacionada ao ensino de Ciências. Creio ser pertinente a opinião dos autores, visto estarmos direcionando uma lente de aumento nas ações de museus de ciências. Os autores afirmam que as causas dessa ausência era a dificuldade de professores e da equipe gestora em aplicar propostas que contemplassem a temática. Então, pode ser que esse obstáculo também possa existir dentro das instituições museais, visto que, estudantes

acompanhados de seus professores são o público que mais visitam grande parte dos museus de Ciências.

Entendo, que a colaboração desses autores está em afirmar a demanda em expor a política de educação científica analisando como o racismo permeia o ensino de Ciências e pode ser localizado num universo histórico social e econômico baseado na hierarquização racial. Gill e Levidow (1989) afirmam que ensinar Ciências sem a crítica necessária na Inglaterra contribuiu para a manutenção do racismo. Os autores estudam o ensino de Ciências nas escolas, porém, suas considerações são relevantes, haja vista que, os museus de Ciências apresentam aos estudantes visitantes um conhecimento científico alinhado com as experiências vivenciadas nos materiais pedagógicos escolares com nuances tecnológicas e experimentais diferenciadas.

Logo, Paulo Freire, 1996, p.11 em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, ao refletir sobre a educação como forma de intervenção no mundo afirma que:

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante (FREIRE, 1996, p. 11).

Enfim, durante a banca de qualificação, houve a sugestão de reduzirmos a quantidade de museus a serem analisados. Como critério para essa redução elegemos a divulgação de materiais e de ações que explicitamente abordassem as questões étnico-raciais. Para ratificar essa seleção passaremos a uma compilação das pistas localizadas nas NP dos seis museus sobre a discussão das relações étnico raciais.

De acordo com o parecer CNE/CP 003/2004 (BRASIL, 2004):

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente (BRASIL, 2004, p. 5).

Com base nesse parecer buscaremos pistas nas NPs dos seis museus. A **NP do Museu de Ciência e Tecnologia (PUCRS)** traz as palavras: curiosidade, missão, acervo, exposições, tecnologia, difundir, preservar, visitante, contribuindo, dentro outras de menor destaque. Podendo significar que o Museu se dedica à difusão do conhecimento científico e à preservação de um acervo sobre o tema. Entende-se que busca fornecer um ambiente em que todos possam explorar sua curiosidade

e aprender com o passado. Oferece a oportunidade de experimentar e compreender a ciência, a tecnologia, a história, a arte e a cultura. Com exposições interativas e programas educacionais, o museu de ciências incentiva o desenvolvimento de habilidades criativas e o pensamento crítico. O museu também apoia a pesquisa científica, fornecendo recursos e serviços que facilitam a descoberta e a inovação.

As pistas dessa NP não apontam para uma reflexão social / cultural sobre as relações étnico raciais, parece direcionar as ações da instituição para os aspectos científicos. Essa opção do museu também é um vestígio da predominância de processos de escolhas institucionais que não tem interesse em discutir essa temática. Nesse momento recorro a FREIRE, 1996, p. 67 quando afirma *que “o progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, sua significação.”* Podendo dar a entender que apresentar para os visitantes o conhecimento, inovações, tecnologias e experimentações científicas, teriam uma contribuição maior para a formação do cidadão se viessem acompanhados de reflexões sobre a eliminação das discriminações e emancipação dos grupos discriminados.

A **NP do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz** destaca as palavras “pesquisa, saúde, curiosidade, científica, educação, pensar, ciência, dentre outras” Um diferencial está no aparecimento dos termos “cultura, história, pensar e memória”. Esse “aparecimento” pode significar a disposição do museu em trazer na sua prática diária questões não somente de caráter científico, mas que contemplem o aspecto socio cultural dos indivíduos. Essa percepção da instituição, parece combinar com os estudos de Maria José Albuquerque da Silva e Maria Rejane Lima Brandim em seu livro “Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural”. Nele, as autoras definem o multiculturalismo como movimento teórico, com base nas práticas sociais que visam questionar as discriminações e preconceitos aos quais indivíduos ou grupos estão submetidos ou silenciados por conta de padrões definidos ou validados no contexto social no qual estão inseridos. O texto traz em sua centralidade, o respeito e a tolerância, como base para que as diferenças culturais sejam reconhecidas, não como expressão de inferioridade ou desigualdade, e sim como um modo de valorização de um universo diverso e plural. SILVA e BRANDIM, 2008, p. 63 afirmam que: *(...) a pluralidade só adquire significado quando está inserida numa política de crítica comprometida com a justiça e a transformação social.”*

Ainda me referindo a pensar ciência dentro de um contexto histórico social e cultural busco as palavras de Nilma Lino Gomes, 2012, p. 01 no artigo “Educação e Diversidade Cultural: refletindo sobre as diferentes presenças na escola para escavar pistas que a NP pode conter. A autora reitera que:

A diversidade cultural é muito mais complexa e multifacetada do que pensamos. Significa muito mais do que a apologia ao aspecto pluriétnico e pluricultural da nossa sociedade. Pela sua própria heterogeneidade, a diversidade cultural exige de nós um posicionamento crítico e político e um olhar mais ampliado que consiga abarcar os múltiplos recortes dentro de uma realidade culturalmente diversa (GOMES, 2012, P. 01).

Essa NP, devido aos substantivos de maior destaque estarem alinhados com uma face não apenas científica, apontando para um esse viés histórico social e cultural, acreditamos que ela, pode abarcar uma discussão sobre as relações étnico raciais.

A **NP do Museu do Amanhã**, dá mais ênfase para os termos: “perguntas, amanhã, diferente, futuro, explorações, mudanças, museu, cidadãos, construção, ciência”, dentre outras. Observando a NP percebemos a preocupação da instituição com o futuro, questionamentos, caminhos e ideias diferentes que possam se constituir em mudanças. Por isso, entendemos que o caráter científico é predominante e os poucos termos que podem se referir ao sujeito cultural social são diluídos dentro de uma prática científica que também denota um fator que poderia contribuir para o silenciamento sobre nosso objeto de estudo.

Da **NP da Casa da Ciência e Cultura (UFMS)** podemos inferir que a Ciência e o conhecimento científico são o foco da instituição. O interessante aqui, é o aparecimento dos substantivos “cultural, excluídos e inclusão”. O museu trata principalmente das questões sobre o conhecimento científico e cultural, porém, parece estar focado na Ciência em si e não nas implicações sociais, culturais dos cidadãos, ou seja, o saber pode estar ancorado no nível científico e “exclusão ou inclusão” não são necessariamente observados do patamar cultural.

Na **NP do Museu Paraense Emílio Goeldi** tem como destaque a “Amazônia”, levando a entender que os aspectos socioculturais, científicos, naturais, ligados a essa localidade são o foco das atividades desenvolvidas pela instituição. Percebe-se a presença das relações étnico raciais na missão descrita pelo museu: gerar e comunicar conhecimentos e tecnologias sobre a biodiversidade os sistemas naturais e os processos socioculturais relacionados à Amazônia. Tais processos são a predominância de atividades relacionadas aos povos indígenas e populações ribeirinhas. Deixa evidente a preocupação com as relações étnico raciais dos povos indígenas com toda a diversidade de populações no seu entorno e os impactos causados à cultura, natureza e vivência desses povos.

Nesse momento, desenvolver o conceito de “colonialidade” proposto por Luciana Ballestrini, 2013, pode colaborar para o entendimento da situação dos indígenas brasileiros. A autora afirma que ela é uma forma imperativa de manejo de recursos, mão de obra, capital e conhecimento, restritos a uma relação de poder planejada pelo mercado capitalista. E ela,

continua presente na atualidade, nos discursos (re)produzidos na sociedade. Dessa maneira, configura-se pela constância da multiplicação das diferenças expressas nas relações de poder.

Carvalho (2001), assevera que a colonialidade está em exercer o poder identificando os povos observando características fenotípicas impostos pela predominância das estruturas ocidentais dominantes. Ele afirma:

O subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. No momento em que o subalterno se entrega, tão somente, às mediações da representação de sua condição, torna-se um objeto nas mãos de seu procurador no circuito econômico e de poder e com isso não se subjetiva plenamente. (CARVALHO, 2001, P. 120)

Todavia, apoiando-nos nos estudos de Catherine Walsh (2017), Aníbal Quijano (2014), Enrique Dussel (2016), Edgard Lander (2005), Nelson Maldonado-Torres (2007), Ramon Grosfoguel (2011), Santiago Castro Gomez (2005), Walter Mignolo (2010), Maria Lugones (2014), Nilma Lino Gomez (2018) dentre outros, tratando da decolonialidade, conseguimos consolidar expectativas que valorizem a produção de conhecimentos, principalmente nos aspectos histórico-educacionais que notabilizem as formas múltiplas de ser, saber e fazer de acordo com as experiências vivenciadas pelos mais diversos grupos sociais.

Pressuponho que a desconstrução das narrativas hegemônicas perpetuadas durante grande parte da história da humanidade, sejam enfim, por meio dos estudos decoloniais, capazes de restaurar as vozes e as identidades dos grupos silenciados pela colonização.

A NP do Espaço Ciência (PE) indica a intenção de popularizar e apoiar a “Ciência”, utilizando para isso, exposições. Ensino, tecnologia, educacional, inovação, público, sociedade, desenvolvimento, também aparecem em destaque. Os substantivos em destaque parecem apontar para a possibilidade de uma aproximação do público com a experiência científica. Essa abordagem pode significar que os contextos sociais não são abordados de maneira relevante e que de maneira mais profunda somente o universo científico experimental é amplamente discutido.

Esse “jeito” de popularizar a Ciência pode em algum momento, servir para uma apropriação acrítica dos conhecimentos propostos pelo museu. Essa abordagem um pouco desconectada do viés cultural pode conduzir o visitante a fixar seu olhar somente nos aspectos científicos, sem perceber os silenciamentos que possam estar ocultos por diversas razões nos materiais com os quais tenha contato.

Como nos diz Nilma Lino Gomes, 1999, p. 02.:

(...) a diversidade cultural não diz respeito apenas ao reconhecimento do outro. Significa pensar a relação entre o eu e o outro. Aí está o encantamento da discussão sobre a diversidade. Ao considerarmos o outro, o diferente, não

deixamos de focar a atenção sobre o nosso grupo, a nossa história, o nosso povo. Ou seja, falamos o tempo inteiro em semelhanças e diferenças (GOMES, 1999, p. 02).

Entendo que não abordar as perspectivas culturais, enfatizando os conhecimentos científicos também é uma forma de perpetuar as diferenças e diluir a discussão sobre as relações étnico raciais. Assim, revisando a literatura e comparando as NP dos museus excluímos três e analisaremos três: Museus da Vida da Fundação Oswaldo Cruz, Museu Espaço Ciência (PE) e Museu Paraense Emílio Goeldi.

5 TRÊS MUSEUS: DIÁLOGOS, SIGNIFICADOS E SABERES (RE)PRODUZIDOS

Esta seção apresenta a análise-descritiva dos três museus selecionados a partir da amostra inicial por nós detalhada no capítulo anterior. Buscaremos nos materiais pedagógicos para professores e comunidade, nas NP, conteúdos e materiais de divulgação e publicações direcionadas explicitamente para as questões étnico raciais encontrar rastros ou materialidades que possibilitem responder à questão da pesquisa e aos objetivos propostos.

5.1- Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

O menu **Educação**, disponível na página do Museu da Vida, permite que a /o internauta acesse o caminho **Publicações**. Nele, estão disponíveis os seguintes submenus **livros** – **multimídias** – **sites** – **relatórios**. A partir das informações disponíveis em cada um dele, organizamos as tabelas A e B que seguem.

Tabela A: Títulos de livros disponíveis na página eletrônica do Museu da Vida/Fiocruz

| Livros | |
|--|---|
| ❖ Quando o museu vai à favela, e quando a favela vai ao museu (Grupo de Ações Territorializadas) | Vida ❖ A caminhada do Geapi no Museu da |
| ❖ Costa Lima: um Cientista, um laboratório e uma coleção de insetos | ❖ Projeto Arte e Saúde para Público Infantil - volumes 1 e 2 |
| ❖ Os Mensageiros das Estrelas | ❖ Educação museal e acessibilidade |
| ❖ Culturas Estelares | ❖ Nos Trilhos da Ciência |
| ❖ Viagem ao Universo em 88 Constelações | Vida ❖ Ciência em cena: teatro no Museu da |
| ❖ Colorir O Universo em 88 Constelações | ❖ Cadernos Museu da Vida: viajando com o ciência móvel |
| ❖ Aedesnovela: contando histórias com ImaginAção | ❖ Plano Museológico do Museu da Vida |
| ❖ Política educacional do Museu da Vida | ❖ Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2015, 2009, 2013 |
| ❖ Memórias do curso de formação de monitores do Museu da Vida COC - Fiocruz | ❖ Museu da vida - ciência e arte em Manguinhos |

Fonte: Página eletrônica do Museu da Vida/Fiocruz. Elaborado pela autora.

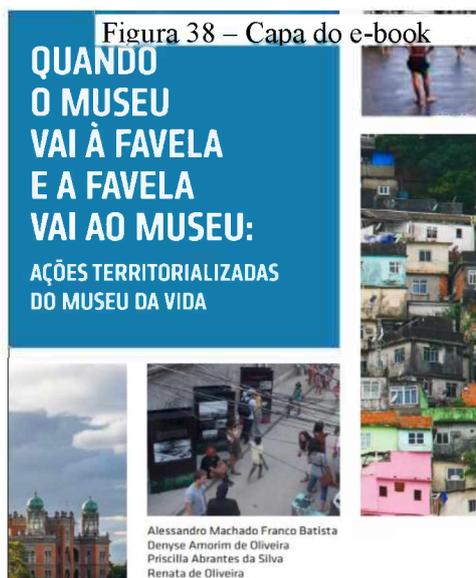
Na sequência apresentamos a Tabela B.

Tabela B: Lista de multimídia, sites e relatórios disponíveis na página eletrônica do Museu da Vida/FIOCRUZ

| Multimidia | Sites | Relatórios |
|--|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ✓ Arte & Saúde Para o Público Infantil: Jogos e materiais interativos ✓ Os Mensageiros das Estrelas (jogos e posters interativos) ✓ Rádio Electron - programa de rádio de bate-papo ✓ Depoimentos de divulgadores da ciência no Brasil (CD-ROM) ✓ Amor e Sexo: mitos, verdades e fantasias (filmes do Canal Saúde/Fiocruz, pôsteres, história em quadrinhos, panfletos, revista virtual) ✓ Biossegurança em Laboratório (jogo) ✓ Camundongo: que bicho é esse? (PDF) | <ul style="list-style-type: none"> ✚ Brasiliana – história da divulgação científica no Brasil ✚ Explorador – blog com dicas de exposições, filmes, jogos, ... ✚ Invivo - espaço virtual de caráter interativo ✚ Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia - rede de museus do Rio de Janeiro | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Relatório Museu da Vida: Gestão agosto 2009 - julho 2013 ✓ Relatório Museu da Vida: Gestão julho de 2013 a junho de 2017 |

Fonte: Página eletrônica do Museu da Vida/Fiocruz. Elaborado pela autora.

Das publicações listadas, selecionamos o e-book “Quando o museu vai à favela, e quando



Fonte: Batista, Alessandro Machado Franco et. al. **Quando o museu vai à favela e a favela vai ao museu: Ações territorializadas do Museu da Vida**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa Oswaldo Cruz, 2021. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/images/Publicacoes_Educacao/PDFs/Quando_o_museu_vai_a_favela_e_a_favela_vai_ao_museu.pdf

a favela vai ao museu (Grupo de Ações Territorializadas)”. O que nos conduziu a esta seleção, num primeiro momento foi a desconfiança provocada pelos termos “favela” e “ações territorializadas”, presentes no título. A desconfiança emerge em razão da informação que temos de que, no Brasil, o termo favela é tomado como lugar/espaço marcado pelas vulnerabilidades em que vivem um conjunto de pessoas, dentre elas, àquelas relativas às questões étnico-raciais. E, o termo “ações desterritorializadas” nos remeteram a ações que visam ao diálogo com pertencimentos múltiplos em um dado território. Assim, desconfiamos da intenção da Fiocruz/Museu da Vida na busca por estes diálogos com populações que vivem em situações de vulnerabilidades e que, nelas, produzem outras ações; reagem às vulnerabilizações. Pelas informações que já havíamos localizado da Fiocruz/Museu da Vida, seguimos a pista e mergulhamos no livro.

A capa do *e-book* é composta por 5 imagens que descrevemos da seguinte maneira:

- ✓ a primeira, contém o título do livro, posicionada em um quadro de fundo de tom azul e letras com cor de fonte branca, no alto da capa à esquerda, ocupando metade da altura da capa e, aproximadamente, 80 % da sua largura.

- ✓ baixo da imagem do título do livro, estão dispostas duas imagens: uma à esquerda contendo a fotografia do prédio da Fiocruz, outra no centro, com pessoas, em primeiro, segundo e terceiro planos conversando, ao lado do que parece ser painéis de uma exposição a céu aberto. A imagem produz a sensação de que a fotografia mostra a cena de uma exposição em uma rua de uma cidade – a calçada, a faixa disposta sobre as pessoas, painéis e calçada.

- ✓ Localizadas à direita do título do *e-book*, na outra porção de 20% da capa, estão dispostas duas outras imagens:

- a primeira, bem alinhada ao topo da capa, mostra garotos (é o que as relações de sociabilidades nos dizem) vestidos com bermudas e sem camisas dispostos no que nos parece uma rua (inferência resultante do calçamento, postes, automóveis). Em primeiro plano aparece um garoto com mãos nos quadris, de pé, vestindo bermuda preta com detalhe verde, em posição que observa algo à sua esquerda, e, à sua frente aparecem 5 garotos ao lado do que inferimos ser um carro de transporte escolar, uma cena que nos parece ser um jogo de bola (futebol). Um dos garotos da imagem aparece de costas, em posição que permite a inferência de que ele está movimentando uma bola de futebol. Após este último garoto, a imagem apresenta construções de um lado e do outro da rua, e, nas laterais e linha de prosseguimento da rua, há árvores.

- A segunda imagem, posicionada na lateral direita da capa, abaixo da imagem dos garotos que acabamos de descrever, apresenta construções de casas, em plano elevado, similar a imagens de construções em favelas do Rio de Janeiro que circula, por exemplo, em canais de TV aberta. A imagem mostra construções com paredes em cores variadas: branca acizentada, verde, azul, rosa. As imagens carregam representações do território onde se insere o Museu da Vida. Abaixo de todas as imagens, centralizado, consta os nomes do autor e das autoras do livro e as logomarcas das instituições.

A descrição das imagens nos permite constatar a relação entre título do livro e configuração gráfico-imagética do território, da instituição, do tipo de moradia e de pessoas

com traços, que permitem a inferência, de serem moradoras e moradores da favela. Não localizamos pessoas nas imagens com traços que permitam a inferência/reconhecimento de serem profissionais do Museu da Vida.

No prefácio do *e-book*, o Professor Daniel Pinha Silva, do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro assim se refere a publicação: “[...] reforça a tradição da Fundação Oswaldo Cruz no sentido de promover o direito à saúde como forma de garantir qualidade de vida da população brasileira e uma ciência eticamente orientada para a qualidade de vida e o desenvolvimento social” (BATISTA, et. al., 2021, p. 5). Para ele o ebook e as Ações Territorializadas (AT) realizadas no interior do Museu da Vida, revela os esforços da “[...] defesa do Sistema Único de Saúde, da democracia e da cidadania ampla como valores centrais, trazendo para primeiro plano a redução das desigualdades sociais e suas diversas formas de reprodução”. Além disso, o historiador assinala que o ebook reúne experiências que “[...] versam sobre a atuação em projetos voltados a um público socialmente vulnerável às desigualdades, submetidos as mais diversas condições de violência: este é o público das favelas e periferias” (BATISTA, et. al., 2021, p. 5). Um público tratado como sujeitos políticos e co-autores de ações territorializadas.

As ações territorializadas revelam o propósito de pensar o futuro a partir de um novo quadro de referências, capazes de partilhar valores fundamentais ao modelo democrático, como o direito à vida, e à vida digna, contemplando potenciais humanos associados ao mundo da arte, da cultura, da produção do conhecimento, da reflexão sobre a cidade e o meio ambiente (BATISTA, et. al., 2021, p. 5).

Acerca destas ações, ainda no prefácio do *e-book*, localizamos a defesa construída por Marcos José Pinheiro, sobre a noção de território. Ele afirma que em contraposição à noção de entorno, “[...] a noção de território pressupõe que, sendo todos parte de um lugar, embora diversos e singulares, compartilhamos e construímos conjuntamente histórias, memórias, problemas e soluções” (BATISTA, et. al., 2021, p. 5). Nesse sentido, entendemos aí existir alguma preocupação institucional com os agrupamentos humanos do território em o Museu se situa. A partir da leitura do livro “Quando o museu vai a favela e a favela vai ao museu” que faz parte das ações territorializadas do Museu da Vida, localizamos algumas passagens que explicitam a discussão étnico-racial.

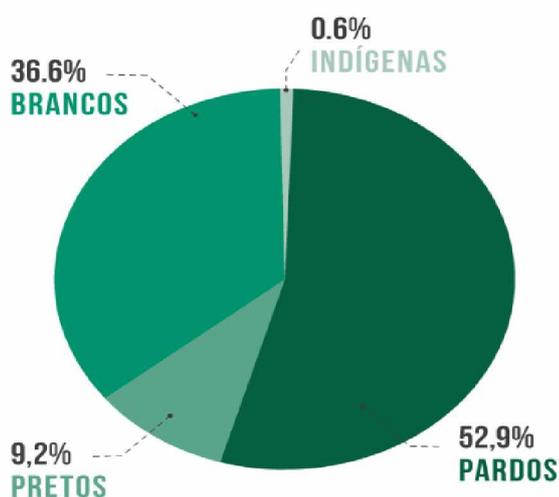
De acordo com os organizadores do Censo Populacional da Maré (2019), a abordagem sob a perspectiva étnico racial, é importante para que se possa compreender as condições de vidas dos moradores das regiões mais populares. Conforme os dados deste censo, 62, 1% dos moradores foram declarados como pretos ou pardos; há predomínio de pessoas pardas (49,7%) em relação a pessoas brancas (37,6%). O censo destaca que, na ordem, em todas as

comunidades da Maré, a predominância é de pessoas pardas – brancas – pretas. O Censo, efetuado em 2019, “[...] é uma iniciativa da Redes da Maré, articulada em seu eixo de trabalho denominado Desenvolvimento Territorial” (REDES DA MARÉ, 2019, p.8).

Realizado em parceria com o Observatório de Favelas, teve o apoio das 16 associações de moradores locais e outras organizações sociais importantes de outros espaços da cidade. A Redes da Maré é uma instituição da sociedade civil que tem como território de atuação o conjunto das 16 favelas da Maré, onde residem cerca de 140 mil pessoas. Fundada por moradores da Maré, tem como missão elaborar projetos estruturantes que em médio e longo prazo modifiquem os indicadores sociais e de violência da região, contribuindo, dessa maneira, para a melhoria da qualidade de vida de seus moradores (REDES DA MARÉ, 2019, p.8).

O gráfico 5 mostra a distribuição étnico-racial dos/das moradores/as da Maré.

Gráfico 5: Perfil étnico-racial dos moradores da Maré



Fonte: Censo Populacional da Maré (REDES DA MARÉ, 2019).

A questão étnico-racial, e aquilo que podemos considerar como elementos de uma educação antirracista, tem presença explícita no segundo capítulo - intitulado “Caminhos formativos: experiências de popularização e divulgação da ciência com favelas e periferias”. Nele são descritas as estratégias voltadas à jovens moradores dos territórios, e, o Museu da Vida defende que a cada experiência formativa, interna ou externa, sua base conceitual pode ser consolidada e retroalimentada, incorporando “[...] conceitos como o debate da negritude e da diversidade sexual”. A partir dessa perspectiva pode-se entender que há uma intenção explícita da instituição de levar aos territórios, leia-se, favelas, a discussão étnico-racial, e, com isso, colaborar e partilhar saberes. Ao fazer isso a instituição contribui para o desenvolvimento de formação sobre as relações étnico-raciais no dia a dia das pessoas, e, no dia a dia do museu.

André Cruz, ex-bolsista do Programa de Ações Territorializadas concedeu uma entrevista que consta do e-book na página 51, onde afirma que a divulgação e popularização da ciência precisa estar comprometida com o seu público. Os assuntos que são tratados em espaços elitizados precisam chegar nos territórios de vivência das pessoas - nas favelas. A divulgação e popularização da ciência ajuda a desmistificar assuntos antes tratados apenas por pessoas com nível de escolaridade mais alto. Os jovens estudantes dos territórios abrangidos por esse programa têm a oportunidade de conhecer temáticas do campo científico e perceber que seus locais de vivência podem ser potencializados pelos conhecimentos e experiências de seus moradores. Pode ocorrer também o entendimento de que seus territórios são impactados pelas ações e decisões tomadas a partir do estudo de determinados temas. Daí a importância da divulgação e popularização da ciência, visto que ela possibilita a formação dos espaços e pode refletir positivamente na vida das pessoas.

Em um depoimento, a ex-bolsista do Programa de Ações Territorializadas da Fiocruz, Feliciano Edmara, constante de um vídeo, cujo acesso é disponibilizado na página 59 do e-book, fala da importância da participação e das oportunidades propiciadas para as pessoas pretas moradoras das favelas pelas AT/MV. No depoimento, Feliciano relata sobre a melhoria da sua autoestima e das novas possibilidades que ela obteve a partir da participação no curso pró-cultural. Podemos inferir da fala da ex-bolsista, que sua participação trouxe novas perspectivas de crescimento individual e principalmente a possibilidade de passar adiante as informações e conhecimentos alcançados e alavancar o crescimento de seus pares.

Na mesma linha de discussão, na página 66 do *ebook*, o relato sobre o modo como a equipe de AT organiza, o módulo sobre “Historicidade, Território e Identidade” dentro do Programa de iniciação a Produção Cultural em Divulgação Científica do Museu da Vida, e, nele, como aponta para os/as moradores/as como *sujeitos de ação histórica* e como acionam o movimento negro em atividades. Assim lemos:

Desde o início havia a intencionalidade de que esses jovens se percebessem como sujeitos de ação histórica. Por isso, **sempre tentamos falar com os movimentos sociais organizados, mas também que eles entendessem a pluralidade de pensamentos**. Muitos desses jovens são evangélicos, têm uma formação religiosa forte. Mas o que acontecia, de modo geral, era um amplo debate, com a participação intensa dos jovens e, em alguns, mudanças de postura sobre diversos temas. **Promovíamos entre outros temas o debate sobre o racismo mobilizando militantes do movimento negro para falarem com os jovens e realizarem atividades**. Desde o primeiro ano trabalhamos também com o debate LGBTIQA+ contando com o apoio da coordenadora da Conexão G, da Maré, nos dois primeiros anos (BATISTA, et. al., 2021, p.66).

Extraímos da página 148 um trecho que se refere ao tipo de movimento realizado, no contexto da Pandemia da Covid 19, pelo Museu da Vida, via AT, acionando saberes populares com saberes científicos no encontro com as populações de favelas e periferias.

[...] **encontro com as populações de favelas e periferias em seus territórios**, ao mesmo tempo que **promove a ocupação do espaço público institucional da cultura e da ciência**, por essa mesma população historicamente excluída desses espaços. Se apresenta como elemento de convergência entre os saberes populares, e os saberes científicos, a ciência produzida em seus espaços consagrados na sociedade, pelo seu corpo de pesquisadores profissionais. Quando esse diálogo “vivo” ocorre, as transformações sociais se colocam em curso, pois **os atores sociais da favela se transformam, mas também os ambientes de produção da ciência**, a própria ciência se transforma e com eles o próprio fazer de popularizar a ciência se refaz de forma constante (BATISTA, et. al., 2021, p.148, grifos nossos).

A aposta na relação cultura e ciência a partir das populações do território é apontada como elemento de convergência entre formas de saberes constituídos por bases explicativas próprias. Há também uma sinalização para transformações sociais ocorridas nos atores sociais da favela, no ambiente de produção da ciência, na própria ciência e o “[...] próprio fazer de popularizar a ciência se refaz de forma constante” (BATISTA, et. al., 2021, p.148).

Na página 154 é descrita outra proposta desenvolvida pela equipe de AT com a temática negritude. Ocorrida entre 2020 e 2021, a proposta foi realizada por meio de encontros virtuais, no módulo “Historicidade, Identidade e Território” do curso do Pró-Cultural, do Museu da Vida. (BATISTA, et. al., 2021), no período da pandemia da Covid-19.

O ebook apresenta, ao final um conjunto de referências bibliográficas¹⁵, e, dentre as obras referenciadas, estão citadas publicações de autoras e de autores negras e negros como: Ângela Davis, Celeste Estrela, Lélia Gonzalez, Jurema Werneck, Kabengele Munanga. São referências que permitem a formação e discussão em torno do debate étnico-racial, do racismo, do preconceito e da discriminação na sociedade não apenas brasileira. Não localizamos, de modo explícito, nenhuma referência que discuta a relação ciência e questões étnico-raciais ou museus e questões étnico-raciais.

¹⁵ Compendo as referências estão as seguintes obras: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016; ESTRELA, Celeste. **Coroação Preta**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2020; GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, M. T. (org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982; GONZALEZ, Lélia. O terror nosso de cada dia. **Raça & Classe**, Brasília, DF, ano 1, n. 2, p. 8, ago./set. 1987; MUNANGA, Kabengele. (org). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005 e WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/123044>. Acesso em: 25 out. 2021.

A publicação apresenta um conjunto de ações que visaram ao desenvolvimento de projetos e atividades que promovessem o acesso de toda a comunidade a conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais, por meio de reflexões e debates sobre questões relativas à saúde, meio ambiente e educação. Além disso, algumas ações territoriais descritas tiveram como objetivo a preservação da memória histórica local, fortalecendo a identidade cultural¹⁶ e a percepção de pertencimento dos moradores dos territórios.

Segundo Stuart Hall (1997), Kethryn Woodward (2000) e Tomaz Tadeu da Silva (2000) a identidade cultural não é autorreferencial como se pensava, ela é, pelo contrário, relacional. Nasce e se desenvolve na relação com o outro. Quando o museu vai a favela, conseqüentemente a favela vai ao museu. Esse círculo virtuoso colabora com o fortalecimento da identidade grupal e pode possibilitar a processos de uma educação antirracista.

Outra publicação que tomamos para análise trata-se do documento “A Política Educacional do Museu da Vida”. Decidimos investigar esse documento para saber se nele constavam referências sobre uma política institucional (anti) racista. Na página 3 do documento, item apresentação, após a menção de que o documento é resultado de trabalho coletivo e da composição de outras publicações da Instituição, está apontado para o conjunto de normativas e políticas de Museus no Brasil. Dessa maneira, o texto aponta como marcas do fortalecimento de produção de políticas públicas de cultura a criação da Política Nacional de Museus (2003); do Sistema Brasileiro de Museus (2004) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2009. Além disso, assinala para a elaboração e publicação do Plano Nacional Setorial de Museus (2010), do Programa Nacional de Educação Museal (2012), do Estatuto de Museus (2013) e para o lançamento da Política Nacional de Educação Museal em 2017. No âmbito destas produções e ações, o Museu da Vida apresenta a sua Política Educacional com a intenção de que esta seja “[...] uma ferramenta de uso permanente para ações de cunho transformador de nosso espaço museológico e daqueles que o acessam” (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021, p. 3). Este espaço e as pessoas que o acessam são indicadas como pertencentes a um contexto histórico e socioambiental com características particulares. Para indicar o contexto, a instituição faz menção “[...]a conjuntura histórica em que escrevemos este documento, no período de 2016 a 2018, quando nosso país enfrentava intensas transformações econômicas e políticas que tiveram influência direta nos campos da cultura, da educação, das ciências e da saúde”, e, assim assevera:

¹⁶ Pêrsio Santos de Oliveira (2001, p.139) afirma que a identidade cultural seria uma espécie de “sentimento de pertencimento”.

Importante ressaltar que, dentro de uma década (2010-2020), partimos do que se caracterizou como um período histórico de abertura de espaços democráticos e de consolidação de políticas públicas de interesse popular, fruto de debates em torno da ampliação de direitos e da inclusão em todas as suas dimensões – racial, acessibilidade, de gênero – para um avanço conservador e orientações políticas que contrastam com os preceitos laicos da Constituição de 1988 (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021, p. 3).

A posição e leitura do contexto expresso na apresentação do documento da Política Educacional do MV aponta para os antagonismos vividos por nós, brasileiros e brasileiras, no interstício das décadas de 2010 a 2020. Saímos de um período histórico de abertura democrática e de consolidação de políticas de interesse e de participação popular envolvendo a ampliação de direitos e da inclusão racial, de acessibilidade e de gênero para um período de “[...] avanço conservador e orientações políticas que contrastam com os preceitos laicos da Constituição de 1988”. Neste sentido, defendemos que há uma demarcação de postura política da instituição e uma manifestação evidente da defesa de uma educação democrática e de caráter emancipatório. Nossa defesa é sustentada na passagem que segue:

Trabalhamos com a concepção do Museu como fórum de debates, lugar de construção de conhecimentos, memórias e reflexões sobre a ciência, cultura e formação social, com ênfase no campo da saúde. Dessa forma, o documento reflete escolhas priorizadas para que o trabalho realizado pelo Museu reforce a trajetória da Fiocruz de compromisso com a saúde e de apoio ao SUS por meio da materialização de ações educativas emancipatórias. Está organizado a partir de uma contextualização histórica que traça o panorama do surgimento deste Museu e um conjunto de elementos – princípios, diretrizes e fundamentos – que são a base para o planejamento e a proposição do programa educativo (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021, p. 3).

O museu é apresentado como “[...] como fórum de debates, lugar de construção de conhecimentos, memórias e reflexões sobre a ciência, cultura e formação social [...]” um meio de desenvolvimento social. Tal acepção de museu concorre com as perspectivas de autores e autoras como Nora (1993), Hagas (2005) e Marandino (2001) entre outros/as que referenciamos em seção anterior. Ele pode ser usado como meio para promover a inclusão social, a diversidade cultural, a preservação de patrimônios culturais e históricos, e a educação ao mesmo tempo. A importância de que museus trabalhem para criar programas em conexão com as populações, particularmente, aquelas mais vulnerabilizadas, assenta-se na defesa política de que estas são instituições educativas, financiadas pelo poder público, que tem a função de democratizar, via divulgação científica, a cultura e a ciência.

Observamos que o Museu da Vida, ao desenvolver ações que intentam melhorar e promover o desenvolvimento social, ele inclui o desenvolvimento de projetos de educação, o apoio a programas de conservação do patrimônio, o desenvolvimento de programas de interação entre o museu e a comunidade, e o desenvolvimento de programas voltados para a diversidade

cultural, as dimensões de étnicas, de gênero e de classe social. Dessa maneira, atende ao disposto na **Lei** Nº 11.904, de 14 de janeiro de **2009** que assim determina em seu artigo 29:

Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação (BRASIL, 2009).

Na esteira do apontado, localizamos na introdução do documento os fundamentos com os quais o MV se compromete no delineamento de sua política educacional: Historicidade e construção social do conhecimento; Ciência, sociedade e educação; Função social e educativa dos museus; Mediação cultural e humana; Educação museal e patrimônio cultural; Promoção da saúde e qualidade de vida; Museu e território; Acessibilidade em espaços culturais. Sendo assim, o documento ao qual nos referimos pode ser um importante instrumento facilitador de diálogos com os grupos sociais e produtor de processos educativos para que os sujeitos consigam atribuir significado às práticas sociais questionando sua situação.

Reafirmando a importância da noção de território, o documento assinala para o fato de que o Museu da Vida se situa no *campus* Manguinhos da Fiocruz, fazendo parte de um território na cidade do Rio de Janeiro onde há um conjunto de favelas – Manguinhos, Maré, Jacarezinho e Complexo do Alemão. Fazendo menção ao trabalho de Cavallieri e Vial (2012) assinala que juntas estas favelas totalizam mais de 200 mil pessoas.

Assim as favelas são submetidas a essa produção territorializada de diferentes formas de violências que, além das situações de sofrimento por violação material ou física, manifestam-se nas situações de racismo e criminalização da pobreza, seja por iniciativas individuais ou institucionais. Nesse contexto, são denunciadas pelos movimentos sociais populares as políticas de extermínio que atingem principalmente os jovens negros, vítimas também da escassa oportunidade de acesso a escolas de qualidade, a aparelhos de cultura e lazer, aos serviços de saúde de qualidade, o que resulta em situações de revolta, marginalidade, encarceramento e alto índice de mortes. Como regra geral desse processo, na maioria das vezes essas situações são naturalizadas e invisibilizadas (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021, p. 45).

O documento destaca ainda que

O acúmulo das diversas formas de violência torna as populações de favelas mais vulneráveis, embora desenvolvam, por outro lado, mais que quaisquer outros cidadãos, estratégias de resistência, bem como práticas de luta e de buscas de transformação das estruturas de opressão. Essas populações e o próprio serviço público, nesses locais, muitas vezes se organizam em redes de proteção cujos elos se expressam nos diversos movimentos sociais e instituições que defendem o comprometimento com as causas públicas e demandas da sociedade (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021, p. 45).

Dessa maneira, há um público compromisso assinalado pela Fiocruz e MV com o enfrentamento e comprometimento em defesa das causas públicas destes territórios, que, para nós, sem dúvida alguma, está a luta contra todas as formas e manifestação do racismo. Dessa maneira, a educação museal antirracista é uma das estratégias de luta institucional e coletiva, que podemos ver assinalado no documento do MV. Ao final do documento são disponibilizadas várias referências que discutem a relação entre ciência e cultura, educação museal, entre outras atinentes a discussão realizada no documento.

Figura 39 – Folder da peça teatral: Cinderela do Museu da Vida

Peça teatral: Cidadela

Temporada: até 29 de novembro

Local: Tenda da Ciência do Museu da Vida

Idade: a partir de 12 anos

Dias e horários: às sextas-feiras, 10h30 e 13h30

Vem Quem Quer. Este é o nome do lugar onde se passa o novo espetáculo teatral do Museu da Vida. Cidadela quer dizer cidade pequena, mas também pode significar fortaleza. Existem muitas cidadelas no mundo, mas nenhuma é igual a Vem Quem Quer. Por quê? Você precisa assistir à peça para descobrir, mas a gente vai dar uma pista: lá, as mulheres só podiam falar quando os homens saíam, uma regra criada... pelos homens! A partir dessa regra absurda a história da peça se desenrola, com o objetivo de fazer refletir sobre os papéis sociais que têm sido impostos ao gênero feminino e sobre a importância das mulheres em todas as esferas, na família, na educação, na ciência, na política, na arte – e onde mais elas quiserem!



Fonte: Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

A figura 39 é um card de divulgação da peça teatral Cidadela, produzida pelo Museu da Vida sobre a qual está afirmado:

[...] é uma produção própria do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), com texto de Renato Souza-Ribeiro e direção de Letícia Guimarães, com elenco formado por quatro atrizes negras, cis e trans, o espetáculo expõe questões de gênero de forma delicada e descontraída, ao mesmo tempo em que provoca a plateia a rever seus (pre) conceitos (FIOCRUZ, 2021).

A trama da peça acontece a partir da reflexão sobre os papéis sociais que têm sido impostos ao gênero feminino e sobre a relevância das mulheres em todas as instituições

que compõem a sociedade, sejam elas: na família, na educação, na ciência, na política, na arte e onde mais elas quiserem!

Com a intencionalidade de desencadear reações de valorização do outro, as peças teatrais, são atividades realizadas pelo Museu da Vida. Elas abrangem várias temáticas, e há peças itinerantes. Para nossa análise nos debruçamos sobre a peça “Cidadela”. Ela aborda a história de 4 mulheres negras que vivem em uma pequena cidade

“Cidadela” é uma produção própria do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), com texto de Renato Souza-Ribeiro e direção de Letícia Guimarães, a mesma dupla de “O Problemão da Banda Infinita”. Com elenco formado por quatro atrizes negras cis e trans, o espetáculo expõe questões de gênero de forma delicada e descontraída, ao mesmo tempo em que provoca a plateia a rever seus (pre)conceitos. Venha botar a boca no mundo junto com as mulheres de Vem Quem Quer! (MUSEU DA VIDA, 2019).

Encaravam as personagens, mulheres negras, no espetáculo “Cidadela” as seguintes atrizes: Loullyz Maranhão, professora aposentada, mulher cisgênera; Walda Domingues, atriz, cantora, compositora, escritora, professora de história, mulher cisgênera; Rebecca Gotto, atriz, mulher trans.; e, Shirlene Paixão: graduada em dança pela UFRJ e em teatro pela Escola de Teatro Martins Pena. Em entrevistas publicadas no site do Museu da Vida todas elas chamam a atenção para os lugares de não privilégio - social, cultural, material. Lugares de silenciamento e de apagamento de vozes e de corpos.

Loullyz Maranhão (2019) situa a desigualdade financeira entre homens e mulheres e demarca que para a mulher negra a desigualdade se torna ainda maior e aponta que isso é fruto da estrutura em que formou o nosso país: com a escravidão. Ela destaca a importância de que todas as gerações conheçam o poder e a força da mulher negra que move a sociedade. Elas escreveram músicas, poemas e não podiam assiná-las. Elas foram silenciadas e apagadas da história.

A mulher é muito desprivilegiada em nossa sociedade. Em termos financeiros, ela ganha um valor menor do que um homem exercendo a mesma função. No caso da mulher negra, isso é ainda mais grave, considerando a estrutura em que se formou o país, com a escravidão. Ela é vista como inferior, incapaz. Tanto que é motivo de surpresa quando uma mulher, principalmente uma mulher negra, ocupa um cargo importante. As pessoas têm até dificuldade de entender... Todas as gerações precisam conhecer o nosso poder, a nossa força que move a sociedade. Não pode mais ser como era antigamente. Mulheres faziam músicas, escreviam poemas, mas não podiam assinar com o nome delas, era preciso colocar o nome de um homem. Coincidentemente, acabo de fazer um curso de cinema e o trabalho final do grupo foi o documentário “Procuram-se mulheres”, sobre a invisibilidade das mulheres no samba, premiado em um festival em Pernambuco. Precisamos falar da importância da mulher, o que incomoda – por isso, às vezes, querem nos calar (MARANHÃO, 2019).

Walda Domingues (2019) aponta, de um lado, para a gravidade da invisibilidade da mulher negra, e, de outro, para os lugares comuns a que elas são colocadas: cozinheiras, babás, serviços gerais. Não tomando tais lugares como indignos, ela demarca que estamos na segunda década do século XXI, e muitos espaços ainda não são ocupados “pelo indivíduo negro, suburbano, pobre, nordestino, de ascendência indígena...”. Situa que pessoas excluídas são educadas para não se sentirem capazes de estarem em outros postos que não aqueles dados pela sociedade excludente. E defende: “[...] romper com esse destino também é um trabalho nosso. Daí a importância de falar da mulher, da mulher negra, para quebrar essas estruturas que impedem o nosso acesso a espaços que deveriam ser comuns” (MUSEU DA VIDA, 2019).

A invisibilidade da mulher negra em determinados espaços e situações ainda é muito grave. Muitas pessoas não conseguem ver a mulher negra fora dos papéis de cozinheira, babá, serviços gerais. Não são papéis indignos, muito pelo contrário! O que é indigno é você não dar espaço para o outro, não permitir ao outro acesso àquilo que pode transformá-lo num indivíduo completo. Estamos já na segunda década do século 21 e muitos espaços ainda não são ocupados pelo indivíduo negro, suburbano, pobre, nordestino, de ascendência indígena... Às vezes, as pessoas excluídas, elas próprias não acreditam ser capazes, porque não são educadas para romper com essa exclusão e acabam aceitando o lugar que lhes é imposto. Romper com esse destino também é um trabalho nosso. Daí a importância de falar da mulher, da mulher negra, para quebrar essas estruturas que impedem o nosso acesso a espaços que deveriam ser comuns (DOMINGUES, 2019).

Rebeca Gotto (2019), em sua entrevista reclama pela igualdade na ocupação de todos os espaços tanto por mulheres negras quanto por mulheres negras trans. Como mulher negra trans, a atriz aponta para o preconceito e assinala para o lugar comum destinado às mulheres trans na sociedade - cabeleireiras ou garotas de programa e afirma: “A gente precisa mostrar que merece ocupar os espaços. Antigamente, a gente não podia fazer isso. Chegou a nossa hora de mostrar que somos iguais”.

É fundamental que nós, mulheres negras, ocupemos todos os espaços, porque durante tanto tempo não tivemos essa oportunidade. A gente precisa mostrar que merece ocupar os espaços. Antigamente, a gente não podia fazer isso. Chegou a nossa hora de mostrar que somos iguais. Igualdade é algo que sempre esteve aí, só que muita gente virava as costas pra isso. Agora, a gente veio pra bombar, pra mostrar que direitos são iguais pra todos.

[...]

A gente tem que quebrar esse preconceito de que mulheres trans só podem ser cabeleireiras ou garotas de programa... Temos que ter um leque de opções. A gente tem que ser o que a gente quiser! Temos o direito de estar onde quisermos. Se queremos ser cientistas, atrizes ou qualquer outra coisa, temos potencial pra isso! Acho maravilhosa essa iniciativa do Museu da Vida, essa troca de conhecimentos. Estou gostando muito (GOTTO, 2019).

Já Shirlene Paixão (2019) discute a relevância de “ouvir as vozes” e não de “dar a voz”. Ao fazer isso, ela aponta para o silenciamento da escuta branca. Este destaque é, a nosso ver, político. O corpo preto fala, mas não é escutado.

Paixão (2019) aponta ainda para o que pode ser falar sobre as mulheres negras e falar sobre as mulheres negras na ciência:

É importante se dar conta de que não se trata de dar voz, mas ouvir as vozes que já existem. O silenciamento, na verdade, não é desse corpo preto, mas dessa escuta, que, na maioria das vezes, é branca. Falar sobre as mulheres negras é falar sobre o útero do mundo, é falar sobre de onde viemos, todos nós, independentemente de gênero e identidade racial. Falar sobre mulheres negras na ciência é dar continuidade a esse processo, é lembrar que vários homens e mulheres negros contribuíram mundialmente para chegarmos aonde estamos hoje em termos de tecnologia, pensando não só na tecnologia ocidental, mas também nos saberes tradicionais, que, muitas vezes, são deslegitimados dentro do pensamento do Ocidente. Essa peça é um serviço para a sociedade (PAIXÃO, 2019).

Silenciamento, escuta, sentidos produzidos e a serem produzidos sobre as mulheres negras em geral e as mulheres negras na ciência é o que a entrevistada nos apresenta. Acerca da peça “Cidadela” e da sua contribuição ela assim se reporta:

Ela é leve, o que permite atrair mesmo os ouvidos menos atentos a essas questões, e, ao mesmo tempo, ela é extremamente poética e poderosa no seu discurso. Esse discurso acontece em duas camadas, tanto na camada da militância, de quem está lutando por uma mudança, quanto na camada de quem está reproduzindo, mesmo sem saber, certas discriminações. O texto é uma preciosidade. Ele desvela várias camadas da sociedade de um jeito muito real, próximo ao que de fato acontece, embora não seja realista e se passe em um lugar de fábula (PAIXÃO, 2019).

A produção do Museu da Vida com a peça “Cidadela” somado à produção das entrevistas de suas quatro protagonistas negras, ofertam lições para a educação antirracista. Lições que tem o silenciamento e a escuta, a historicidade e as vozes e corpos que devem compor o discurso e saberes da ciência e da cultura. Uma educação antirracista que, como Nilma Lino Gomes (1999) já defendia favoreça ao

reconhecimento dos diversos recortes dentro da ampla temática da diversidade cultural (negros, índios, mulheres, portadores de necessidades especiais, homossexuais, entre outros) coloca-nos frente a frente com a luta desses e outros grupos em prol do respeito à diferença (GOMES, 1999, p.1).

Nessa luta, sem dúvida alguma, a defesa de que povos negros, na história, também são produtores de ciência e de tecnologia se torna fundamental. Como a superação da narrativa

eurocêntrica da ciência, da história e da razão como bem pontua Machado (2015, n.p) na citação que segue.

Precisamos superar a narrativa europeia da ciência, história e razão como uma visão universal e sim situá-la como mais uma das diversas influências que produziu a ciência mundial. Esta ordem mundial centrada no branco desclassifica a produção intelectual africana e os povos negros devem levar em consideração sua história, cultura e ancestralidade em suas formulações intelectuais. A escravidão e o racismo impediram nosso desenvolvimento, mas não o cessou completamente. Precisamos descolonizar as mentes negras e assim retirar a África e a diáspora da periferia mundial que o ocidente a colocou.

A descolonização do pensamento e da ciência é uma tarefa para a educação antirracista. Afirmamos que em todo e qualquer espaço – dos museus de ciências à escola. Dessa maneira, consideramos com Maria José Albuquerque da Silva e Maria Rejane Lima Brandim “[...] que devemos refletir sobre mecanismos discriminatórios que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, bem como buscando homogeneizá-las” (SILVA E BRANDIM, 2008, p. 56). Portanto, ao apresentar protagonistas negras e durante a peça teatral provocar a reflexão sobre os papéis sociais que têm sido impostos às mulheres negras, o Museu da Vida aponta para processos que consideramos relevantes para uma educação antirracista.

No site do Museu da Vida também localizamos uma ação resultante do trabalho da Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz, do Museu da Vida Fiocruz (COC/Fiocruz) e da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PR5-UFRJ) junto a organizações populares de Mangueiras e da Maré que resultou na produção de vários episódios do Podcast Favela & Ciência, cuja capa está representada na figura 40 que segue.

Figura 40 – Capa do podcast: Favela e Ciência

Em parceria com MVF, Podcast Favela e Ciência tem nova série de episódios



Fonte: Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

Com o intuito de reforçar os debates sobre acesso e produção de conhecimento em territórios populares, o Museu afirma que: “A primeira série de áudios do projeto foi originada da roda de conversa Favela e Ciência sobre a produção de conhecimento nas favelas, ocorrida em outubro de 2019, durante o “19ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) no *campus* sede da Fiocruz”. (FIOCRUZ, 2019). O registro de algumas atividades realizada na SNCT, mobilizadas pelas perguntas “Como os territórios populares participam da produção científica e da construção de conhecimento? Quais são e como se configuram os saberes válidos para as instituições nacionais?” e pelo objetivo “reforçar os debates sobre acesso e produção de conhecimento em territórios populares”, desencadeou na produção de uma série de episódios do Podcast Favela e Ciência. Na página do museu localizamos as informações que seguem sobre o podcast.

Em 2022, a SNCT trouxe o mote do Bicentenário da Independência: “200 anos de ciência, tecnologia e inovação no Brasil”. Neste mesmo ano, a exposição ‘Manguinhos: Território em Transe’ completou 10 anos de existência e itinerância em territórios periféricos. A exposição traz narrativas de moradoras e moradores sobre a ocupação do bairro de Manguinhos, situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, pela perspectiva dos movimentos sociais, trazendo uma reflexão sobre memória, arte e território.

O primeiro episódio da nova série apresenta informações da própria exposição e entrevistas com Leonídio dos Santos, coordenador da Cooperação Social da Fiocruz – órgão a que alguns dos pesquisadores que compuseram a primeira versão da exposição pertenciam – e de Alessandro Batista, historiador e educador do Museu da Vida Fiocruz – um dos responsáveis pela configuração da exposição em formato itinerante e pela formulação do Grupo de Ações Territorializadas do museu.

O Podcast Favela e Ciência [...] já deu origem a diversos outros projetos, como o Fórum Favela Universidade, o Tecendo Diálogos e Produzindo Conhecimento e a Jornada Científica Favelades Universitárias, que teve sua segunda edição também neste ano (FIOCRUZ, 2022).

Além do podcast, o MV também produziu um conjunto de lives no período da pandemia da COVID 19, visando estender as ações do museu para seu público de forma não presencial. Dentre as lives apresentamos, na figura 39, uma realizada no dia 17 de maio de 2021.

Figura 41 – Card da live: Onde escondemos o racismo nos museus?



A live teve a mediação da Coordenadora da Seção de Formação do Serviço de Educação do Museu, Hilda Gomes e as pessoas convidadas foram: Gabriela de Assis, educadora museal e mestranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, Técnicas e Epistemologias (HCTE_UFRJ) e André Leitão, historiador e assessor de mediação da Fundação Bienal de São Paulo. A live com mesma temática e mediação, “Racismo estrutural: o que os museus têm a ver com isso?” e a live “Um papo sobre ciência afrocentrada”, com a cientista da computação Ana Carolina da Hora, criadora do podcast Ogunhê, que divulga cientistas africanos, indicadas na Figura 39, apontam para o modo como o Museu assume a temática étnico-racial.

Figura 42 - Racismo estrutural... o que os museus têm a ver com isso?



Fonte: [Racismo estrutural... o que os museus têm a ver com isso? \(fiocruz.br\)](https://www.fiocruz.br)

Dessa maneira, o tema “o racismo” é apropriado explicitamente pelo Museu da Vida. Na divulgação da live “Racismo estrutural: o que os museus têm a ver com isso?” assim está afirmado na página eletrônica do Museu: “Os museus, como locais de encontro, precisam pensar em encontros que desconstruam o racismo estrutural e o racismo explícito do dia a dia” (MUSEU DA VIDA, 2022).

Quando usamos os termos “instituição” e “museu”, eles podem soar abstratos e vagos para algumas pessoas. Por isso, há a necessidade de personalizarmos este debate não apenas na instituição em si, mas sobretudo na atuação das pessoas que fazem essa instituição seguir existindo. Elas podem mudar as estruturas internas desses espaços, elas possuem a responsabilidade perante a mudança, e precisam assumi-la”, explica a pesquisadora (MUSEU DA VIDA, 2022).

A dimensão destacada pela página eletrônica do MV, pela voz da Historiadora da Arte, Luciana Ribeiro, chama a atenção para duas dinâmicas entrelaçadas ao enfrentamento ao racismo: a institucional e a das ações das pessoas. O Museu apresenta narrativas que visam a participação nas discussões étnico raciais assinalando para a perspectiva educativa que a instituição defende.

Como já dissemos, no Brasil, as causas do racismo estão associadas, ao período de escravização dos povos de origem africana e a consequente negligência com a situação dos/as escravizados/as libertos/as com a abolição do sistema escravocrata.

Na atualidade, apesar das leis proibitivas às práticas racistas, são constantes os ataques a negros/as, mulheres, indígenas dentre outras “minorias”. Portanto, quando o museu se

questiona, ele abre possibilidades de reflexão sobre o seu papel enquanto lugar de aprendizagens e fomenta o surgimento de narrativas educativas que propõem o debate sobre as relações étnico raciais. Segundo Munanga em seu artigo Teoria social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo (2003):

Quem nunca escutou piadas racistas contra negros, japoneses, judeus, até contra portugueses? Onde estão os ameríndios e qual é a imagem que temos deles? Esses fatos corriqueiros colocam em dúvida a declarada existência das relações harmoniosas entre negros e brancos, índios e brancos e outros portadores de diferenças no Brasil da “democracia racial” (MUNANGA, 2003, p. 2).

Essas piadas racistas corroboram com o racismo estrutural e contribuem para a manutenção de narrativas que são reproduzidas pela sociedade e normalizadas pelo convívio cotidiano.

Quem de nós pode negar que nunca foi objeto e sujeito de preconceito em sua vida? É por isso que se diz que os preconceitos são universais, pois não existe sociedade sem preconceito e não há preconceito sem sociedade. Nem por isso devemos naturalizar os preconceitos, pois são fenômenos culturais produzidos pela sociedade na qual eles têm uma certa função (MUNANGA, 2003, p. 5).

Com essa afirmação, o autor nos informa que a naturalização de atitudes racistas ou preconceituosas fazem parte do dia a dia e carecem de ações propositivas de superação.

Já Nilma Lino Gomes, em seu artigo “O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas”, alerta:

A descolonização das mentes insta-nos a construir práticas pedagógicas e epistemológicas antirracistas. Consiste em uma tomada de posição emancipatória diante de si mesmo e do outro, bem como na desconstrução da lógica racista presente na nossa socialização e nos processos formativos construídos na vida privada e pública (GOMES, 2021, p. 438).

Dialogando com os dois autores, entendemos que os processos decoloniais podem ser um dos caminhos que levem à desconstrução do racismo estrutural e das diversas formas de preconceito pujantes na sociedade contemporânea.

O tema das lives dialoga, a nosso ver, com a discussão de Munanga (2003) quando ele afirma que:

Valorizar a cultura, a língua, a religião, a visão do mundo e outros valores do seu grupo, de sua comunidade, de sua etnia, de sua nação, etc., para que a partir dessa valorização se possa criar a adesão, a unidade, a solidariedade e a identidade que garantem a sobrevivência do grupo (MUNANGA, 2003, p. 3).

Na discussão, o autor afirma não ser fácil tratar o tema. As diferenças geradas pelos problemas sociais que ocorrem entre as pessoas são de diversas ordens: econômicas, de gênero,

religião etc. Essa diversidade tem especificidades diferentes e provocam reações no mesmo patamar. Sendo assim, compreendê-los e solucioná-los, torna-se uma tarefa que requer o engajamento de todos os segmentos sociais.

Ao dar visibilidade aos projetos de cientistas africanos/as e com isso, contribuir para a popularização da ideia de que a África participa do desenvolvimento da ciência e tecnologia, favorece a processos de descolonização da educação científica. Ao nos depararmos com os temas das lives, não poderíamos deixar de citar a aprovação da Lei nº 10.639 de 2003, que tornou obrigatório o estudo de história e cultura africana e afro-brasileira em nosso país.

Então, quando o museu se torna um espaço dessa discussão pode-se inferir que ele está promovendo práticas de interação do seu público com as particularidades culturais dos povos negros e abrindo um horizonte que encaminhe o olhar das pessoas para além do processo de escravização.

Colocar o africano/afrodescendente como agente da história no mundo ocidental, uma vez que nos últimos quinhentos anos estiveram à margem da história social, cultural, econômica e religiosa, torna-se, assim, um dos princípios básicos da teoria e da prática afrocêntricas. Além disso, há de se considerar que o desconhecimento do legado cultural africano leva os próprios afrodescendentes a assumirem atitudes discriminatórias e posturas capazes de diminuir dramaticamente sua autoestima (SILVA, 2016, p. 248).

Acreditamos que apesar do autor propor a educação afrocentrada nas escolas formais, nada impede que ela também seja realizada nos museus. Ela provocaria aos/às visitantes e a pensarem nos afrodescendentes como sujeitos que produzem história; que produzem ciência e tecnologia.

Veja o que rolou durante a 4ª Seminário de Pesquisa e Prática em Museus

Por Teresa Santos

Museologia Social, Decolonialidade e Políticas Públicas

Ao longo da manhã de quarta (09/11), pesquisadores debateram a museologia na perspectiva dos movimentos sociais e da decolonialidade. E também discutiram acerca de políticas públicas culturais para os territórios e o papel dos museus de ciência na transformação social.

A mesa-redonda foi mediada por Denise Studart, do NEPAM/Museu da Vida Fiocruz. Douglas Falcão, educador do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) e ex-diretor do Departamento de Popularização e Difusão de Ciência e Tecnologia da Secretaria de C&T para Inclusão Social/MCTI, trouxe sua experiência com o projeto "Nós no MAST". Iniciada em 2019, a iniciativa busca estreitar as relações do museu, que fica no bairro de São Cristóvão (RJ), com a comunidade. Outro compromisso é gerar indicadores para avaliar a relação do museu com a comunidade.

Já Alice Ribeiro, pesquisadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT/CPCT), apresentou dados de seu mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde na Fiocruz. Ela investigou a influência da museologia social nos museus de ciência e ecomuseus. A partir de entrevistas com gestores e educadores do Museu da Vida Fiocruz e do Museu da Maré, ela entende que para ampliar as possibilidades de participação social "torna-se necessário compreender a ciência enquanto conhecimento produzido socialmente, superar a ideia de hierarquia de saberes e reconhecer que os museus de ciência não apresentam narrativas neutras ou universais".

Fonte: Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz

No 4º Seminário de Pesquisa e prática em Museus, ocorrido nos dias 09 e 10 de novembro de 2022, o tema central foi Museus e Territórios. Desse seminário, destacamos a mesa redonda "Museologia Social, Decolonialidade e Políticas Públicas".

Esta mesa-redonda visa propor um debate sobre Museologia na perspectiva dos movimentos sociais e da decolonialidade, bem como discutir políticas públicas culturais para os territórios, partindo do pressuposto que o museu é uma força importante no processo de mobilização social em torno da memória, e refletir sobre o papel dos museus de ciência como promotores de transformação social (MUSEU DA VIDA, 2022).

Como nos diz Walter Mignolo em seu artigo “Desafios Decoloniais hoje”, “[...] Daqui em diante, a opção decolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de “estudo”, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer” (2014, p. 31). Dessa maneira, essa ação do museu faz parte de um desafio da contemporaneidade que significa o investimento na construção de relações que não estão ancoradas na matriz colonial, e, portanto, contribui para uma vida plena e decente entre os diversos grupos sociais.

As ações que acabamos de descrever são contributos que discutem sobre o racismo e seus efeitos

O decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento decolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica (MIGNOLO, 2014, p. 15).

Com isto, o autor nos incita a pensar que não cabe mais seguir a lógica imposta pelos (pre) conceitos perpetuados até então. A decolonialidade é uma maneira de tentarmos conduzir as pessoas à percepção e conscientização de como todas as relações são, em sua devida medida, mediadas pelas relações de poder.

Entendemos ser importante mencionarmos a existência do Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz, criado em 2009.

O Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz tem o objetivo de consolidar uma agenda institucional pelo fortalecimento dos temas étnico-raciais e de gênero na Fundação, colaborando para uma constante atualização e reorientação de suas políticas, bem como de suas ações, seja nas relações de trabalho, seja no atendimento ao público e na produção e popularização do conhecimento. A promoção da equidade de gênero, da diversidade sexual e das relações étnico-raciais na Fiocruz é prioridade do Comitê, em alinhamento com o posicionamento da instituição em defesa dos direitos humanos e do reconhecimento da pluralidade do povo brasileiro e de suas demandas (FIOCRUZ, 2009).

Com essa ação entendemos que a Fiocruz procura efetivamente enfrentar as violências e discriminações com base em gênero e relações étnico-raciais, e julga necessário políticas específicas para tal fim. Para a instituição parece ser importante haver uma ampla divulgação das políticas. Assim, de acordo com a instituição, em 2021:

Entre os meses de março e julho foram realizados cinco encontros virtuais, com as participações da psicóloga Luciene Lacerda (*População negra: gênero e raça em tempos de Covid-19*, em 28 de abril); da professora de psicologia do Instituto Federal

do Rio de Janeiro (IFRJ) Jaqueline Gomes de Jesus (*Desafios para a população LGBTQIA+ em tempos de pandemia*, em 19 de maio); da epidemiologista Fernanda Lopes (*Racismo estrutural: vidas negras importam*, em 16 de junho); da líder comunitária e vice-presidente da Associação de Moradores do Parque Oswaldo Cruz, Simone Quintella (*Impacto da Pandemia de Covid-19 nas favelas: relato de uma experiência*, em 14 de julho); e da professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Dulce Maria Pereira (*Mulheres negras movendo as estruturas; lutas, conquistas e desafios*, em 28 de julho) (FIOCRUZ, 2021).

Cabe aqui ressaltar que a educação antirracista se fortalecerá com a construção de conhecimentos contextualizados e que potencializem diálogos de valorização, efetivação da história e cultura africana e afro-brasileira, também no campo da ciência. Isso contribuirá para a compreensão das relações sociais e para o enfrentamento e superação das desigualdades étnico-raciais e outras que assolam o nosso país.

Ou ainda,

[...] cômicos das experiências preconceituosas e discriminatórias contra negras e negros no contexto contemporâneo, é que reafirmamos que tais situações não podem passar incólumes, em quaisquer espaços sociais, em especial, nos espaços educacionais. Os processos de discriminação, aos quais está submetida à população negra, impactam, de forma marcante, na construção das identidades. Os signos e símbolos dessa população foram reificados, inviabilizando a criação de referências positivas para ela (SILVA, 2020, p. 37).

Autores/as da área das relações étnicas, como Gomes (2018), Ribeiro (2020), Nogueira (2022) e hooks (2019) têm colaborações ímpares na luta contra o racismo. Isso significa dizer que “[...] a diferença é, pois, um componente importante do nosso processo de humanização. O fato de sermos diferentes enquanto seres humanos e sujeitos sociais talvez seja uma de nossas maiores semelhanças” (GOMES, 2018, p??).

Enfim, trazer as questões em destaque sempre é uma maneira de buscar as articulações necessárias para que a luta contra as desigualdades se torne tema de interesse de todos/as. Portanto, as ações citadas corroboram as discussões propostas pelos autores que discutem a temática das relações étnico raciais e da decolonialidade. Alguns deles, como Nilma Lino Gomes, 2018, Luciara Ribeiro, 2020 e Isildinha Baptista Nogueira 2021 são referências vivas, com vozes potentes nessa seara.

5.2- MUSEU ESPAÇO CIÊNCIA (PE)

Até o final de novembro/2022, o Espaço Ciência registrara 101.710 visitantes, além de outros 55.805 no Observatório da Sé. Em 2019, o ano anterior à pandemia de Covid-19, neste mesmo período tinham sido registrados 98.714 visitantes. Ou seja, mesmo com as limitações impostas pela pandemia nos meses iniciais de 2022, o Museu conseguiu ampliar as estatísticas de visitação. Somente nas férias de julho, o Espaço Ciência registrou o recorde de 35.773 visitantes. Até então, o número mais expressivo de visitantes neste período tinha sido em 2018: 17.193 pessoas. (Espaço Ciência, 2022)

As imagens abaixo referem-se a ações específicas do museu. A grande maioria das produções são na área de divulgação científica, iniciação e projetos com estudantes de escolas públicas e privadas. Percebe-se que não existem ações, projetos que possibilitem a discussão das relações étnico raciais nas atividades cotidianas da instituição. De 2018 a 2022, existem 30 páginas no menu “notícias”. Dentre estas localizamos a divulgação de um evento intitulado “Mulheres da ciência 2022”, organizado pelo Centro de Ciências Exatas e da Natureza, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no qual ocorreu uma atividade intitulada “FEM: Mulher negra – conquistando espaço” que foi proferida por uma mulher negra Sueden Oliveira de Souza - Graduada em Biomedicina pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2018). Mestranda e bolsista CAPES vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da UFPE.

A figura 58, mostra uma versão do Projeto Gepetto – Ateliê de Ciência, criado em 2005, pelo Espaço Ciência, com o objetivo principal de produção de jogos educativos e experimentos científicos, fabricados com materiais acessíveis. O público-alvo do projeto são jovens de 15 a 18 anos, estudantes da rede pública de ensino, moradores preferencialmente das comunidades do entorno do Espaço Ciência (ESPAÇO CIÊNCIA, 2005). O projeto é apresentado como uma ação social, e, no período da pandemia, foi criada o “Gepetto à distância”.

Figura 44 – Card do “Projeto Geppeto”.

GEPETTO À DISTÂNCIA 29 abr 2021

Projeto Gepetto convida escolas e professores a confeccionar e descobrir as possibilidades pedagógicas dos jogos africanos

Com a pandemia e a impossibilidade de reunir presencialmente os jovens das instituições sociais parceiros, o projeto Gepetto, ateliê de confecção de jogos pedagógicos do Espaço Ciência, será realizado de forma remota. As instituições parceiras continuam tendo prioridade, mas a ideia é atingir também os educadores, para que possam confeccionar e utilizar os jogos como ferramentas pedagógicas.

Nesta edição, serão trabalhados especificamente os jogos africanos. “Além dos conceitos científicos desenvolvidos em cada jogo, serão abordadas questões que ajudam a desconstruir a ideia eurocêntrica sobre o desenvolvimento científico”, explica o monitor do projeto Morales Bonfim.

Serão seis encontros, sempre às sextas-feiras, 15h. Cada um terá cerca de duas horas de duração e abordará um jogo diferente. Os participantes confeccionarão seus próprios jogos e aprenderão sobre ele. Serão utilizados materiais caseiros, recicláveis ou de fácil acesso.

INSCREVA-SE AQUI



Fonte: Museu Espaço Ciência (PE)

Na versão online, indicada pela figura 44, a proposta foi a construção de jogos africanos que, pela voz do monitor Morales Bonfim, “além dos conceitos científicos desenvolvidos em cada jogo, serão abordadas questões que ajudam a desconstruir a ideia eurocêntrica sobre o desenvolvimento científico” (ESPAÇO CIÊNCIA, 2021).

Dennis de Oliveira, professor da USP, em entrevista ao GELEDÉS – Instituto da mulher negra - Ubuntu: uma ética africana para repensar a sociedade brasileira, publicada em 06/02/2016, explica que:

“Eu sou porque nós somos”. Um dos três princípios fundamentais da RAIZ – Movimento Cidadanista, o Ubuntu é uma ética e filosofia de origem africana que busca entender a sociedade de uma maneira mais integral e solidária. Inserir-lo em condições de igualdade com outros dois pilares de origem ocidental (ecossocialismo) e indígena (teko porã), como sementes fundadoras do partido-movimento é por um lado um reconhecimento à contribuição dos povos africanos e afrodescendentes na construção do Brasil, e por outro lado, uma provocação e desafio para a política brasileira na busca de outro sentido ético mais inclusivo e fraterno (OLIVEIRA, 2016, p.1).

Acreditamos que nesse comentário está implícita a relevância de inserir elementos da cultura africana no dia a dia da população brasileira. O desafio ético apresentado para a política brasileira, poderia construir o entendimento da contribuição dos povos negros na formação do povo brasileiro. Contribuição esta que contempla os saberes das ciências e tecnologias que muitos destes povos trouxe para estas terras.

5.3- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

A sesquicentenária instituição lidera investigações sobre a biodiversidade amazônica e, apenas no século 21, junto com seus parceiros, já apresentou quase 600 novas espécies da fauna, flora e fungos. Suas pesquisas são sustentadas e alimentam 19 coleções científicas principais, que se subdividem em mais de 40 sub-coleções, integradas por mais de 4,5 milhões de itens tombados, entre os quais se destacam ícones da cultura nacional. Atualmente, oferta para a comunidade sete cursos de pós-graduação, sendo cinco em parceria, que contam com o apoio das coleções científicas, bibliográficas, documentais e de laboratórios, como o de Microscopia Eletrônica de Varredura, Química Analítica, Biologia Molecular, Arqueologia Amazônica e Análise e Documentação Linguística (GOELDI, 2021).

A citação anterior consta da apresentação do Museu Paraense Emílio Goeldi, em sua página eletrônica. Na data em que acessamos a página do museu localizamos o banner que segue (Figura 45), um convite para a abertura da exposição “Diásporas: artefatos africanos e de matriz africana do acervo do Museu Goeldi”.

Famoso por ser especializado na Amazônia, o Museu Goeldi possui uma coleção de itens africanos que foram doados à instituição na década de 1930, com itens que remontam ao século XIX. Este precioso patrimônio não é exposto desde 1984 e agora volta aos olhos do público na exposição "Diásporas - Artefatos africanos e de origem africana do acervo do Museu Goeldi", com curadoria compartilhada com o Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (CEDENPA). A abertura da exposição ocorre nesta quarta (30), no Centro de Exposições Eduardo Galvão, no Parque Zoobotânico (MUSEU EMÍLIO GOELDI, 2022).

Figura 45– Banner da abertura da exposição “Diásporas” – Museu Emílio Goeldi



Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi. Disponível em: [Museu Emílio Goeldi e Cedenpa realizam exposição de artefatos de origem africana | Cultura | O Liberal](#)

Havia, na página do Museu, a informação de que a exposição *foi* “[...] planejada desde 2021 e foca em oferecer uma contra-narrativa (imagética e histórica) dando ênfase à

engenhosidade e às tecnologias das populações africanas” (MUSEU EMÍLIO GOELDI, 2022). Na programação da Exposição, foi programada a palestra “Diásporas Africanas na Amazônia”, proferida pela Profa. Doutora em Ciências Sociais e professora da Universidade Federal do Pará, atriz, ativista do Movimento Negro do Pará, Zélia Amador de Deus.

A página de divulgação da Exposição Diásporas, nos apresenta dados sobre a importância da memória carregada pelos artefatos expostos. Assim lemos o que a técnica cultural e militante do CEDENPA, Maria Luiza Carvalho Nunes, participante da curadoria destaca:

[...] existe um apagamento da memória do nosso povo. É como se a gente não soubesse fazer nada. E quando você vê obras de arte de um povo do qual nós somos herdeiros, que são nossos ancestrais, você vê a beleza de tudo que está sendo exposto, isso também tem uma importância para nossa autoestima. Eu não sou descendente de escravos: eu sou descendente de africanos e africanas que foram escravizados, mas que têm um trabalho de importância significativa para a humanidade [...] (MUSEU EMÍLIO GOELDI, 2022).

Sem dúvida alguma que os traços da violência perversa da colonização e dos processos de escravização permanecem e não podem mais ser admissíveis em lugares de produção e divulgação da ciência e do conhecimento nem mesmo em qualquer outro lugar social. Da nossa memória não podem ser apagadas dados como os apresentados na página eletrônica do Museu Emílio Goeldi:

Estimativas indicam que cerca de 11 milhões de pessoas foram forçadamente transportadas da África para as Américas por meio do tráfico de escravizados, das quais 5 milhões vieram para o Brasil. Uma história de violência, mas também de construção de novos modos de vida para enfrentar a desumanização da escravidão (MUSEU EMÍLIO GOELDI, 2022).

De acordo com Quijano (2007), os termos colonialismo e colonialidade se relacionam, porém, são distintos. O primeiro refere-se a um padrão de dominação econômica e social no qual a centralização do poder está localizada fora das fronteiras regionais, porém, é exercido rigidamente. Já a colonialidade é a persistência no imaginário das pessoas daquele modo de agir e pensar colonial. Ela sobrevive e se mantém em diversos aspectos da vida moderna.

Catherine Walsh (2007) ao estudar os movimentos sociais indígenas equatorianos e afro-equatorianos, concluiu que a decolonialidade parte da desumanização e considera as lutas deles, para a construção de outros modos de vivência, de poder e de saber. Portanto, a decolonialidade dá visibilidade para as lutas contra a colonialidade a partir dos indivíduos e de suas práticas sociais, epistêmicas e políticas.

Entendemos que é no campo da articulação de saberes que as diferenças podem ser potencializadas. Desse modo, ao vermos a apresentação da exposição chamada “Diversidades

Amazônicas”, destacamos a chamara que ela reuniu científicos, dos povos tradicionais e de artistas para mostrar o bioma habitado por tantas culturas (MUSEU EMÍLIO GOELDI, 2022).

Ademais, o Museu oferece um conjunto de atividades educativas como as Olimpíadas de Caxuanã que têm como objetivo a disseminação das pesquisas realizadas no Museu Goeldi e a realização de uma educação científica e ambiental nas comunidades ao redor da Estação Científica Ferreira Penna, no Marajó - Pará. Se tomadas como atividades de parceria e articulação de saberes, elas podem ser pensadas como parte de processos dinâmicos e de inter-relação de saberes e culturas diversas. Entendemos ainda que nelas podem se fazer presentes relações simétricas. Para dizermos de sua efetividade, sem dúvida alguma, caberia-nos estar nos espaços em que elas acontecem. Outrossim, podemos afirmar que pelos enunciados na página eletrônica podemos afirmar que tais possibilidades estão indicadas.

Sob a perspectiva decolonial e interculturais formulações que não questionam as bases ideológicas do Estado-nação não são cabíveis (WALSH, 2007). Não basta apenas incorporar situações específicas da cultura de um povo uma vez que tomada sem reflexão e sem crítica elas apenas corrobora com os estereótipos já enraizados nos indivíduos pelo processo de colonialidade. A esse respeito Mignolo (2017) nos alerta:

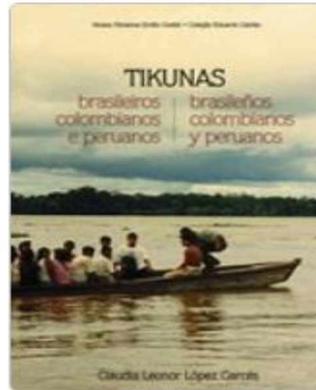
Vamos tomar o exemplo da língua, do conhecimento, do racismo, da autoridade e da economia criando nós histórico-estruturais heterogêneos, que se transformam embora permaneçam mantendo a lógica da colonialidade: o contexto e o conteúdo mudam, porém, a lógica continua (p. 12).

No catálogo de publicações, vários são os livros divulgados, na figura que segue, são apresentados alguns deles

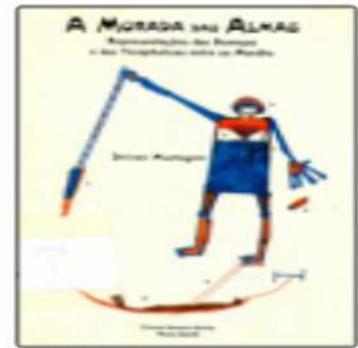
Figura 46– Capas dos livros expostos no menu “publicações”



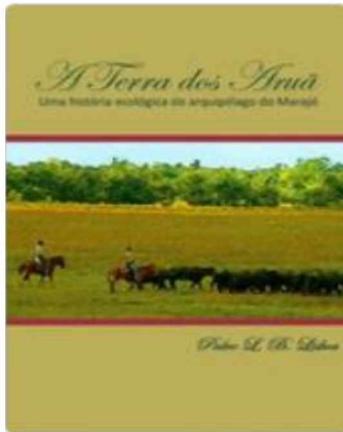
Vivência Antropológica e Estórias Indígenas
RS



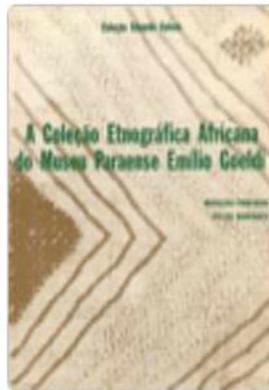
Tikunas brasileiros, colombianos e peruanos



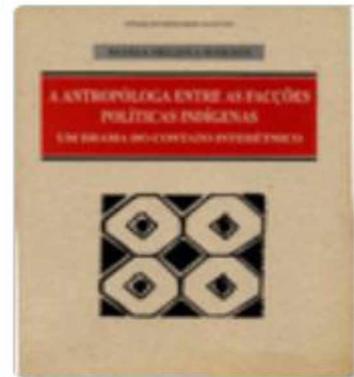
A morada das almas. Representações terapêuticas entre os Marubo



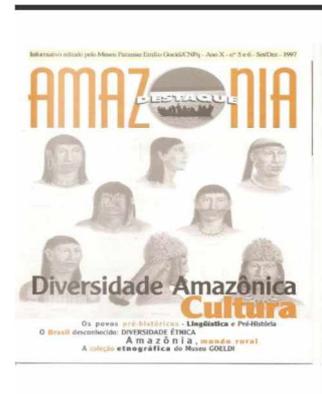
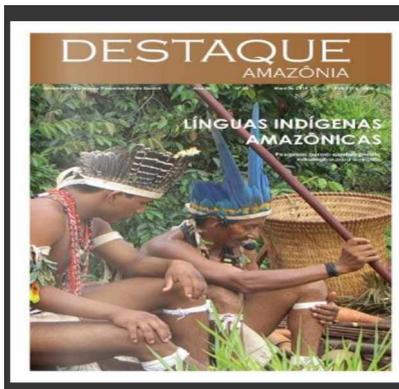
A Terra dos Aruã. Uma história ecológica do Arquipélago do Marajó



A Coleção etnográfica africana do Museu Paraense Emílio Goeldi



A Antropóloga entre as facções políticas indígenas. Um drama do contato interétnico

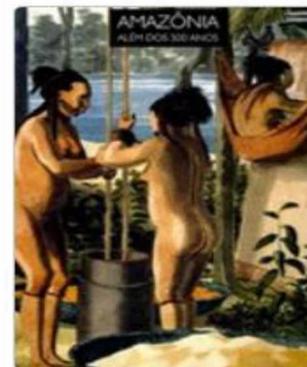




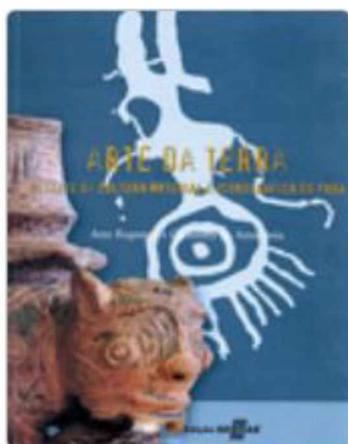
Diversidade biológica e cultural da Amazônia



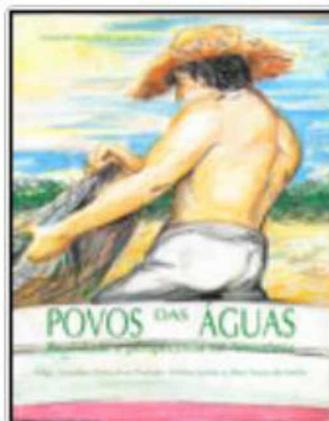
Narrativas Tradicionais Sakurabiat Mayãp Ebõ



Amazônia Além dos 500 Anos



Arte da terra. Resgate da cultura material e iconográfica do Pará



Povos das águas: realidade e perspectiva na Amazônia

Fonte: Museu Paraense Emílio Goeldi

No menu “Coleções” há o item “Linguística” que contém coleções de Antropologia, de Arqueologia e de Linguística, que além da sua relevância científica, têm grande importância sociocultural e política para os povos indígenas e comunidades tradicionais, pois são registros permanentes de suas memórias e modos de vida. As coleções arqueológica e etnográfica, reunidas até a década de 1950, foram registradas em 1940 no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como “Coleção arqueológica e etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi”. Elas estão abertas para a pesquisa de especialistas, dos povos indígenas e populações tradicionais mediante solicitação junto aos/às curadores/as.

De acordo com Mignolo (2017) as línguas europeias foram privilegiadas em detrimento das demais, consideradas produtos do que fora, pelos europeus, denominado folclore. O autor afirma que:

A hierarquia linguística na qual o eurocentrismo foi fundamentado – que deixa fora do jogo o árabe, o híndi, o russo, o urdo, o aimará, o quíchua, o bambara, o hebraico etc. – controla o conhecimento não somente pela dominância das próprias línguas, mas também das categorias em que o pensamento é baseado (MIGNOLO, 2017, p. 11).

Assim publicar livros que privilegiem a sabedoria e memória dos povos indígenas, amplia o alcance e potencializa a desconstrução da lógica da colonialidade. Esta pode ser uma forma de discussão das relações étnico-raciais. Por fim, destacamos, descrevemos e discutimos nesta seção ações encontradas nos sites/páginas eletrônicas dos três museus que elegemos para nossa análise. Uma análise de caráter descritivo-exploratória que nos permitiu montar um conjunto de cenas, trechos, narrativas, artefatos que compõem cada museu. Entendemos que nessa produção nossa nos colocamos na posição de quem buscou por traços, vestígios do que definimos como educação antirracista. Passaremos, na seção que segue, às nossas considerações finais onde, de modo, sistematizado, retomamos a questão e objetivos propostos para nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência que praticamos: os Museus de Ciências em debate

A discussão sobre as relações étnico raciais apresenta avanços e silenciamentos. Existe um ponto convergente entre os autores que compõem nosso aporte teórico sobre a questão da “raça” enquanto modo de hierarquização entre os indivíduos. Para Hall (2013) a construção discursiva do termo tem uma significação flutuante, que sendo culturalmente construída pode sofrer processos de desconstrução. Também Munanga (2012) alerta para a continuidade do seu significado na esfera sociológica, política e social, mas a decadência no sentido biológico.

Como sugerem os autores, a (des)construção e os silenciamentos, também sugerem e são gatilhos que ancoram modos de pensar e agir. Quisemos, ao nos debruçarmos sobre os materiais expostos pelos museus de Ciências selecionados desnudar esses sentidos, seguir pistas e entender os ditos e não ditos. Foucault, 2012, diz que os discursos não podem ser entendidos somente como um conjunto de palavras, com o que é dito. Ele é um instrumento sistematizado, elaborado e regido por regras que podem fazer surgir ou diluir uma realidade, que pode estar para além dele.

Procuraremos destacar os pontos mais relevantes acerca da educação em museus de Ciências, particularmente sobre o foco deste estudo, retomado por meio da questão de pesquisa. Investiremos na análise das páginas em busca do modo como os Museus de Ciências enquanto instituições educativas tem se ocupado de participar de um processo de contribuição para uma educação antirracista. Analisando para isso, os materiais pedagógicos, publicações que as instituições divulgam em suas páginas eletrônicas e as NP construídas a partir dos textos disponibilizados no menu “quem somos” ou “missão”.

Ao contextualizarmos a sociedade atual, a influência das TICs, a globalização, o racismo e os espaços não formais de educação, nomeadamente os museus de Ciências em tempos de pandemia da COVID 19, nos deteremos no desvelamento do quão os museus se ocuparam/ocupam de apresentar informações que demonstrem as pessoas mais vulneráveis do tecido social e, ao mesmo tempo, discutir sobre a capacidade que estas instituições têm de reinventar e fornecer ferramentas para que seu público possa pensar nessas vulnerabilidades por meio dos saberes e conhecimentos científicos. A Ciência, tem protagonismo, ou deveria ter, quando se discute e problematiza a manutenção da vida humana. Foi possível desenvolver vacinas em um período muito curto, testar novos medicamentos e saber se eles funcionavam ou não, olhar para o modo como atua os museus de Ciências em contextos como este não pode ser desvinculado do dado que a população negra foi e continua sendo a mais atingida.

Consideraremos que a partir do contexto exposto e sua incidência na maioria dos países em todo o mundo, percebe-se que negligências históricas quanto às demandas sociais têm vindo à tona. Cobrando urgência para a solução de situações, antes relegadas a segundo plano, por meio da invisibilidade social das classes menos favorecidas.

No campo econômico e social, o sofrimento da população mais pobre com o aumento da inflação que requer gastos maiores com alimentação e moradia, num cenário de desemprego, causado pela perda de postos de serviço no setor terciário de produção, além da impossibilidade de improvisar com os trabalhos informais desestimulados pelo isolamento social, encontraremos os elementos para situar o tecido educativo do qual os museus são também construtores.

A despeito desse quadro de limitações, é inegável que a Ciência tem formulado valiosas contribuições e cumprido um papel social relevante no sentido de atuar para a melhoria da saúde da população do nosso país, apesar dos cortes nos financiamentos estatais para a pesquisa científica e tecnologia, como vimos noticiados ao longo destes anos de doutorado.

Quanto ao estado da arte do tema deste estudo, entendemos como diferencial em nosso trabalho, o estudo das relações étnico raciais dentro do espaço museal. Assim, nos debruçaremos no capítulo de análise cotejando as informações que elegemos com as produções do campo da educação em museus no Brasil.

Antes de tentarmos responder à questão de pesquisa, iremos elencar os objetivos específicos e tecer os devidos comentários. O objetivo 1 era: Identificar e caracterizar a autoria, o tipo de publicação e de materiais disponibilizados nas páginas eletrônicas dos museus atinentes a educação antirracistas, no período de 2019 a 2021.

Os três museus selecionados foram: 1- O Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (RJ), 2- Museu Espaço Ciência (PE) e o 3- Museu Paraense Emilio Goeldi. Quanto ao objetivo 1 o Museu da Vida realizou 18 ações. Assim distribuídas:

Quadro 2: Especificações sobre o objetivo 1 (Museu da Vida)

| Quantidade | Autoria | Tipo de publicação |
|-------------------|----------------|---------------------------|
|-------------------|----------------|---------------------------|

| | | |
|------------|---|-----------------------|
| 01 | Grupo de Ações territorializadas | E-book |
| 01 | Setor Educacional | Livro |
| 01 | COC/Fiocruz | Peça teatral |
| 01 (série) | Programa Ciência e Favela | Podcast |
| 01 | COC/Fiocruz | Seminário de Pesquisa |
| 13 | Projeto Trajetórias Negras Comitê Pró-equidade de gênero e raça da FioCruz | Lives |

Já o Museu Espaço Ciência (PE) realizou:

Quadro 3: Especificações sobre o objetivo 1 (Museu Espaço Ciência)

| Quantidade | Autoria | Tipo de publicação |
|------------|--|--------------------|
| 01 | Projeto Mulheres na Ciência | Palestra |
| 02 | Projeto Geppeto Projeto Mulheres na Ciência | Oficinas |

O Museu Paraense Emílio Goeldi realizou as seguintes ações:

Quadro 4: especificações sobre o objetivo 1 (Museu Paraense Emílio Goeldi)

| Quantidade | Autoria | Tipo de publicação |
|------------|---------------------------|--------------------|
| 01 | Diretoria do Museu Goeldi | Palestra |
| 02 | Diretoria do Museu Goeldi | Vídeos |
| 15 | Diretoria do Museu Goeldi | Livros |
| 02 | Diretoria do Museu Goeldi | Exposições |
| 01 | Diretoria do Museu Goeldi | Olimpíada |

O objetivo 2 era: Selecionar enunciações, enunciados e silêncios sobre a relação Ciência e racismo nas páginas eletrônicas de museus de Ciências. No Museu da vida, encontramos diversos enunciados que corroboram a intencionalidade da instituição em colaborar e incentivar políticas que viabilizem a equidade nas relações étnico-raciais e combate ao racismo. Pode-se citar o exemplo da criação do Comitê Pró-equidade de Gênero e Raça que atua organizando

políticas institucionais nessa área, além de eventos como palestras, rodas de conversa, lives e seminários com a temática racial. Essas atividades buscam despertar nos participantes a consciência crítica sobre temas atuais e ainda formar multiplicadores de conhecimento para a sociedade. Além disso, o museu realiza exposições que abordam diversos assuntos, como a saúde, a cultura e a educação. Também são oferecidos cursos, palestras, oficinas e atividades lúdicas, que aproximam a população do conteúdo científico. Exemplos de enunciados localizados nas atividades propostas pelo museu: “Quando o museu vai a favela e a favela vai ao museu”;; Políticas Educacionais do Museu da Vida “; (...) o espetáculo expõe questões de gênero de forma delicada e descontraída, ao mesmo tempo em que provoca a plateia a rever seus (pre) conceitos.; (...) o tema debatido foi a decolonialidade, a contribuição dos museus para a discussão e proposta de dar voz aos moradores de localidades periféricas.; FioCruz inicia consulta interna para a política interna de relações étnico-raciais e de gênero; Racismo estrutural: o que os museus tem a ver com isso?; Dia internacional da Mulher negra Latino-Americana e Caribenha; “Mulheres negras no enfrentamento da Covid 19”; “Racismo estrutural com Luciara Ribeiro”; Programa Trajetórias Negras para celebrar o novembro negro.

O Museu Espaço Ciência (PE), traz os seguintes enunciados: “Mulheres na Ciência”; A palestrante apresenta sua trajetória como pesquisadora e fala da importância da discussão da questão racial na academia; Projeto Geppeto convida escola e professores a confeccionar e descobrir as possibilidades pedagógicas dos jogos africanos.

Quanto aos silenciamentos, entendemos que eles escondem fatos importantes na história, economia, literatura e na arte brasileira. Deixando claro, a existência do racismo estrutural. Podemos observá-lo em ação quando a raça negra não tem sua negritude revelada. Isso acontece quando há a discriminação religiosa com as religiões e manifestações de matriz africana, por exemplo. Percebem o privilégio dos brancos? Eles naturalizaram a tal ponto o “medo”, deboche e inferiorização da religião que esse formato, que vem de tanto tempo, e de tal forma, que foi naturalizado.

Então para discutirmos os silenciamentos recorro a Michel Foucault na sua Análise do Discurso e Microfísica do Poder. A partir desses estudos do autor, percebemos que aqueles que exercem o poder são vistos como líderes, autoridades e têm influência sobre as decisões tomadas na sociedade. Eles podem ser governos, grandes empresas, políticos, líderes religiosos, militares, grandes patrocinadores, etc.

Assim, entendemos que o poder é reconhecido e seu alcance é amplo e as pessoas que o representam têm maior influência sobre o que é considerado normal. Esta influência manifesta-se através de leis, regulamentos, diretrizes e atitudes. Ele é usado para controlar e

regular as relações sociais, tanto no âmbito individual quanto no âmbito coletivo. Pode ser usado para promover mudanças sociais positivas, como a igualdade de direitos entre homens e mulheres, ou para manter a desigualdade de classes sociais e a exploração de minorias. Esse parâmetro atua da mesma maneira quando se trata das relações étnico-raciais.

Dessa maneira, exercitando a análise foucaultiana e aplicando-a aos silenciamentos aplicados à voz dos povos negros dentro dos museus de Ciências, eu diria que as condições que criam o que ele chama de "campo de poder" é desmembrado através de muitas estruturas e práticas díspares. É arquitetado a partir de diferentes formas de relações sociais que não são estáticas, mas sim, dinâmicas e contínuas, o que significa que o poder é criado e mantido através de convenções sociais. Além disso, o poder é uma forma de produção de conhecimento muitas vezes usado para reiterar o que é conveniente para as classes hegemônicas. E os museus analisados, fazem parte dessa engrenagem social que privilegia a maioria em detrimento da minoria. Essa prática ficou estabelecida ao entendermos durante a pesquisa que uma grande parte dos visitantes pertence à classe média, outros grupos são formados por estudantes que tem entrada gratuita por estudarem em escolas públicas e frequentam o espaço acompanhados de seus professores. Tornando essa visita, um momento cultural que não é possível de ser compartilhado com os demais familiares.

Em pesquisa realizada pelo Instituto Oi Futuro, pertencente à empresa de telecomunicações Oi, 82% do público que frequenta os museus brasileiros integram as classes A e B, cujas famílias ganham mais de R\$ 9.980 mensais. A maioria das pessoas que disseram que não frequentam museus pertence às classes C (53%), com famílias cujo rendimento médio mensal está entre R\$ 4.990 e R\$ 9.980. Outros 43% dos não frequentadores são da classe B e tem um rendimento familiar de R\$ 9.980 a 19.960 ao mês. Não foram ouvidas pessoas das classes D e E, ou seja, cujas famílias ganham menos de R\$ 4.990 mensais.

Um dado importante revelado por essa pesquisa revela que 55% dos entrevistados responderam que a primeira vez que estiveram em um museu estavam participando de uma atividade escolar. Outra questão decorrente dessa situação é que as visitas dificilmente se repetem.”

Então os museus ainda são espaços elitizado e, portanto, deduzimos que, se há o silêncio quanto a discussão sobre racismo e relações étnico- raciais dentro deste espaço de aprendizagem, esse silenciamento torna-se normatizado e naturalizado de maneira quase imperceptível perpetuando o que já está enraizado estruturalmente.

O objetivo 3 era: Examinar os efeitos de sentido e os contextos de produção de enunciados e enunciações sobre educação antirracista em páginas eletrônicas dos museus de

ciências. No Museu da Vida, a maioria dos enunciados foram produzidos por indivíduos que compunham o Comitê Pró-equidade de Gênero e Raça ou projetos, eventos e atividades da instituição voltadas para essa discussão específica, então acreditamos que os efeitos de sentidos combinavam e corroboravam para o enriquecimento da educação (anti) racista, visto serem pontuais e voltados para o tema.

Já no Museu Espaço Ciência, percebe-se que as ações, atividades ou oficinas estavam mais voltadas para datas específicas de requeriam um movimento que expressasse o envolvimento da entidade na temática. Desse modo, penso que os efeitos de sentido implícitos nas enunciações sobre uma educação antirracista têm uma possibilidade menor de surtirem um efeito que provoque mudanças nas atitudes das pessoas perante o racismo.

O objetivo 4 era: Apresentar os museus de ciências como espaços de produção de uma educação antirracista. Sabe-se que um dos principais objetivos de um museu pode ser proporcionar o acesso à informação, ao conhecimento e à cultura, permitindo que as pessoas compreendam melhor o mundo em que vivem. São locais de aprendizagem, pois estimulam o pensamento crítico e o desenvolvimento de habilidades intelectuais, além de promover o diálogo e a reflexão. Essa prerrogativa é corroborada por estudiosos como Marandino (2001), Valente (2003) e Chagas (2005). Assim, se os museus de Ciências são locais de aprendizagem e responsáveis pelas atividades, publicações e demais materiais por eles produzidos, significa intrinsecamente que podem se apresentar como espaços de produção de uma educação antirracista.

Acreditamos nessa possibilidade porque já conseguimos vislumbrar uma faísca luminosa de positividade nessa questão na criação do Comitê Pró-equidade de Gênero e Raça pelo Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro desde 2001. Outros museus não possuem esse órgão interno. Acreditamos que quando essas instituições se engajam na discussão dessa temática, elas criam um elemento que permite ao visitante ter uma experiência mais completa e significativa, imergindo na complexidade da (re) produção pelos indivíduos de posturas que colaborem para o combate ao racismo.

Para responder à questão da pesquisa que é: considerando o caráter educativo das páginas eletrônicas de seis Museus de Ciências brasileiros e o importante papel que realizam na divulgação, formação de ideias e imagens sobre a Ciência, quais os contributos para uma educação antirracista que eles apresentam? retomaremos aos dados encontrados nas páginas eletrônicas dos museus selecionados.

Nosso primeiro passo, foi criar uma nuvem de palavras a partir das informações disponibilizadas pelas instituições museais. Percebemos que a divulgação da ‘Ciência’, é o

grande foco e estudantes acompanhados por professores, compõem a maior parte do público que recebe ações educativas pontuais e direcionadas.

A Ciência, pelo que constatamos juntamente com a tecnologia são as protagonistas do desenvolvimento humano nesse século. Isto porque, na saúde, entretenimento, comunicação e processos criativos, são os agentes facilitadores da vida em sociedade. Valente, 2005, p. 200 afirma:

Alguns especialistas enfatizam o valor da cultura científica para o desenvolvimento social dos cidadãos, porque os capacita a entender a base científica da sociedade moderna de modo a desempenharem um papel ativo nos debates sociais, enquanto que outros a percebem como um pré-requisito para o desenvolvimento econômico e a inovação. (VALENTE, 2005, P. 200).

Declarada a relevância da Ciência, vamos transferir essa dimensão para as instituições que a divulgam. no caso os museus. Nesse ponto, vamos chegar na responsabilidade pela formação de ideias e imagens sobre a Ciência. E é aqui que julgamos ser o encaixe perfeito para que esses espaços proponham uma educação antirracista.

A partir da análise dos materiais já elencados, conseguimos afirmar que os museus lidam com a representação dos corpos em suas exposições etc. A maneira como os corpos são retratados e interpretados nas exposições pode influenciar na forma como o público percebe diferentes identidades e experiências. Essas representações muitas vezes reforçam hierarquias de poder e reproduzem preconceitos arraigados na sociedade.

No entanto, nos últimos anos, tem havido um movimento crescente para repensar a abordagem dos museus em relação à representação dos corpos e adotar posturas antirracistas. Isso implica em revisar as narrativas e perspectivas dominantes, envolver comunidades marginalizadas no processo de curadoria e exibir exposições mais inclusivas e diversas.

Porém, faz-se necessário refletir em até que ponto essas instituições “estão surfando” em uma onda de “apresentar o politicamente correto” para atender a uma postura antirracista e inclusiva. Essa abordagem colaborativa pode ser superficial, visto que, não existem grandes alterações na estrutura da produção nas estruturas e práticas institucionais. Será que não estão apenas atendendo a uma demanda pontual da sociedade e dos movimentos sociais, diante dos casos de racismo veiculados em todas as mídias?

Eles podem contribuir para a superação do racismo de várias formas, como melhorar o acesso a conhecimentos que proponham a descolonização como desconstrução do preconceito e identificação das raízes geraram tal comportamento. Visando quebrar esse processo reproduzido historicamente.

Consideramos como contributos para uma educação (anti) racista, as ações, oficinas, rodas de conversa, palestras, publicações com a temática racial propostas pelos museus.

Entendemos que um dos principais desafios a serem enfrentados pelos museus, seja a inclusão social nesses espaços, porque não basta estar de portas abertas para atrair, agradar e satisfazer os públicos mais diversos, julgamos ser necessário que todos os públicos tenham acesso aos espaços culturais, seja por meio de preços mais acessíveis ou de programas com ações pontuais visando alcançar as populações periféricas. Essa realidade é um espelho que reflete a estrutura social desigual da sociedade brasileira. As visitas espontâneas aos museus acontecem nas camadas privilegiadas da sociedade.

Enfim, entendemos que o museu e a Ciência por ele divulgada é produzida por corpos, os visitantes são corpos e estes, ocupam status diferentes dentro de uma lógica social que está enraizada no imaginário de todos nós. Dessa maneira, os museus inovam ao optar pela utilização de diferentes mídias (podcasts, lives) para alcançar diversos públicos. Contudo, apenas isso não basta. Faz-se necessário pessoas que produzam (curadores) ações educativas e conhecimentos que ressignifiquem, proponham e criem meios que possibilitem a reordenação dos pensamentos dos indivíduos, dando um “start” que poderá provocar mudanças de atitudes e pensamentos dentro da nossa sociedade.

Para dar sequência a essa pesquisa pretendemos buscar a representatividade efetiva dos corpos negros nesses ambientes, dialogando com diversos museus para fazer um levantamento quantitativo e posterior análise qualitativa da visibilidade dada aos corpos negros dentro dos Museus de Ciências no Brasil. O produto final dessa futura pesquisa poderia ser um livro com os dados obtidos e sugestões de discussões interdisciplinares sobre as relações étnico-raciais, para serem desenvolvidas pelos Museus de Ciências, a fim de, despertar/desenvolver a consciência crítica sobre as questões de discriminação e racismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte - MG. Grupo Editorial Letramento, 2018.

ABT, Jeffrey. The origins of the public museum. In: MACDONALD, S. **A companion to museum studies**, Carlton (Australia): Blackwell, p. 115-134, 2006.

BALLESTRINI, L. America Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2013, 11 de maio de 2013.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENNET, Tony (1995). **The birth of the museum: history, theory, politics**. London: Routledge.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Ed. Brasiliense/ Abril Cultural, São Paulo, 1995.

_____. A comunidade tradicional. In: EMBRAPA **Conhecimento Tradicional: Conceito e Marco Legal**; Embrapa, Brasília, DF, 2015; p. 21-101.

BRASIL. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. [Brasília, DF: SECAD: SEPPIR], 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10098diretrizes-curriculares&Itemid=30192. Acesso em: 5 jun. 2022.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer n.º: CNE/CP 003/2004**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Relatora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Brasília, DF: CNE, 2004. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne\(a\)rquivos/pdf/003.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne(a)rquivos/pdf/003.pdf). Acesso: 01 jun. de 2022.

CARVALHO, José Jorge de. **O Olhar etnográfico e a voz subalterna**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 107 – 147.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Hybris del Punto Cero: ciência, raza e ilustración em la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CHAGAS, M. Campo museal: redes e sistemas; anotações pessoais da palestra proferida no interior do **I Fórum Nacional de Museus de Santa Catarina**, no CIC, Florianópolis, em 13 de junho de 2005.

_____. **Le Mouvement International pour une nouvelle Muséologie et la Déclaration de Córdoba** – Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2005, v. 7, p. 51-64. ... artigos e capítulos – mario chagas. Acesso em 25 de abril de 2022

CHAKRABARTY. Provincializar a Europa: a proposta epistemológica de Dipesh Chakrabarty. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, [S. l.]**, v. 7, n. 13, p. 61–79, 2015. DOI: 10.14295/rbhcs.v7i13.303. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10633>. Acesso em: 21 nov. 2022.

COCOTLE, Brenda J. Caro. **Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea**. 2019, Disponível em: temp-X87a1s0ahKuQghS3VJ4D.pdf (masp.org.br). Acesso em: 25 de janeiro. 2022.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Walda. A gente aprendeu a técnica teatral, mas também um olhar crítico para o mundo. [Entrevista concedida ao] **Museu da Vida**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 12ago. 2019. disponível em: <https://museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1293-a-gente-aprendeu-a-tecnica-teatral-mas-tambem-um-olhar-critico-para-o-mundo>

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

DUMAS, A. G. **Corpo em Cena: oralidade e etnocenologia**. *Revista Brasileira De Estudos Da Presença*, 2(1), 120–132, 2018. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/25693>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del outro**. Hacia el origen del mito de la modernidad. Quito: Abya Ayala, 1993.

_____. **Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação**. *Revista Sociedade e Estado*. Volume 31 números 1 Janeiro/Abril 2016. p. 51-73.

ESTRELA, Celeste. **Coroação Preta**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2020.

EVARISTO, Conceição. **O entrecruzar das margens – Gênero e etnia: apontamentos sobre a mulher negra na sociedade brasileira**. In: DUKE, Dawn *et al.* (org.). *A escritora afro-brasileira: ativismo e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016. cap. 3. p. 100-110.

FANÓN, Franz. **“Racismo y cultura”**. In: *Por la Revolución Africana*. Escritos Políticos. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1956.

FIGUEREDO, B. G.; VIDAL, D. G. **Museus: dos gabinetes de Curiosidade à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: p. 113-136, *Argymentvm*: Brasília: CNPq, 2005.

FERGUSON, N., et al. **Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand**. Acesso em: 16 Mar 2020

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Felipe Baeta Neves. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2005.

_____. (2008). **Microfísica do poder** (18^a Edição). Rio de Janeiro: Ed. Graal. (Edição original de 1979).

_____. **Nascimento da biopolítica**. 2a. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

_____. Reglus. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

GADAMER, Hans-Georg. **O Problema da ConsCiência Histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2004.

GILL, D.; LEVIDOW, L. General introduction. In: GILL, D.; LEVIDOW, L. (Orgs.) **Anti-racist science teaching**. Londres: Free association books. 1ª Reimpressão, 1989, p. 01-11.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos**. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson;

_____. **Educação, identidade negra e formação de professores(as): um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167182, jan. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1\(a\)12v29n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1(a)12v29n1.pdf). Acesso em: 26 maio 2022.

_____. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. In: ESCOLA Luz do saber. [S. l.], 29 maio 2012. Disponível em: <http://educarluzdosaber.blogspot.com.br/2012/05/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-lei.html>. Acesso em: 9 ago. 2022.

GONZALEZ, L. **A mulher negra na sociedade brasileira**. In: LUZ, M. T. (org.). O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

_____. **O terror nosso de cada dia. Raça & Classe**, Brasília, DF, ano 1, n. 2, p. 8, ago./set. 1987

GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 223-246. (Coleção cultura negra e identidade).

_____. **Racismo epistêmico, islamofobia epistêmica y ciencias sociales coloniales**. Tabula Rasa. Bogotá – Colômbia, n.14, v. 1, p. 341-355, 2011. Disponível em: <https://tinyurl.com/y9ma3lhp>. Acesso em: ago. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000. 102 p.

HOOKS, Bell **Olhares negros: raça e representação**; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p. ISBN 978-85-93115-21-9

HOOPER- GREENHILL, E. **Education, Communication and Interpretation: towards a critical pedagogy in museums**. In: The Educational Role of the Museum, p. 3-25, London: Routledge, 1994.

IPEA; FBSP. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em: 26 ago. 2022.

LANDER, Edgardo et al. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LOPES, M. M. **A favor da desescolarização dos museus**. In Educação e Sociedade, v. 40, p. 443-455, dez, 2006.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3), setembro-dezembro/2014, p. 935-952.

MACHADO, C.E.D. **Ciência negra: uma proposta para a descolonização do conhecimento**. *Revista O Menelick 2º Ato*, 2015. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/mais/ciencia-negra>. Acesso em: 15 maio 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: CASTRO-GÓMEZ, S., GROSGOUEL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Colombia: Siglo del Hombre Editores, pp. 127-167, 2007.

MARANDINO, Martha. **O conhecimento biológico nas exposições de museus de Ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 12 setembro. 2021.

_____. (2009). **Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias**. *MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO* - v.2 n.2 - jul/dez de 2009. <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmu>. Acesso em 20 dez. 2022.

MARTIN, B. (2007). **Activism, social and political**. In Gary L. Anderson and Kathryn G. Herr (Eds.), *Encyclopedia of Activism and Social Justice*. Thousand Oaks, CA: Sage. Disponível em: [Activism, social and political \(bmartin.cc\)](http://activism.socialandpolitical.bmartin.cc). Acesso em 25 nov. 2022.

MENTIMETER, 2022. **Word Cloud: crie Nuvem de Palavras ao Vivo - Mentimeter - Mentimeter**

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad**. Buenos Aires: Del signo, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. 2003. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação PENESB em 5 nov. 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidadee-etnia.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

_____. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre o discurso anti-racista no Brasil**. *Revista Resgate*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 17-24, jan. 1996. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645505/12810>. Acesso em: 05 jun. 2022.

_____. **Teoria social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**, p. 02. In [Microsoft Word - Teoria Social - 1\252 semana - Introdu\347\343o](https://www.microsoft.com/pt-br/word/2016/12/252-semana-introducao) (mpj.mp.br). Acesso em: 10 jun. 2022

MUNANGA, K. (org). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. . Acesso em: 14 dez. 2022.

NORA, Pierre. “**Entre Memória e História: a problemática dos lugares**”, In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dez.1993.

OLIVEIRA E CANDAU. Luiz Fernandes de. Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. 2010. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26 , n.01 . p. 15-40 . Disponível em: [01 - luiz oliveira e vera candau.qxp \(scielo.br\)](#) Acesso em 25 de janeiro de 2023.

QUIJANO, Aníbal (Ed.). **Des/colonialidad y bien vivir: un nuevo debate en America Latina**. Lima: Editorial Universitaria, 2014.

RIBEIRO. Luciana. Live **Racismo Estrutural**. <https://portal.fiocruz.br/video/live-racismo-estrutural-com-luciana-ribeiro>. Acesso em 06 de julho de 2020.

RIBEIRO, Wagner Costa. **A quem interessa a globalização**. *Revista ADUSP*, n. 2, p. 18-21, 1995.

SACRISTAN, Gimeno José. **A educação que temos, a educação que queremos in Francisco Inbernón: A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**, Porto Alegre: Artimed, 2001.

SANTOS, B. S.(org.). 2003. **Democratizar a democracia – Os caminhos da democracia participativa**. Porto: Afrontamento.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 22a ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. **A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de Biologia**. 2010. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em:

<file:///C:/Users/Windows/Documents/MESTRADO/Tese%20Elenita.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SILVA, Maria José Albuquerque, BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural**. Diversa. Ano I.

SILVA. Mauricio. **Afrocentricidade: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola**. *Rev. educ. PUC-Camp.*, Campinas, 21(2):255-261, maio/ago., 2016. Disponível em: (PDF) Afrocentricidade: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola (researchgate.net). Acesso em: 15 de janeiro de 2023.

SHOAT, E.; STAM, R. **Multiculturalismo, cine y medios de comunicación**. Madrid: Paidós, 1997.

SORJ, Bila. **Brasil@povo.com.: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

SOUZA. Emerson. **Os indígenas brasileiros: sob a perspectiva ameríndia**. *Jornal da USP*. 2022. Disponível em: [Os indígenas ontem e hoje: sob a perspectiva ameríndia – Jornal da USP](#). Acesso em: 22 de novembro de 2022.

TUCHERMAN, I. (2004). **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Veja.

VALENTE, M. E. A. **A Conquista do caráter público do Museu**. In: GOUVEIA, Guracira et al (orgs). Educação e Museu. A construção social do caráter educativo dos museus de Ciências. Rio de Janeiro: Acesso p. 21-46, 2003.

VALENTE, M. E., CAZELLI, S. e ALVES, F.: **Museus, ciência e educação: novos desafios. História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, vol. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

YOUNG, IRIS M. **Justice and the politics of difference**. Princeton: Princeton University Press, 1990.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo II. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2017.

_____ **Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial**. In: Memórias del Seminario Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.

.WERNECK, J. **Racismo institucional e saúde da população negra**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/123044>. Acesso em: 25 out. 2021.

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-Internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em 08 de dezembro de 2022.

<https://www.correio24horas.com.br/Conheça-projetos-sociais-que-transformam-a-cara-da-moda-em-Salvador> - **Jornal Correio** ([correio24horas.com.br](https://www.correio24horas.com.br)) Acesso em: 15/12/2022.

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32703/1/Tese_Rosangela_Souza_A.pdf